



Revista da
Academia
Mineira
de Letras

ANO 95º – VOLUME LXXV – 2016

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Fundada em 25 de dezembro de 1909
 Rua da Bahia, 1466 – Telefax (OXX31) 3222-5764
 CEP 30160-011 - Belo Horizonte-MG
 www.academiamineiradeletras.org.br
 atendimento@academiamineiradeletras.org.br

DIRETORIA AML

Presidente: Elisabeth Fernandes Rennó
 de Castro Santos
 1º Vice-presidente: Amílcar Vianna
 Martins Filho
 2º Vice-presidente: Yeda Prates Bernis
 Secretário Honorário: Oíliam José
 Secretário-Geral: Márcio Sampaio

Primeiro Secretário: Patrus Ananias
 Segundo Secretário: Fábio Proença
 Doyle
 Primeiro Tesoureiro: Manoel Hygino
 dos Santos
 Segundo Tesoureiro: Ângelo Barbosa
 Monteiro Machado

REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Publicação trimestral

Publicação trimestral

Diretora: Elisabeth Rennó

Editor: Manoel Hygino dos Santos

Revisão: Pedro Sérgio Lozar

Digitação: Marília Moura Guilherme

Capa: Liu Lopes

Diagramação: Raquel de Moraes Mariani

Impressão: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais

Ficha Catalográfica

Revista da Academia Mineira de Letras – Ano 95º – volume LXXV
 Revista da Academia Mineira de Letras/Academia Mineira de Letras / V. LXXV/
 2016.
 Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 2016.
 Fundada em 1922
 1. Literatura – Periódico. 2. Obras Literárias I. A

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
NO ÁPICE DA CAMINHADA <i>Carlos Bracher</i>	9
UM PINTOR NA ACADEMIA <i>Angelo Oswaldo de Araújo Santos</i>	21
ASCENDENDO À PRESIDÊNCIA <i>Elizabeth Rennó</i>	25
CHEGANDO À ACADEMIA <i>Rogério Faria Tavares</i>	29
RECEBENDO ROGÉRIO TAVARES, O ACADÊMICO-BENJAMIM <i>Olavo Romano</i>	35
MIGUEL TORGA EM MINAS NO TREM DE FERRO DE PEDRO R. MOREIRA <i>Danilo Gomes</i>	41
O TEMOR DA CRÍTICA E A DÚVIDA <i>Carmen Schneider Guimarães</i>	43
POESIA FEMININA <i>Yeda Prates Bernis</i>	47
COMUNICAÇÃO E IDEOLOGIA CONSENSUAL <i>Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho</i>	59
TOMÁS MORE: político e santo <i>José Carlos Brandi Aleixo</i>	63
PADRE MESTRE <i>Elizabeth Rennó</i>	67
ATOS DE FÉ E AFETO (<i>Santos de devoção de Minas</i>) <i>Márcio Sampaio</i>	85
O FATO NOVO <i>Pedro Rogério Moreira</i>	91

PSICOTRÓPICOS	
<i>Lucas Monteiro de Castro</i>	97
LEMBRANDO FAUSTO ALVIM, O NOSSO BAOBÁ	
<i>José Maria Couto Moreira</i>	101
O AMIGO ESCRITO DE MONTEIRO LOBATO	
<i>Enéas Athanázio</i>	103
LYDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO EM BREVES TRAÇOS	
<i>Anderson Braga Horta</i>	109
GRAMÁTICA PARA QUÊ?	
<i>Márcio Alessandro de oliveira</i>	113
INCONVENIÊNCIA DA EXCLUSIVIDADE NA DIVULGAÇÃO DE TEXTO	
<i>José Raimundo Gomes da Cruz</i>	123
A FAMÍLIA DO VURDALAK	
<i>Aleksêi Tolstói</i>	125
A VOZ DA FAVELA	
<i>Paulo Paranhos</i>	147
SÁUDE: UM ATO DE AMOR	
<i>Luis Carlos Marzano</i>	151
PLUS JAMAIS	
<i>Ubirajara B. Franco</i>	157
CAMINHANTE	
<i>Olavo Romano</i>	159
CARRO DE BOI	
<i>Gérson Cunha</i>	161
O ENGENHEIRO POETA	
<i>Paulo Mattoso</i>	163
NA PEGADA DOS VERDES	
<i>Manoel Hygino</i>	165
OBRAS RECEBIDAS	171
PATRONOS, FUNDADORES E OCUPANTES	175

APRESENTAÇÃO

Chega aos leitores de várias regiões do país mais uma edição de nossa Revista, que completará seu centenário de fundação dentro de cinco anos. A publicação é fruto de um projeto que vem enfrentando as agruras do tempo e as circunstâncias adversas de sucessivos períodos da vida brasileira.

Temos conseguido superar os obstáculos de cada dia e hora. É a voz de Minas, impressa e expressa, para que o Brasil se inteire de sentimentos, pensamentos e perspectivas dos autores deste estado, ao lado daqueles escritores que, além de nossos limites, se aliam com suas colaborações aos nossos propósitos e ideais.

Esta a via em que transitamos.

O presente número apresenta dois discursos de posse e recepção, devido ao pequeno espaço de tempo entre as duas solenidades. Os textos dos empossados obedecem à ordem de data de sua posse na Casa de Vivaldi, os demais textos dos acadêmicos continuam por ordem numérica das cadeiras que ocupam.

NO ÁPICE DA CAMINHADA*

*Carlos Bracher***

Senhoras e senhores, membros da Academia Mineira de Letras, amigos e familiares aqui presentes, prezado Presidente, Acadêmico Olavo Romano, meu querido amigo de 40 anos, Acadêmico Angelo Oswaldo.

Nós somos o que somos, filhos de um lugar, ou nos tornamos embriões genéticos e telúricos do local onde nascemos. Assim formula-se a história de um indivíduo, a saga que lhe é colocada pela vivência.

Na medida do tempo, criamos uma interação inalienável com uma região, enquanto falas individualizadas de nossa trajetória. Uma árvore, um rio, o quintal de minha casa, crepúsculos, luas, as sombras que velam as coisas passam a ser parte de mim, numa troca invisível dos cheiros e formas, cores e sentidos, dos desejos e pessoas diante de uma sedução claramente encantada.

Tudo nasce dessa intimidade de afetos a nutrirem evocações mágicas e fundas de uma conjuntura espectral, onde a poesia brota entre os homens, os espaços e a face oculta da natureza. Portanto, a importância dos lugares, das sensações que se estabelecem no dia a dia, meses e anos, a força das lembranças avultando-se indefinidamente, de uma herança espacial das origens. Como espécie de paraíso da vida; que se vai ampliando em demais outros, territoriais e progressivos, da infância à velhice. Porquanto aquele inicial demarca-se como símbolo, lacre da partida, o brandir do primeiro amor – a nos alçarmos às asas do mundo.

Somos uma mescla dinâmica das ilações confrontantes, entre nós, o universo e as definitividades estabelecidas. Viver é trocar, dar largos sinais de permanências, eternas instâncias onde o homem vai emergir frente a vetores imemoriais de suas moléculas intangíveis. É como nos fala Chagall: “O mundo só existe no que está dentro da minha alma.”

Meus pais, irmãos, avós, filhos, primos, sobrinhos, tios, netos, os amigos, a escola, bairro, a família, vizinhos, viagens, comidas, as pedras das calçadas, o barranco e as pontes são fragrâncias intocáveis de nossos corpos imaginários, de uma memória renhida.

* Discurso de posse pronunciado no dia 6 de maio de 2016.

** Artista plástico e escritor, 3º sucessor na cadeira nº 32, sucedendo ao professor Almir de Oliveira, bracher@superig.com.br

Existe uma insuspeita afirmação de que somos “produtos de um meio”, do que ninguém discorda. Jamais se poderá duvidar desse conceito, da formação dos seres como advento de estruturas vivenciais de onde provêm. Cada um tem seu torrão, o ramo de conquistas de seus sentimentos, as alocações sensoriais e sensíveis que se superpõem. A história dos homens – dos pequenos aos grandes – é também a história de seus lugares, podendo ser uma simples roça ou imensa cidade, seja o sertão para Guimarães Rosa; Itabira para Drummond; Brodósqui para Portinari; o Rio de Janeiro para Machado e Vinícius; Santo Amaro para Caetano e Bethânia; Lisboa para Pessoa; Florença para Michelangelo e Dante; ou Salzburgo e Viena para Mozart, valendo tanto aos anônimos quanto a Shakespeare, Bach, Beethoven, Van Gogh, Cézanne, Picasso, Gaudí, Dostoievski e Stravinski – todos fortemente marcados por suas terras natais.

Passado, presente, futuro, somos uma chama do universo e conosco ele está e estará. Onde estivermos. Poética, prismática. Insolúvelmente. E é Tolstói quem nos lança o célebre desafio: “Canta tua província e serás universal.” Vida, a vida – eis a questão. E assim se constrói uma civilização, pelos feitos de seus filhos na progressão de fazeres que se somam num longo e ingente processo individual e coletivo.

Meus queridos, hoje, 6 de maio de 2016, muito mais que um evento social ou cultural, efetiva-se num ápice instante de minha caminhada algo que jamais pudesse imaginar. Tomar posse numa dessas cadeiras de magnas expressões mineiras é nacionais faz-nos redimensionar complexas questões e refletir o que somos, nossa organicidade, os reais quadrantes que nos perfazem e sustentam. Assim, se me permitirem, gostaria de lhes dizer um pouco do que foi minha formação, donde venho, quais fatores.

Numa palavra, talvez a elegeisse, esta – a arte – como a subjacência central de minha peregrinação. Jamais outra colocar-se-ia melhor entre mim e a existência, pois, além de meu próprio ser, ela alastra-se igualmente por minha conjuntura familiar, toda constituída de artistas há gerações. E esse tem sido meu devotar exclusivo de 60 anos sequentes dos 75 totais, nessa insana busca diária de me ver, me possuir e me ser vivente ao mundo da arte.

Se lhes faço tal colocação, hei de revelar-lhes de universos e ententes outros, de um preito em mim insidioso – que não vem só da minha pessoa, esse tão parco homem que sou – mas de um extenso condão que se insere no dorso essencial, delineando-me os desvãos cabais de minha entidade humana e artística.

Quando falo de “meio”, começaria da cidade a dar-me berço, aquela nos flancos da Zona da Mata mineira, para sempre amada terra, Juiz de Fora. Foi naqueles montes, naqueles vales de céus que me vi diante de uma empreitada, do nascer aos dias atuais, de algo, diria até mesmo, quase votivo de incidências, de figuras e verbos, os próximos e distantes donde uma cercania terrena fez-me ver compreender e preponderar o que sou, física, psicologicamente.

Portanto, minhas cláusulas pessoais não advêm apenas de mim, porém, da configuração amplificada desse contexto urbano e familiar, evocando-me o chão de equivalências estelares. E não o digo das estrelas altíssimas, daquelas que se divisam de distâncias longínquas espargindo seus brilhos monumentais, não. Eu sou essa fraca luz, de pequena, a mais ínfima, a sonora de um vasto silêncio de opacidades.

Ao falar de estrela desejaria dizê-la no sentido da grandiosidade em si, do que ela possa ser numa figura, de oferecer-lhe a excepcionalidade de um talento prodigioso, como se percebe, por exemplo, no fulgor de um grande mestre. Ao contrário, me situo, queiram entender-me. Não sou largo o suficiente, tenho a estreiteza de minha vulnerabilidade. Todavia, gostaria de ponderar que minha terra ofertou-me tudo, exatamente o tudo e o tanto que sou – o que dela consegui absorver.

Em Juiz de Fora, a literatura foi sempre a estrela-mor de nossa expressão artística. Local de nascimento de poetas múltiplos e escritores brilhantes, são eles que perfazem a magnitude de nossa constelação. E o são em dezenas, centenas no tempo, mas entre a noite e o dia, entre as trevas e as entranhas é, sobretudo, a terra de dois imensos: Murilo Mendes e Pedro Nava.

Estamos todos ali regidos por um andamento psicográfico fecundo, de nossas avenidas, morros e matas, as casas e as sendas, o Rio Paraibuna que nos cerca, colégios, teatros e museus, as nuvens que nos enlevam, pensamentos e alumbramentos, somos um entretrecho formado por evocações de um passado de feitos fulgurantes, diante da nação, e onde exatamente elas – a palavra e a condição literária – fazem-se regências norteadoras a nós, os juiz-foranos, de todas as épocas, como a realidade mais abrangente e precípua.

E, talvez, em Murilo Mendes esteja, não só sua autodefinição quanto seja a própria parábola angular da cidade. Eis sua frase enigmática: “Não sou meu sobrevivente, e sim meu contemporâneo.” Ei-los, poeta e cidade, em espécie, desígnio e fatalidade, as perplexidades ambientais, sociais e duais, sendo ele mesmo um produto desse meio. Consciente ou inconscientemente, diante de um poder dialético nos encontramos – filosófica, antropologicamente, resguardados de avultamentos, ambivalências e ressurreições – donde os conterrâneos se vêm atrelados frente de contradições de si, dos paralelismos existenciais e à sagração da criação.

Nós somos o que são nossos mistérios, dessa necessidade imperiosa de possuir passos, ventos e ventanias, melodias e abismos de estados subjetivos. Em Juiz de Fora mais que aprendi, muito mais, aprendi tais equações que se tornam mobilizadoras, da arte, como fim supremo das coisas. Entende-se, por conseguinte, ser ali afortunado recinto de artistas de todas as modalidades, música, pintura, literatura, teatro, dança, cinema, arquitetura.

Por outra vertente, foi também importante ponto de chegada de imigrantes – italianos, portugueses, ingleses, espanhóis, africanos, sírios e libaneses – mas

principalmente foram os alemães a propiciarem uma contextura diferenciada, a partir de meados do século XIX, quando lá instalou-se uma leva de 1.500 germânicos, num universo de apenas 900 nativos.

Muito certamente, a fabulação dessas gentes trouxe contribuição de especial valia ao cenário geral da urbe. Porque em decorrência deles começam a surgir, desde o Dezenove, escolas específicas para o estudo desses estrangeiros, erguendo-se belíssimos colégios, hoje centenários, como o Granbery, Academia, o extinto Stella Matutina, Santa Catarina, Santos Anjos e muitos outros, vindo com eles mestres e professores de alta qualificação, propiciando a elevação científica, intelectual e moral à cidade e regiões circunvizinhas.

Se pudéssemos constatar clara verdade sobre Juiz de Fora, concluir-se-ia que um de seus principais sustentáculos terá sido, com absoluta certeza, o ensino de esmerada qualidade, não só de outrora quanto de agora. E o outro, obviamente, a sua reconhecida expressão nacional – no campo industrial, sobretudo no passado – em que ela tornou-se pioneira no Brasil em muitos setores e onde se construiu a primeira hidrelétrica da América do Sul, um ósado feito de Bernardo Mascarenhas, o jovem engenheiro de Curvelo que estudou na Inglaterra.

A partir daquele histórico evento hidrelétrico, proliferaram-se vários outros, vanguardistas e em sequência – anteriores mesmo ao Rio de Janeiro, a então capital brasileira – entre eles, de ter sido a segunda cidade no país a possuir iluminação elétrica nas vias públicas, também a segunda a ter bondes eletrificados como meio de transporte. Muito frequentador da cidade, Manuel Bandeira os observa: “Teus bondes sem pressa dando voltas vadias.”

Na Campanha Civilista à Presidência da República, em 1910 Ruy Barbosa, percorrendo o Brasil, ao chegar em Juiz de Fora e percebendo sua pujança industrial cognominou-a “Manchester Mineira”, aludindo à famosa cidade industrial inglesa.

Uma sociedade evolui por inteiro, por seus múltiplos segmentos, econômicos, educacionais, sociais, culturais. E a partir da riqueza dos cafezais no entorno e na extensa Zona da Mata, e o acentuado desenvolvimento de seu parque fabril – consolidado através dos investimentos dos ricos latifundiários do café (fenômeno similar a São Paulo), entre os quais, Mariano Procópio. Da mesma forma que o ouro propiciou o florescimento cultural de Vila Rica no século XVIII, o café e a indústria trouxeram sofisticação a Juiz de Fora no XIX, com a construção de teatros, livrarias, editoras, diversos jornais diários, revistas, conservatórios de música, escolas de arte e grupos literários.

Nesse sentido, dois fatos se evidenciam: a edificação do palacete Mariano Procópio, em 1861, museu que possui dos mais preciosos acervos do Império Brasileiro; e o requintado Cine Teatro Central, construído em 1929 e ricamente decorado por Ângelo Bigi, tendo capacidade para 2.300 lugares (somente 200 menos que o Teatro Municipal do Rio, com 2.500), numa população à época

de apenas 50 mil habitantes. Nessa consonância de sonoridades artísticas, novamente ouvimos a voz de Murilo Mendes: “Juiz de Fora era uma cidade cercada de pianos por todos os lados. “Visitante e amigo de intelectuais locais, Arthur de Azevedo a chama de “Atenas Mineira.”

Então, diante dessa efervescência geral, é fundada esta própria Academia Mineira de Letras, em 1909, aos moldes da Academia Brasileira (de 1896) e da Francesa. Curiosamente, foi designada não de “municipal”, porém, já antevendo seu futuro maior, “mineira.” Posso até imaginá-los, aquela plêiade de poetas, jornalistas e escritores conterrâneos, tão felizes, criando esta entidade e a ela imprimindo o sensível dístico “Scribendin nullus finis” (Escrever não tem fim), em plena noite de natal, na Câmara Municipal, corroborando a glória literária da cidade.

Numa análise mais ampla e dentro da historicidade de seu transcorrer, Juiz de Fora caracteriza-se por dois aspectos fundamentais: o industrial, por um lado; e o estudantil, por outro, conectando-se, ambos, a um terceiro – fortíssimo e crucial – dos sentidos culturais e artísticos. Nessas vertentes encontramos-nos nós, entre trabalhar e estudar, entre criar e prospectar os clamores essenciais de nossa vocação, o que talvez explique sua natureza de cidade permanentemente produtora de talentos em todas as áreas.

E sob noção outra, há que se ater à benéfica proximidade geográfica com o Rio de Janeiro, a dar-nos a extensão de nossos horizontes – o mar e as constelações dos avanços, os sonhos hemisféricos continentais, o porto e a nave de nossa própria fulgurância.

Ninguém menos que Pedro Nava a descrever tal relação, de Juiz de Fora com o Rio, e logo no primeiro parágrafo de sua obra-prima, “Baú de Ossos”, assinala: “Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais. Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues, ao menos da variante aberta pelo velho Halfeld, e que, na sua travessia pelo arraial do Paraibuna, tomou o nome de rua Principal e ficou sendo depois a rua Direita da Cidade do Juiz de Fora. Nasci nessa rua no número 179, em frente à mecânica, no sobrado onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção do Milheiros e Mariano Procópio. A da rua do Espírito Santo e do Alto dos Passos. A primeira é o rumo do mato dentro, da subida da Mantiqueira, da garganta de João Aires, dos profetas carbonizados nos céus de fogo, das cidades decrepitas (...) A segunda é a direção do oceano afora, Serra do Mar abaixo, das saídas e das fugas.”

Se, por uma visão imagética, o Rio de Janeiro; por outra, Minas, a Minas profunda de Vila Rica dos nossos troncos, raízes ancestrais a perfazer a seiva definitiva de nosso caráter, referência, mineiridade. E é na antiga capital do estado onde outro conterrâneo, Gilberto de Alencar, vai ancorar seu livro “Tal dia é o batizado”, atraído pela Inconfidência Mineira. Também Murilo Mendes segue à

Cidade do Ouro a buscar semblantes de outrora ao seu “Contemplanção de Ouro Preto”, de 1954, às essencialidades mineiras. Bem assim, no “Roteiro Lírico de Ouro Preto”, de Affonso Arinos de Mello Franco, é Pedro Nava que o ilustra.

Juiz de Fora situa-se estrategicamente numa região limítrofe de dois estados – Minas e Rio de Janeiro – onde a Estrada União e Indústria, a primeira de pavimentação asfáltica no Brasil, construída em 1861 pelo engenheiro alemão Henrique Halfeld por solicitação de Mariano Procópio, ligando a cidade a Petrópolis, veio a ser a artéria a unir tais povos num só polo, numa só nomenclatura interestadual em que as questões culturais se estreitaram e passaram a ter identidades muito próximas.

Senhoras e senhores desta Casa de Alphonsus e Vivaldi, gostaria de dizer-lhes de uma coincidência entre mim e os dois escritores ora citados, pois sou da mesma Zona da Mata de Vivaldi Moreira, por nascença; e de Alphonsus de Guimaraens, por opção, onde resido há 45 anos.

Se pudesse externar-lhes um pouco mais de mim, diria: sou na verdade uma resultante de tudo que lhes disse, porque sou, efetivamente, uma síntese do lugar onde nasci. Entretanto, para além da cidade em si, venho de uma casa dentro desse lugar, que é donde provenho, especificamente, a casa de meus pais, aquela a clarear-me ares e esferas. E, se proferisse a última palavra, então diria: sou fruto de uma casa verdadeiramente encantada, de pessoas, vibrações, doações e alentos; de sonhos, encantos, encontros. E vida.

Aquela nossa casa não era nossa, era de muitos, de todos, necessariamente de todos, os díspares e os pares, os tipos mais diversificados possíveis: artistas, filósofos, músicos, idealistas, sonhadores, poetas, pensadores, místicos, cientistas, intelectuais, anarquistas, uma vasta tribo de várias faces num só contexto, um só enlevo de trocas mútuas sem cessar de afetos e saberes, e onde a generosidade foi o fiel de uma balança inalterável por gerações, dia e noite estendida como comunhão entre seres soerguidos em busca das verdades do espírito, do espírito e da alegria, partilhando-se uma tertúlia coletiva unificada, entre os da casa e os amigos, tantos, infindáveis. Dentre os quais cito um – Olívio Tavares de Araújo (a quem agradeço a honrosa presença nesta cerimônia) – definindo-a como “loucura amorosa.”

No livro “Bracher”, de 1989, Métron Editora, eis o depoimento de Olívio, “(...) Éramos um punhado de adolescentes, vivendo uma fase borbulhante de nossas vidas e da cultura brasileira. Os tempos mudaram, e hoje já não há campo para arroubos tão intelectualizados nessa idade. (...) Waldemar Bracher (pai de Décio, Celina, Paulo, Nívea e Carlos) foi uma figura peculiaríssima, e com ele começa, sem dúvida, o clima de “amabilisinsania” que caracteriza os Brachers em Juiz de Fora em especial (...). A “amabilisinsania” – a qual, segundo Horácio (que assim a denominou), afeta inevitavelmente os poetas e artistas? Creio que a percebi desde o primeiro instante, ao entrar, em meados dos anos 60 na Casa dos Brachers.

Houve época em que, na casa, tudo se vendeu, menos ela mesma e o piano. Até hoje o Castelinho é visto pela vizinhança como um ninho de excêntricos – embora a fama nacional de Carlos Bracher tenha acabado com qualquer outra eventual restrição da comunidade.”

No documentário “Carlos Bracher – Retrato Intenso”, do mesmo ano, continua Olívio: “(...) A Família Bracher ativava aqui em Juiz de Fora, incrivelmente, o meio cultural, através de uma galeria de arte chamada Celina, que era uma homenagem a Celina, irmã de Carlinhos que havia morrido precocemente. Era um instante de muita atividade, muita ebulição, de muita curiosidade intelectual de todo mundo. O que me fica mais presente talvez seja a lembrança de o quanto, neste momento de nossas vidas, esta casa, estas pessoas e estas famílias foram importantes. Só eu sei o quanto cada um viveu, pessoalmente, aqui dentro. Eu me lembro de que nós tínhamos um exercício de absoluta liberdade, que a casa era também a casa de cada um de nós. Seu Waldemar e D. Hermengarda nos apadrinhavam, nos perfilhavam, e nós fazíamos da Casa Bracher um ponto de refúgio, que talvez nós não tivéssemos, naquele momento, nas nossas próprias casas (...).”

Faço digressões de tais cenários, para esclarecer que não venho de nenhum talento específico ou de miragem alguma especial. Contudo – e o digo de meu coração – posso asseverar que sou descendente de uma reciclagem de gente, dessas que vi perante meus olhos, um brado pulsante e mágico em que todos, os da família e os demais, se beneficiaram e saíram, como eu próprio, melhores, maiores, como seres e criadores, daquela vastíssima poesia humanística ali encetada no velho Castelinho da Rua Antônio Dias.



O Castelinho dos Bracher em Juiz de Fora

É na recente retrospectiva intitulada Carlos Bracher, Pintura e Permanência, com curadoria de Olívio Tavares de Araújo – um comovente e memorável presente de minhas filhas – cujas mostras percorreram o Centro Cultural Banco do Brasil de Belo Horizonte, São Paulo, Rio e Brasília, além do Centro Cultural Usiminas (um êxito absoluto com quase 500 mil visitantes), havia a reconstrução de nossa casa, e logo à entrada foi afixado um breve texto de minha autoria, intitulado “A casa de almas entrelaçadas: Com a de sala aqui reconstituída nos mínimos detalhes, as peças, os quadros e móveis originais, nossa casa de Juiz de Fora foi a seara de minhas primeiras estrelas, que se abriram em mim em constelações dos universos artísticos e humanos imemoriais. Neste ambiente pude compreender o que somos, pessoas e artistas, desse hemisfério equidistante donde transitamos nossas almas entrelaçadas: dores, alegrias, alquimias e pensamentos, a ação que move a mão ao insondável desejo das belezas incoercíveis.”

“Nessa casa sonhei os sonhos das manhãs, vi luas e sóis entreabrindo-se em meu dorso, entre cores e falas de meus manos pintores, o amor de meus pais e a generosidade da arte imantando-nos para sempre, frente a inumeráveis amigos, por essas paredes que parecem guardar-nos às esferas infindas, de tanta vida, tantas faces indizíveis, as saudades e as memórias, sons e verbos de uma cantata imaginária descerrando-se em nós como halos irrelatáveis, as formas, os ladrilhos, portas e vitrais do que sou, que serei, em mim transpostos dos meus seres, a própria existência que carrego, da condição nossa de deixarmos a terra e alçarmos às asas etéreas da arte.”

Creio nos seres humanos, creio na bondade, creio nessa reta que se ergue em torno de certos valores; creio na expansão que nos toca a um além invisível, creio ainda numa espécie de harmonia de imenso fulgor; creio na arte como forma de salvação, no espírito e na espiritualidade. Creio nas infinitudes desse verbo real e irreal de que somos formados: a igualdade. E na condição de entendimento, diálogo e respeito às diversidades étnicas, culturais e particulares de cada povo. Creio enfim nesse designio cabal, a margem translúcida das coisas, dessas vestes a conquistar-nos com a definitividade suprema do que somos: a imponderabilidade, a relatividade.

Viver é um embate insano e múltiplo ao mesmo tempo, de tēmporas inglórias e desvãos possuídos, onde nos traduziremos por subjetividades de imenso espectro, conquanto sejamos, não mais e apenas, vagas constelações que jamais saberemos compreender. A beleza vence os tempos e se apropria da eternidade, como o amor, essa sanha que se alastra e se ilumina, vislumbrando-se aos códices eternos, aonde só chegaremos pela humildade. A natureza da arte é atingir a alma humana, de pertencer-lhe e ser dela copartícipe nas vastidões mais amplas possíveis.

Nossa empreitada é avançar. E a cada dia há um novo dispor. De auroras e poentes, circunstanciais a cada instante nesse exercício recorrente de sempre acreditar. A vida é um ato que independe de crenças, embora sejamos um acúmu-

lo delas (mesmo as culturais), de uma lógica indeterminada. De fato, nada mais simples – e nada mais complexo – que viver.

E diante da obscuridade das decisões, logo que chegamos da Europa, em 1971, a Fani e eu estávamos frente a um tremendo impasse, qual era o de “onde morarmos”, a partir da longa viagem europeia. Após muito refletir, optamos pela rota inversa, a do norte. Não aquela quase costumeira, a juiz-forana natural, do sul, do mero descer a Serra de Petrópolis às vagas do mar em direção ao Rio, não. Preferimos a outra, inversa, a íngreme e insólita rompendo os contrafortes da Mantiqueira a levar-nos às sesmarias encantadas de Aleijadinho, Ataíde e Gonzaga, Guignard, Marcier e Drummond, às mesmas trilhas ainda pelos conterrâneos de antes, Gilberto de Alencar, Murilo Mendes e Pedro Nava – da Velha Minas.

Com nossos sonhos perfilados e os olhos imantados de tanto brilho, viemos fincar raízes, buscar brumas sensações a aqui lançarmos as bases de uma nova matriz, desbravando a fonte de nossa dupla história – da Fani e a minha –, em Ouro Preto, onde estamos até hoje, na mesma casa matricial. E aqui, não só arte, não só cultura e pintura, mas esta cidade tornou-se o berço de nossas pérolas sublimes: as filhas Blima (jornalista) e Larissa (atriz), onde as criamos e demos nossos sumos à família que construímos.

A arte talvez seja o advento mais natural da percepção humana, algo espontâneo que se processa sem querer, que nasce, se sedimenta e se torna grandioso como um feito notável da necessidade indômita de seu criador. Que pode ser a qualquer momento, em qualquer idade, sem data alguma marcada. E lembro-me do ocorrido comigo mesmo naquele gesto adolescente. Eu tinha 13 anos e num repente, um dia peguei um carvão, subi uma longa escada e lasquei direto no alto da parede, na garagem de nossa casa, essa frase tão singela, todavia já reveladora de alguma perplexidade, ainda que juvenil. Era assim: “Sou um simples que passa sem lugar definido.”

Essa terá sido minha primeira manifestação criativa, antes mesmo de me lançar à pintura, só ocorrido aos 15 anos. Desde então, não parei mais, seja com idêntico carvão que até hoje uso para desenhar as telas, sejam as palavras sobre folhas, com meu lápis 6B, como agora o faço no papel A4.

Voltando aos 13 anos, foi nessa idade que ingressei na Louçarte, uma fábrica de louças pintadas à mão, de meu pai. Lá trabalhei como operário por três ou quatro anos, moldando peças ou empacotando-as. Das riquíssimas experiências que tive. Trabalhava de dia e estudava à noite na Escola Normal. Na exposição realizada no Museu de Arte Murilo Mendes, em 2011, sobre tais louças, escrevi o texto – “Ar, arte, louçarte: cantata operária.”

Pintar é escrever são faces de um corolário incognoscível que se traduz nos estuários de minhas abstratas perquirições, de conhecer-me em espírito e espécie pelos designios artísticos. Por vezes escrevo, por vezes vou à paleta e me debruço no estirar de telas, gestos e cores.

A arte é uma hipótese metafísica e metafórica do gênero humano, que nela se lança e se expande em demasia. Pintar e escrever são, ambos, células uníssonas de emoções que se clareiam vertiginosas em átimos progressivos, desconcertantes, impiedosos, abissais.

O apenas visível é muito pouco, temos que seguir a dinâmica anímica de nossa essência, se quisermos conquistar a chama da grande arte. Faço minhas pinturas com o mesmo ímpeto que escrevo. Há uma clara analogia entre elas, e as cores se tornam palavras, como essas se revelam em cores dentro de uma sincronicidade, transcendente e estética, de extravasar sentimentos.

O meu ateliê é o recinto de minhas entregas e nele habito como um pássaro voa. Eu voou, aqui, neste pequenino espaço de minhas paixões, ouvindo Bach, Beethoven e Mahler, na Ladeira do Carmo, com a visão de Ouro Preto ao fundo, seus montes minerais e suas brancas igrejas salpicadas, que os vejo, implacáveis em delírios, o mesmo cenário, há quase meio século.

Queridos amigos e familiares, meus caríssimos confrades, conquanto a vida seja uma caminhada quase vã de meus próprios passos, não sei o que me traz a esta tão nobre casa. Só – e o que me fica de provável – talvez seja o meu próprio embate, entre estrelas e incertezas, entre o ser e o fabular, divagar vertigens de um gesto só, o tempo e o espaço, do que aqui na terra me ocupo – o só sonhar.

E de tanto cansar o que não vejo, principio e avanço às tênues hastes de um inquebrantável sonho: à luta de meu próprio instinto – a vida; à batalha de meu próprio destino – a arte.

Minha finitude se desvanece, mas me atiro nos braços do velho Cavaleiro Andante, não apenas como meu ídolo eterno quanto para encerrar este breve texto com as insígnias palavras dele próprio, que me revigoram e me levam às lágrimas, sempre:

“Sonhar mais um sonho impossível
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender.”

Caríssimos Acadêmicos, membros da Academia Mineira de Letras, aqui estou, bem o sabemos, pela dor de uma ausência, cumprindo os preceitos de uma cláusula, substituindo uma figura que partiu. E estou a fazer exatamente o impossível, creiam vocês, qual seja, suprir a despedida de um elevadíssimo homem, de saberes altíssimos e universais – o meu querido conterrâneo, professor Almir de Oliveira.

Dele, todos vocês o sabem, a pessoa de densa cultura que plantou sua vida sobre livros, a sempre estudar e redimensionar sua privilegiada inteligência, dedicando-se à Ciência do Direito.

Para além de suas inúmeras competências profissionais, foi um homem exemplar, totalmente dedicado à família e à sua esposa Joanna. E lá vinha ele, aquela figura de comovente simpatia, sempre sorridente, acolhendo a todos com imensa alegria.

Porém, desejaria lhes dizer de um algo por todos desconhecido – acontecido entre nós dois –, que foi exatamente pelas mãos de Dom Quixote que nos conhecemos. Eu tinha uns 19 anos quando um dia ele apareceu lá em casa, propondo-me que eu pintasse o famoso Cavaleiro. Que, por acaso, foi não só nosso primeiro encontro quanto a primeira encomenda que recebi como pintor. Portanto, é por Cervantes que me ligo ao saudoso Almir e, por extrema coincidência, ora aqui estou a substituí-lo, por uma condição do destino.

Almir Assis de Oliveira nasceu em 8 de julho de 1917, filho de Aldemar de Oliveira Santos e de Isaura Assis de Oliveira. Casou-se em Juiz de Fora em 1947, com Joanna Vanelli, com quem teve quatro filhos: Igor, Dione, Lúcio e Tais. Tinha 10 netos e 5 bisnetos.

Fez os estudos primários em Carangola e Raul Soares e os secundários em Ponte Nova e Juiz de Fora. Diplomou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Juiz de Fora, hoje integrada à UFJF. Lecionou na Faculdade de Filosofia e Letras e História do Brasil na UFJF. Foi professor catedrático de Direito Internacional Público na Faculdade de Direito de Juiz de Fora, tendo sido o primeiro ex-aluno da Faculdade admitido como professor.

Também, dirigiu a Faculdade de Direito entre 1964 e 1971, tendo sido sub-Reitor do setor de Estudos Sociais. Era o Diretor na Faculdade de Direito quando esta foi a primeira faculdade a transferir-se para o Campus.

Foi advogado da Companhia Mineira de Eletricidade e chefe do departamento jurídico da Cemig em Juiz de Fora. Jornalista profissional, trabalhou no Estado de Minas, em Belo Horizonte, no Diário Mercantil, em Juiz de Fora e no Jornal Binômio.

Escreveu os livros: Gonzaga e a Inconfidência Mineira (1948); A Solução Jurídica do Problema da Paz Internacional (1950); Duas Inconfidências (1970); Democracia e Direitos Humanos (1983); e o Parsifal de Wagner.

Nossa Cadeira, de número 32, tem como patrono outra figura notável: o Marques de Sapucaí, aquele mesmo da famosa avenida do carnaval carioca. Este grande mineiro, Cândido José de Araújo, nasceu em Nova Lima, então Congonhas de Sabará, em 1793 e faleceu em 1875, aos 81 anos, no Rio de Janeiro.

Foi Desembargador e Político. Ministro da Fazenda e Ministro da Justiça, Conselheiro de Estado, Deputado Geral, Presidente de Província e Senador, de 1840 a 1875, eleito pela província de Minas Gerais. Ocupou a presidência das províncias de Alagoas e do Maranhão.

Por seu elevado nível intelectual e valores morais, foi nomeado mestre de Literatura e Ciências Políticas de D. Pedro II, então herdeiro do trono. Posteriormente, cuidou da educação da Princesa Isabel.

Queridos presentes, gostaria de dividir as glórias deste instante com diversas pessoas: a Fani, aliada de meio século; as amadas filhas Blima e Larissa; e também meu amado (e engraçado) netinho, Valentim; os queridos genros Paulinho Moska e Ricardo Correa de Araújo. Dividi-las igualmente com meus inesquecíveis pais, da grande aventura; e esses companheiros eternos, os manos que partiram, Celina, Nívea e Décio; e você, irmão querido Paulinho, aqui presente; e a cunhada Stella (prima do Professor Almir) para sempre mestra minha literária.

Profundamente, compartilho com aqueles queridos tios, muito mais que tios, nossos ícones imemoriais da vida inteira; também os primos e sobrinhos. Aos amigos, agradeço. Muitíssimo. E são tantos, sobretudo ao querido Angelo Oswaldo, por cujas mãos, acabo de adentrar os umbrais desta Casa. E aos Acadêmicos e à Academia, toda minha imensa gratidão.



UM PINTOR NA ACADEMIA*

*Angelo Oswaldo de Araújo Santos***

A Academia Mineira de Letras foi fundada no dia de Natal de 1909, em Juiz de Fora, em cerimônia realizada na sua Câmara Municipal, edificação que, junto ao Parque Halfeld, sobrevive às grandes transformações que redesenharam a cidade da infância de Murilo Mendes e Pedro Naya. Um grupo de intelectuais decidira então criar o grêmio, à maneira da Casa de Machado de Assis e da Academia Francesa, dando-lhe logo a dimensão do estado. Ofereceu-o a Minas Gerais, para além das fronteiras de sua mais progressista cidade, apta a abrigar uma academia prestigiosa, mas convicta do destino naquele instante traçado.

Belo Horizonte vivia os primeiros momentos de seu segundo decênio, e rapidamente aspirou a se tornar sede do sodalício mineiro. Com descortino e generosidade, Juiz de Fora aprovou a transferência, e a Academia tomou o Caminho Novo, no rumo da jovem capital do estado. Sacramentou-se, na ocasião, o compromisso de um juiz-forano estar sempre entre os pares da grei, de modo a se preservar a memória da iniciativa do mestre Machado Sobrinho e seus companheiros do Paraibuna, entre os quais o celebrado Belmiro Braga.

Estamos hoje, mais de um século transcorrido, renovando o vínculo da Academia Mineira de Letras com o torrão natal. Recebemos o artista plástico e escritor Carlos Bracher, na vaga deixada por seu saudoso conterrâneo, o escritor e historiador Almir de Oliveira. Nascido em Juiz de Fora e ouro-pretano de coração, Bracher expressa, de modo singular, a cultura, o talento e a sensibilidade do chão de Arlindo Daibert e Rubem Fonseca, Dnar Rocha e Fernando Gabeira, Cosette de Alencar e Raquel Jardim, Artur Arcuri e José Alberto Pinho Neves, Flávio Márcio e José Luís Ribeiro, Celina e Nívea Bracher, irmãs do pintor, e o imenso Roberto Gil.

A cidade em que Alfredo Ferreira Lage implantou um dos mais ricos e belos museus do Brasil, no palacete erguido por seu pai, o pioneiro Mariano Procópio, foi desde sempre o berço de personalidades admiráveis. O engenhei-

* Discurso de recepção ao Acadêmico Carlos Bracher em sua posse na AML no dia 6 de maio de 2016, onde passou a ocupar a cadeira nº 32.

** Secretário Estadual da Cultura de Minas Gerais, ocupa a cadeira nº 3 da Academia Mineira de Letras. angelo.oswaldo@cultura.mg.gov.br

ro Waldemar Bracher, professor da Universidade ali implantada pelo presidente Juscelino Kubitschek, casou-se com a diamantinense Hermengarda Aguiar, e em Carlos é também evidente a veia lírica que procede do antigo Tejuco das serenatas enluaradas. O casal Bracher foi viver no famoso Castelinho, obra do arquiteto Rafael Arcuri que domina a paisagem urbana, coroando a perspectiva da avenida Getúlio Vargas, artéria estendida desde o eixo principal, que é a avenida Rio Branco, até o antigo portal da União e Indústria. Foi ali que um clã de artistas e intelectuais se formou: o arquiteto e pintor Décio, a escritora e pintora Celina, a pintora Nívea, o músico Paulo e Carlos Bernardo, o nosso Carlos Bracher.

O ambiente propício acentuou os dotes e consagrou a vocação da família. Assim surgiu, ampliando o núcleo do Castelinho, a Galeria Celina, aberta na legendaria rua Halfeld, ponto da maior importância na renovação e na agitação cultural de Juiz de Fora nos anos 60. Em homenagem à irmã que partiu prematuramente, musa de uma geração de intelectuais, os irmãos Bracher conceberam a galeria com seu nome. De lá, Carlos saiu para estudar com Fayga Ostrower, ganhar o prêmio de viagem no Salão Nacional e passar dois anos na Europa. Na volta ao Brasil, fixou-se em Ouro Preto com a mulher, Fani Bracher, que ali se tornaria pintora, ambos fascinados pela criação artística e a paisagem amada por Guignard, Marcier, Scliar e Ivan Marquetti. Como os pais, a jornalista Blima e a atriz Larissa, as duas filhas, nasceram em Juiz de Fora e se fizeram ouro-pretanas, cultivando a cultura e a arte. É importante registrar que Gilberto de Alencar, membro desta Casa, publicou, em Juiz de Fora, em 1926 – faz noventa anos, um pequeno e apaixonado livro sobre Ouro Preto, ao fecho do qual clamava pela preservação da antiga Vila Rica.

Carlos Bracher é o pintor das montanhas, dos relevos abruptos e minerais, dos alcantis verdes, rasgados e sangrentos. É o pintor de Ouro Preto e das cidades históricas, com suas torres e ladeiras, como também o pintor das flores rodeadas de velhas porcelanas e violinos. São os principais temas que agitam os seus pincéis, no desempenho frenético da obra plástica. Mas uma usina siderúrgica do Vale do Aço ou as colunas e arcadas niemeyerianas de Brasília não escapam ao seu arrebatamento.

Vê-lo pintar é assistir a um ritual que comove. Tomado pela emoção, estremece pelo desafio da superfície branca da tela, excitado pela música – quase sempre, Johann Sebastian Bach o acompanha no solo da pintura – Bracher compõe, com pinceladas expressionistas, imagens de movimentação profusa e forte cromatismo. É, ainda, um notável retratista. Os “portraits” que assina, após rápido mas intenso trabalho, estão entre as obras referenciais do gênero. Os críticos Frederico Moraes e Olívio Tavares de Araújo dedicaram a Bracher textos que traduzem, de modo luminoso, os valores de um criador que conquistou o seu espaço na pintura brasileira do nosso tempo.

Juiz de Fora ensina o poeta a ser artista. Os desenhos de Pedro Nava estão entre o que há de melhor no modernismo mineiro, movimento dominado pelas letras. Basta lembrar as ilustrações feitas num exemplar de “Macunaima” e as impressas no “Roteiro Lírico de Ouro Preto”, uma parceria com Afonso Arinos de Melo Franco. Ao “olho armado” de Murilo Mendes, lúcido e sensível crítico de arte, recorriam, para textos de apresentação, os mais importantes autores italianos da época passada em Roma, como já havia acontecido no Rio de Janeiro da sua mocidade.

Carlos Bracher é também escritor. O texto, sempre denso, escorre no caudal barroco em que o torvelinho de palavras enreda as vibrações emocionais do autor. É assim que o lemos em numerosos textos e o ouvimos no ora lançado audiovisual dirigido pela filha Blima Bracher para registrar seu colóquio amoroso com a cidade de Ouro Preto.

A Casa de Alphonsus de Guimaraens nem sempre teve artistas em seus quadros. Raro exemplo, nos tempos idos, é oferecido pelo mestre Aníbal Matos, fundador das nossas escolas de Belas Artes e de Arquitetura. O poeta Emílio Moura era um grande desenhista e deixou esplêndidas caricaturas de escritores do seu tempo. Edison Moreira, poeta, promovia as artes plásticas na convergente Itatiaia. No entanto, as linguagens diversas da criação cultural convivem, entre nós, em diálogo e comunhão. O novo confrade aqui encontra o artista plástico, poeta e crítico Márcio Sampaio. Refaz-se a nossa legenda latina: *scribendi et pingendi nullus finis*.

Muito nos honra, por isto mesmo, a chegada de Carlos Bracher. Em nome dos pares, eu o saúdo, com alegria e entusiasmo, na certeza de sua contribuição ao engrandecimento da Academia Mineira de Letras.



ASCENDENDO À PRESIDÊNCIA*

Elizabeth Rennó**

A Academia Mineira de Letras condensa em toda a sua História a cultura mineira.

A memória de uma entidade é a depositária desta História, do nascimento ao desenvolvimento de seu corpo literário em persistente atuação.

Sem memória não se faz história, que é vida, o cerne de uma instituição, de uma Academia, de uma Nação.

A História passa a ser uma retomada de operações culturais começadas e continuadas pelo nosso presente numa caminhada possível.

O caminho será o reino das palavras com seu mundo de significações e relações que tem o poder de refletir valores e costumes, formando a base de nossa cultura.

Merleau-Ponty conclui que é necessário considerar as ideias a serem veiculadas por seus instrumentos de expressão, os livros, os museus, as partituras, os escritos. Existe uma pluralidade de sujeitos e épocas diversas que se incorporam, instrumentos culturais repassados e acessíveis a outros, em dias futuros.

Vive-se hoje a agonia e a morte de palavras que se fizeram alicerces de uma civilização: virtude, educação dos espíritos, desenvolvimento da polidez, cultura das artes e das ciências.

Experimentamos a época da força bruta, guerras, assassinatos, velocidade supersônica, os ruídos da comunicação, os excessos de imagens.

E mais, a perda do sentimento do tempo. Civilização passa a ser sinônimo de espetáculo, *marketing*, eficácia...

Na preservação de sua autonomia e identidade, compartilhando os valores mais legítimos de missão cultural e de cidadania, acham-se as academias de letras, cujos Estatutos posicionam os deveres inerentes.

A cultura é democrática quanto aos princípios que a regem; por ação holística, prevê-se a redescoberta da escrita e da leitura.

* Discurso pronunciado na posse da diretoria para o triênio 2016/2019 no dia 19 de junho de 2016.

** Professora. Presidente da Academia Mineira de Letras, Presidente Emérita da Academia Feminina Mineira de Letras, ex-presidente da Academia Municipalista de Minas Gerais, ocupa a cadeira nº 21 da Academia Mineira de Letras. e.renno@hotmail.com

Os valores de um passado cultural presentificam-se na vivência do espírito acadêmico, pelas manifestações literárias, na conquista de consciente modernidade, sem apelo ou política, que a façam sóbria e louvada.

Na acepção de que modernidade é exercício social em prol dos ideais da comunidade em suas necessidades globais da matéria e as do espírito, entra a participação dos que lidam com a palavra, como nós, seja a escrita ou a falada.

O crescimento global produtivo, envolvendo as várias áreas do conhecimento, parte da reflexão e da visão crítica de um pensar mais profundo.

Muitos valores formaram esta academia, desde o dia de sua fundação a-25 de dezembro de 1909, e abrilhantaram seus anais com a presença de seus textos, marcando esta brilhante trajetória. Entre seus vultos ilustres, sempre esteve presente a Ética, como fato de aprovação para o comportamento humano, que é expressão única do pensamento correto na medida em que a realidade moral é função da realidade social; uma criação humana à luz da consciência voltada para os valores chamados direito, saber, arte, sentimento, literatura.

A Literatura é considerada como texto por Roland Barthes, para quem o sentido da obra literária não está na mensagem, mas no jogo de palavras de que ela é o teatro.

Formadoras de um conjunto magno de escritores acham-se a leitura e a escrita, agentes impulsionadores para a obtenção do conhecimento e da cultura. Estas duas chaves para a conquista do saber são os pilares de uma educação adquirida e transmitida.

As Academias de Letras são sustentadas pela Palavra, intérprete da língua expressa em sua correção e pureza, coroada pelas vozes de um construtor criativo.

Na visão mágica do mundo, a Palavra reúne o encanto verbal e o imagético, na busca da plenitude.

A língua expressa o sentimento e o grau de civilização de um povo. Assim procura-se estudá-la e exercê-la com clareza e sobriedade.

Aos literatos e aos escritores proíbe-se ao escrever, mesmo informalmente, empregar termos não condizentes com a nossa língua inculta e bela, cantada pelo poeta, enaltecida em seu padrão de perfeição e sonoridade.

A Beleza está na alma das coisas e das palavras. Longe de ser um organismo apático e desinteressado pelo mundo que as rodeia, as Academias literárias têm como escopo, gravado no seu Compromisso de Posse, o pugnar pela pureza do idioma pátrio, procurando os sítios do Bem, do Belo e da Verdade. Sua missão é propiciar uma visão global da vida, através da promoção ativa cultural, traduzida em palestras, seminários, ciclos literários, concursos, publicações e interação com outros órgãos de cultura.

A estrada foi percorrida, pedregosa, às vezes, mas sempre proveitosa, a partir do seu primeiro Presidente Eduardo de Menezes e de outros ilustres brasileiros atuantes na política, na Literatura, no clero, artífices dos alicerces des-

ta instituição. Homenageamos os nomes de Álvaro da Silveira, Mário de Lima, Aníbal Mattos, Mário Casasanta, Martins de Oliveira José Oswaldo de Araújo, Vivaldi Moreira, Murilo Badaró, Miguel Augusto Gonçalves de Souza e Olavo Celso Romano, cuja passagem pela Presidência da Academia Mineira de Letras contribuiu para a ascensão e a dignidade deste órgão de Cultura e Humanismo.

Aqui, neste Auditório, acentua-se a presença de Vivaldi Moreira, o Presidente Perpétuo, a lembrança de suas palavras, de sua voz, onde tudo fala dele: cada porção de mármore, os vidros das janelas, e o fundo edênico de um jardim, que se transfigura e reflete a sua imagem.

As Quadras de Omar Kháyým eram suas preferidas. Valho-me delas como exemplo:

*Que a tua sabedoria não seja humilhação para o próximo.
Guarda domínio sobre ti mesmo e nunca te abandones à tua
cólera. Se aspiras à paz definitiva, sorri ao destino que te fere.
Não firas ninguém.*

Cento e sete anos após a sua fundação a Academia Mineira de Letras comemora a primeira ascensão feminina à sua Presidência, motivo impar para que me orgulhe.

O valor do trabalho intelectual da mulher persiste na conotação de um mister conquistado ao abrir clareiras na densidade dos alfabetos masculinos. Fruto de um esforço e ousadia, ultrapassa as fronteiras da discriminação e alça seu voo libertário.

É necessário, para isto, a conscientização da grandeza humana, reflexo do poder divino, para seguir os caminhos da ética, da responsabilidade, da gratificação de uma atividade voltada para a construção de um mundo novo.

A mulher revive o seu destino mítico em ascensão pelo caráter da palavra deixada em sua diegese, que, longe de assumir uma forma utópica, encara a sementeira da Verdade, campo propício ao vicejar de seus filhos.

A grande responsabilidade da mulher que lida com a Palavra é a de viver esta verdade inserida no processo criador, disseminando ideias e conceitos que visam ao crescimento.

O sentimento de mineiridade é a marca férrea que perdura na palavra dos que a manejam neste céu de montanhas.

Imprimem-se os sons da liberdade conquistada, de uma perpetuidade sempre pretendida, de uma afirmação sempre presente.

O conteúdo potencial, tanto feminino quanto masculino, no todo que constitui, forma a base da criatividade engenhosa na construção do direito de ser pessoa, posição legítima da grandeza da participação madura e harmônica das tendências criadas por Deus.

Será esta a minha posição ao assumir esta honrosa e privilegiada missão à frente da Academia Mineira de Letras. Eleger o trabalho, que será intenso e talvez

não traga respostas, cultivar a humildade ao trazer harmonia entre as desarmonias que possam vir a ser, conservar visão abrangente e panorâmica em plano elevado, onde os acontecimentos sejam identificados, manter a convivência fraterna em colaboração com a Diretoria eleita e com os Acadêmicos, mesmo os mais distantes, sem esquecer o propósito de executar trabalho honesto, guiado principalmente pela ética e pela justiça, visando ao engrandecimento de nossa entidade.

Espero continuar a construção elevada de ser pessoa, criada à semelhança de Deus, com voz audível e compartilhada nos lances de uma gestão apoiada e abençoada pelos meus pares. Manter a convivência com as letras e buscar a palavra certa na hora exata, tentando absorver o tom da Sabedoria e ouvir o som da Beleza Indizível, é uma aspiração desejada. A Palavra, nosso instrumental primeiro, constrói o fazer literário e é dom do Espírito Santo. Já dizia São Paulo na Carta aos Coríntios, a primeira delas: A manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil. Porque, a um, pelo Espírito, é dada a palavra da Sabedoria e a outro, a fê ou o dom de curar. Mas um só é o Espírito que opera e reparte todas as coisas para que no encontro desses dons possamos trilhar a excelência dos caminhos. Esta excelência, como as veredas do Senhor, é procurada e trabalhada ao desempenhar a nossa lida justaposta à Palavra plena, que é dom de Vida.

Assim reza o Provérbio número oito, de Salomão, invocando a Sabedoria:

Antes do começo da terra ou da eternidade, antes dos abismos ou do condensar das nuvens, antes dos outeiros, antes mesmo de fixar as águas, estava eu, a Sabedoria.

Bem-aventurados serão os que guardarem os meus caminhos e proferirem a Verdade.

Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a Palavra dita a seu tempo.

Que a Palavra de ouro ou de prata oriente meus caminhos, que sejam iluminados e produtivos.

Como o voo de um pássaro
com um leve caminhar
ela imprime amor
Como seta enfurecida
como pedra bruta
com agressivo lançar
ela impõe ódio
Inconstante
Imprevisível
Palavra.

CHEGANDO À ACADEMIA*

*Rogério Faria Tavares***

Boa noite. Cumprimento o distinto público, as autoridades, amigos e familiares, a família de Milton Reis, os acadêmicos e os integrantes da mesa, agradecendo a presença de todos na pessoa da senhora Elizabeth Rennó, presidente da Academia Mineira de Letras, a AML, casa que me acolhe hoje com a generosidade típica dos lugares em que se cultiva a convivência fraterna em torno da literatura, da educação, das artes, da memória e, sobretudo, da palavra.

Luz sobre a escuridão, a palavra é vida: ela cria e transforma. Traço distintivo da espécie, fundamental para o seu êxito, é a palavra que viabiliza a organização social e o mundo da cultura. O verbo é o mais valioso tesouro colhido, até hoje, na aventura da existência humana sobre a Terra. A linguagem é o patrimônio maior que essa raça legará à posteridade. Complexa e simples, ela é o que permite a mulheres e homens a sobrevivência, a construção da memória e a projeção do futuro.

É a palavra que nomeia o desejo e alimenta o sonho. Animal que suspira, o homem quer habitar, como no mito, o paraíso perdido. Por isso, luta. Para isso, viaja. Nessa busca interminável, sua bússola é a palavra. É no encadeamento formado por letras e sons que mora a esperança humana. Sem o verbo, somos o nada, o nunca, o não, o vazio, a tristeza, a solidão e a dor. Sem a linguagem, somos bichos. Poder e compaixão, é a linguagem que abre a porta, estende a mão e mostra caminhos.

Uma das filhas mais talentosas da linguagem, a literatura não só abre a porta, estende a mão e mostra caminhos, produzindo sentidos. Tecelã das melhores narrativas, ela faz mais. Engenho e arte, a literatura conduz a universos paralelos, de dimensões, cores, odores e sabores surpreendentes. Ousada, propõe o delírio e o deleite; a surpresa e o espanto, embaralhando o vivido e o imaginado, provocando a perplexidade, a catarse, o deslumbramento. Sua contribuição para a cultura humana, por tudo isso, é incalculável. Como seria o mundo sem Homero, Sófocles, Virgílio, Dante, Camões, Shakespeare e Cervantes? Como seria o Brasil sem Alencar, Machado, Graciliano, Drummond, Guimarães Rosa, Cecília e Clarice? O mundo e o Brasil seriam certamente outros sem os seus escritores. Literatura constrói identidades, ambienta-se no tempo e no espaço, aborda a política, a economia, a ciência, a filosofia, a mitologia e a religião.

*Discurso de posse na Academia Mineira de Letras em 24 de junho de 2016.

** Jornalista, escritor, passou a ocupar a cadeira n° 8, sucedendo a Milton Reis.

A história também não seria a mesma sem a literatura. Literatura é potência e profecia. É capacidade de arquitetar mundos e promover mudanças. A literatura pode ser perigosa, subversiva, revolucionária. Uma nação de leitores será, com certeza, o território de mulheres e homens mais sagazes e altivos, menos propensos ao servilismo, à ignorância, ao medo e ao engano. Não foi diferente o sonho dos doze jovens que fundaram esta Casa, no Natal de 1909, em Juiz de Fora: a Academia Mineira de Letras existe para fomentar o amor pela língua, pela literatura e pela leitura; para dignificar o ofício dos escritores e para divulgar o prazer libertador de ler. Fiéis a essa bela missão, ao longo de seus cento e sete anos de vida, muitos dos que a integraram souberam honrar os seus ideais e agir firmemente em seu favor, sob as bênçãos de patronos inspiradores.

O patrono da cadeira de número oito, que hoje passo a ocupar, é João Baptista Martins, nascido em 1868. Ex-aluno do Colégio do Caraça, estudou Direito na Faculdade do Largo do São Francisco, em São Paulo, quando se destacou pela vigorosa oratória abolicionista e republicana. Advogado no município mineiro de Santa Luzia do Carangola, logo foi nomeado promotor de Justiça daquela comarca. Eleito vereador geral e presidente da Câmara, assumiu, em 1898, a prefeitura da cidade. Um pouco depois, fundou, com seu amigo Belmiro Braga, o jornal *O Rebate*, em cujas páginas iniciou a contestação às práticas políticas de seus adversários, os coronéis que há tempos dominavam a região. Em 1899, desafiando o grupo majoritário, candidatou-se a deputado federal, sendo derrotado. Dessa experiência, resultou seu mais famoso livro, "A masorca", hoje considerado um importante documento histórico sobre o coronelismo e os costumes políticos da República Velha. O livro ganhou dimensão nacional, ao denunciar como, naquele tempo, as oposições não tinham nenhuma chance de êxito nas urnas. Após o pleito, Baptista Martins deixou Carangola, passando a residir em São João del-Rei, onde, no jornal *Resistente*, publicou o ensaio *Males e Remédios*, em que reiterou sua crença nos princípios democráticos. Em Juiz de Fora, para onde se mudou em seguida, colaborou no jornal *O Pharol*, ao lado de Cesário Alvim e Azevedo Junior. É desse tempo a série de artigos que publicou no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em seção intitulada *As Cartas de um montanhês*, em que trata de vários aspectos da realidade nacional. Já morando em Belo Horizonte, tornou-se o primeiro titular da advocacia geral do estado, no governo de Francisco Salles. No exercício de tal função, atuou, entre tantas outras, na questão dos limites territoriais entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Doente, voltou a residir em Carangola, onde faleceu em 1906, aos trinta e sete anos de idade.

Já o fundador da cadeira de número oito foi o poeta Belmiro Braga. Nascido em 1872, na fazenda da Reserva, em Vargem Grande, hoje um município que leva o seu nome, na Zona da Mata mineira, publicou seu primeiro texto em 1884, no jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora, aos doze anos de idade. Depois passou a assinar, no *Correio de Minas*, seção em versos intitulada *Bimbalhadas*, que mais tarde

seria rebatizada como *Repiques*, sob pseudônimo de Sá Cristão. Em 1902, lançou seu primeiro livro, *Montezinas*, prefaciado por seu amigo João Baptista Martins. Aos trinta e sete anos, em 1909, integrou o grupo dos doze jovens que fundaram a Academia Mineira de Letras, em Juiz de Fora. Entre seus livros, figuram *Cantos e Contos*, *Rosas*, *Contas do meu rosário*, *Tarde Florida*, *Redondilhas*, *Lírios e Rosas*, e *Sacrário-versos íntimos*. Belmiro também publicou suas memórias, *Dias idos e vividos*, contos e crônicas, além de notas de viagem, como *De Juiz de Fora a Lavras*, e *De Paris a Berlim*. Marcou, ainda, presença na dramaturgia. É autor das peças *Na Roça*; *Na cidade*; *O divórcio*; *Porto, Madeira e Collares*; *Que trindade!*..., *Medo de Mulher*, *Um juiz de fora em Juiz de Fora* e *O voto secreto*. Foi um dos fundadores da revista *Marília*, de Juiz de Fora. Murilo Mendes – que recebeu de Belmiro as primeiras lições de literatura e poesia, entre 1912 e 1915 – chamava-o de 'maravilhoso, homem-poeta, o João de Deus mineiro' e a ele se referiu da seguinte forma, em *A idade do serrote*. Abre aspas. "Lá vem o volantim Belmiro Braga sorrindo no seu terno de xadrez e chapéu Panamá (...) Lá vem o poeta de braços abertos a pobre e rico, a letrado e a ignorante, (...) Traz, comunicante, o gosto da vida, distraindo seus iguais imaginando festa e carnaval". Fecha aspas. Belmiro Braga morreu em 1937, aos sessenta e cinco anos.

O primeiro sucessor de Belmiro Braga foi Wellington Brandão. Também nascido na Zona da Mata mineira, no município de Visconde do Rio Branco, em 1894, formou-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro. Promotor de Justiça em Cássia, atuou como advogado em Passos, no sul mineiro. Em 1945, foi eleito deputado federal constituinte. Na Câmara dos Deputados, apresentou o projeto que garantiu aos empregados a participação no lucro das empresas e o que criou a previdência rural. De volta a Minas, chefiou a procuradoria geral do estado, no governo Bias Fortes, e serviu como Desembargador do Tribunal de Justiça, onde se aposentou.

Na literatura, Wellington Brandão iniciou-se aos vinte e seis anos, quando lançou *Deslumbramento de um triste*, uma coletânea de poemas. A este seguiu-se *Seara da Emoção*, de 1925. Suas duas primeiras obras são consideradas de inspiração parnasiano-simbolista. Na sequência, vieram *Ciranda e Bonecos de Pano*, livro de contos. Engajado no movimento modernista, colaborou ativamente com *A Revista*, fundada, em Belo Horizonte, por Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Martins de Almeida e Gregoriano Canedo. Brandão também veiculou vários textos em *Festa*, publicação modernista editada no Rio de Janeiro entre 1927 e 1934. Foi no referido periódico que estampou, em capítulos, o romance *Cabeça de Comarca*, retrato caricatural da vida mineira. Em *O Homem Inquieto* expressou sua máxima identidade com o modernismo. Sua participação ativa na revista *Verde*, de Cataguases, forneceu mais uma comprovação de seus vínculos com o movimento. Outros livros de sua autoria foram *Cantos Municipais*, de poemas satíricos, *O Tratador de Pássaros*, *Finale*, *Quarta República* e *Caminhos de Minas*. Wellington Brandão faleceu em 1965, em Passos, aos setenta anos.

O segundo sucessor de Belmiro Braga foi Edison Moreira, nascido na Fazenda do Tanque, em São Francisco do Glória, então distrito de Carangola, em 27 de janeiro de 1919. Formado em Filosofia, fundou, ao lado do irmão, Pedro Paulo, a Editora e Livraria Itatiaia, que marcou época na vida cultural de Minas Gerais. Entre os diversos feitos do empreendimento, está a primeira edição brasileira de *Doutor Jivago*, do escritor russo Boris Pasternak, prêmio Nobel de Literatura. Traduzida por Oscar Mendes, Milton Amado e Heitor Martins, a obra mereceu tiragem superior a cento e cinquenta mil exemplares, algo notável para o mercado editorial brasileiro do ano de 1958. Atuante também no jornalismo, Edison Moreira manteve, por muitos anos, coluna literária no jornal *Estado de Minas*, sempre finalizada com a transcrição de um poema. Sua estreia na poesia se deu com a publicação de *Cais da Eternidade*, em 1951, livro vencedor do Prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo. Em 1962, reuniu os poemas publicados em *Cais da Eternidade*, *O jogral e a rosa* e *Poemas Existenciais* no volume *Tempo de Poesia*. Sobre sua obra, assim expressou-se Emílio Moura. Abre: "A compreensão do que é e deve ser a linguagem poética levou Edison Moreira a mergulhar na boa tradição lírica e a tirar daí os elementos essenciais com que tanto enriqueceu a sua poesia". Fecha aspas. Já Abgar Renault qualificou a produção de Moreira como, abre aspas, "poesia densa, cheia de surpresas e tocada, frequentemente, pelo sentido autêntico do mistério poético", fecha aspas. Sobre *Tempo de Poesia*, escreveu Jorge Amado, abre aspas. "Sua poesia está madura e densa, poesia dentro da melhor tradição da grande poética mineira, onde emoção e artesanato fazem um todo único." Sobre o tio, escreveu o jornalista e acadêmico Pedro Rogério Moreira, em seu livro de memórias: "Edison é afeto em estado puro. Ele se nutre do coração e da lira. (...) Declama sonetos enquanto vende livros". Edison Moreira faleceu no dia primeiro de dezembro de 1989, aos setenta anos.

O terceiro sucessor de Belmiro Braga foi Milton Reis, nascido em 1929 na antiga Vila São José do Congonhal, pertencente, naquele tempo, ao município de Pouso Alegre. Formado em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, foi secretário de Estado, deputado estadual e federal, e dirigente partidário. Cassado pelo regime militar em 1969, teve seus direitos políticos suspensos por dez anos. Em 1982, foi novamente eleito deputado federal, sendo reeleito em 86, quando participou da elaboração da Constituição Federal promulgada em 88.

Na literatura, Milton Reis teve seus primeiros versos premiados ainda na adolescência. No jornalismo, também na juventude, dirigiu o jornal *A Liberdade*. Ao longo dos anos, colaborou nas revistas *Acaiaça*, *Alterosa*, *Silhueta*, *O Malho* e no *Suplemento Literário*. Aos vinte e quatro anos, publicou *Perfume Antigo*. A ele seguiram-se *Ritmos da Primavera* e *Vozes da minha fonte*, que recebeu prefácio de Agripino Grieco e mereceu três edições. Sobre o referido livro de Milton Reis, escreveu Grieco: "Vozes da minha fonte (...) respeita a métrica, é ritmado,

tem pureza idiomática. Límpido de palavras, foge às mistificações do ininteligível. (...) Prefiro encontrar nesse mineiro de Pouso Alegre um verdadeiro, um autêntico poeta. Aí se acha um nobre lirista, um homem de alma rural e fluvial". Em 2008, Reis publicou *A trajetória do poder*, em que reuniu as biografias de todos os governadores de Minas Gerais, desde Cesário Alvim. Fruto de vigorosa pesquisa histórica, foi seu último livro. Milton Reis faleceu em 18 de fevereiro de 2016.

É alta, pois, a honra de suceder a Belmiro, Wellington, Edison e Milton, sob a inspiração do brilho, da bravura e do destemor de João Baptista Martins.

Celebrando a memória dos que me antecederam, reconheço, respeito e admiro a contribuição que legaram ao mundo da cultura.

Com gratidão, rendo ainda homenagens a todos os que presidiram a Casa de Alphonsus de Guimaraens, envidando os melhores esforços em seu favor. Impossível não reverenciar, em particular, a figura de Vivaldi Moreira, homem de ideias e de ação, intelectual erudito e refinado, empreendedor cultural, o presidente cuja tenacidade conquistou, entre tantas outras vitórias, uma sede digna e confortável para abrigar a Academia Mineira de Letras.

Outro presidente notável, pela ousadia e pela incrível capacidade agregadora, foi o acadêmico Olavo Romano. Pela força de seu carisma, a Academia, em sua gestão, ampliou seus laços com a cidade, o povo, as universidades, os artistas e os jovens. Abrindo as portas da AML para o seu tempo, Olavo inseriu-a definitivamente no universo digital e nas chamadas redes sociais, multiplicando várias vezes a sua visibilidade e a sua relevância. Por sua habilidade em fazer alianças e selar parcerias, atraiu o interesse do mundo corporativo sobre esta Casa, o que resultou na concretização de importantes projetos culturais. Esse é o menino do Morro do Ferro, que continua até hoje com brilho nos olhos e alegria de viver. Olavo gosta de gente. Está feliz na presença do outro, respeitando as diferenças, praticando a fraternidade verdadeira.

Dirijo, também, uma palavra especial de agradecimento à Elizabeth Renó, sucessora de Olavo na presidência da Casa de Alphonsus de Guimaraens, e a primeira mulher a ocupar o cargo, passados cento e sete anos de sua fundação. Por conta de sua generosidade e da confiança em mim depositada, assumirei, no começo de agosto, a coordenação das atividades da Universidade Livre da Academia, função desempenhada por meu tio, Dario de Faria Tavares, durante muitos anos. Que convite poderia me sensibilizar mais? A programação já está desenhada, e será intensa. Ela prevê conferências dos melhores especialistas mineiros sobre os quatro escritores cujo centenário de nascimento comemoramos em 2016: Murilo Rubião, Mário Palmério, Manoel de Barros e Campos de Carvalho; e palestras sobre os oitenta anos de 'Angústia', de Graciliano Ramos; os setenta anos de 'Sagarana', os sessenta de 'Grande Sertão: Veredas', de Guimarães Rosa, e os cinquenta anos do *Suplemento Literário*. Que este auditório esteja sempre repleto para que muita gente possa partilhar das boas reflexões que, com certeza, tais apresentações irão suscitar, estando a palavra, mais uma vez, no centro do palco.

Expresso, finalmente, a minha emoção por haver sido recebido com tanta fidalguia por cada um dos acadêmicos que integram a Casa de Alphonsus de Guimaraens. Eles valorizam a AML com a riqueza de sua história de vida, o vigor de sua inteligência e, sobretudo, com o seu trabalho em favor do bem comum. Como o mais jovem do grupo, sinto-me privilegiado pelo convívio com mulheres e homens tão qualificados, que tantos serviços já prestaram a Minas e ao Brasil. Vim, sobretudo, para aprender com os senhores – e, também, para unir-me aos senhores na sementeira dos campos vastos e férteis da literatura, da educação, das artes, da memória e da palavra. Que as futuras gerações possam colher os benefícios do que plantarmos em nosso tempo.

Muito obrigado!



RECEBENDO ROGÉRIO TAVARES, O ACADÊMICO-BENJAMIM*

*Olavo Romano***

Fundada em Juiz de Fora por doze pioneiros apóstolos da palavra, no Natal de 1909, a Academia Mineira de Letras seguiu os passos da Brasileira, de 1896, inspirada, por sua vez, na Academia Francesa, fundada em 1634 pelo Cardeal Richelieu.

Transferida para a jovem capital de Minas em 1915, abriga-se hoje no palacete Borges da Costa e guarda milhares de livros e documentos, além da produção literária de todos os acadêmicos. O diálogo entre o histórico Palacete e o edifício onde agora nos encontramos, feliz inspiração do arquiteto Gustavo Penna, com auditório e galeria de arte, expressa o contraste entre o clássico, verdadeiro relicário, e o moderno, arrojado e funcional, o jogo de forças entre a tradição e a modernidade, a guarda da memória e da história dos antepassados e as vibrantes demandas de um mundo em constante mutação e movimento.

A primeira academia, fundada por Platão por volta de 387 a.C., tem em Aristóteles o aluno mais famoso e se manteve em funcionamento por mais de novecentos anos. Considerada a primeira universidade da Europa, ensinando astronomia, biologia, ciências políticas e filosofia, era formada por uma biblioteca, uma residência e um jardim. Sem pretensão de comparar, temos aqui um palacete, tombado pelo Patrimônio Estadual, 40.000 livros de bibliotecas particulares doadas e, no lugar do jardim, uma jabuticabeira ali atrás. Vestida de noiva ao primeiro sinal de chuva, abriga sabiás e bem-te-vis. Este ano, graças aos cuidados de Deivison, atrai abelhas no antecipado ritual de polinização. Por aqui também costuma voejar um beija-flor, riscando a noite por trás do vidro. No tempo das goiabas maduras, antes da enchente de São José, sempre aparece também um arisco sanhaço.

A primeira Academia, matriz de todas as outras, nos remete a fraternos encontros nos jardins consagrados a Academos, herói troiano do século XII a.C. Refletindo sobre o homem, a natureza, a astronomia, os mundos conhecidos e

*Discurso de saudação a Rogério Faria Tavares na AML, em 24.6.2016.

**Escritor, ex-presidente da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira 37 olavoromano@task.com.br

desconhecidos, exercitava-se o convívio cordial que deve existir sempre entre confrades e confradeiras, e prevalecer acima de diferenças pessoais, ideológicas, religiosas... e esportivas.

A imortalidade, frequentemente vista com ironia pelos estranhos ao silogeu, nada mais é do que o reiterado tributo à memória dos que nos precederam. Por isto, a cada posse, o elogio dos antecessores. Lembrar é manter vivos, no coração, os que vieram antes. Em nosso idioma, os verbos relativos à memória (recordar, decorar, saber de cor), falam de coração. Assim é também em inglês (*know by heart*), em francês (*savoir par coeur*), e em italiano (*ricordare*), tudo evidenciando a importância do afeto no registro das lembranças.

Mnemosine, deusa da memória, é a mãe das musas. Garantiam os antigos que "da boca das pessoas que elas amavam fluíam a fala meiga e o doce canto".

Mas o refinado trabalho das musas requer disposição, disciplina, entusiasmo e compromisso. A pálvora, instrumento primordial dos acadêmicos, é poderoso recurso que se aperfeiçoa e fortalece na constância da lida, no exercício da vocação, que é o chamado da alma, o apelo do coração para que nossos talentos se manifestem, construindo o caminho da realização humana. Mas é, também, vigoroso instrumento de criação e transformação. Assim, não vale pendurar o diploma na parede e descansar sobre os louros. As academias, abrigos da esperança, cidadelas da solidariedade, guardiãs da memória e da tradição, deve estar sempre atentas à vida que lateja e se renova a cada instante.

Reverenciando a memória e o labor dos que ocuparam a cadeira número oito de nossa Academia, recebemos hoje, de braços abertos, coração exultante, o mais jovem acadêmico dos nossos tempos: Rogério Faria Tavares.

Nascido em Belo Horizonte, há apenas 45 anos, nosso acadêmico-benjamim se identifica, simplesmente, como filho de Expedito (advogado) e Diana (professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira).

Expedito de Faria Tavares, nascido em Patrocínio, foi deputado estadual por três mandatos, presidente da Assembleia Legislativa, secretário de Estado do Interior e Justiça, conselheiro do Tribunal de Contas.

Carlos, seu irmão mais velho, tinha fama de bravo. Também foi deputado estadual, primeiro presidente da Caixa Econômica Estadual (a Minas Caixa), signatário do Manifesto dos Mineiros, empresário do setor de mineração. Conheci-o de perto no Partido Democrata Cristão, de que participei na juventude: chapéu de feltro (dizia-se "chapéu de lebre"), o inseparável 38 na cintura, sua palavra forte, ouvida com atenção, criava intenso silêncio no ambiente.

José de Faria Tavares era admirado pela cultura. Deputado estadual constituinte em 1946, foi Secretário de Estado da Educação e da Segurança Pública, senador da República, conselheiro e presidente do Tribunal de Contas do Estado, professor catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.

Dario era afável. Secretário de estado da Saúde nos governos Aureliano Chaves e Tancredo Neves, revolucionou o setor. Deputado federal, conselheiro do Tribunal de Contas, foi reitor da nossa Universidade Livre nos tempos de Vivaldi.

Em 1969, Expedito acumulava a dupla circunstância de cinquentão e solteirão. Altair Chagas, seu colega na Assembleia, falou-lhe da cunhada, egressa da ordem religiosa em que vivera desde os dezoito anos. Diana Cotta de Vasconcelos era parente; por um lado, do deputado e acadêmico Edgar de Vasconcellos Barros, a quem tenho a honra de suceder, e dos ex-deputados Aluísio (apoiador desta Casa) e Ronaldo Vasconcellos; por outro lado, de Carlos Cotta. O encontro foi fulminante. Bonita, culta e bem-humorada, Diana acertou, na mosca, o coração de Expedito. Inapelavelmente flechado, sentenciou, com alívio: "A gente não tem que esperar idade". Casaram-se em quatro meses.

Formada em Letras Clássicas (Português, Latim e Grego), tendo lecionado por trinta anos em três dos melhores colégios da cidade, Diana continua lendo os clássicos (ama José de Alencar e Machado de Assis), mas acompanha e aprecia nossa melhor produção contemporânea.

Expedito também foi sempre grande leitor. A ótima biblioteca da casa era sempre enriquecida com livros autografados para Rogério e seu irmão Rodrigo.

Com 10 anos, Rogério foi eleito presidente da Biblioteca da sala de aula, no Colégio Sagrado Coração de Maria. Empenhado naquela primeira experiência de gestão da cultura, zelava pelos empréstimos, cobrança e devolução no prazo. Qualquer atraso, a multa era revertida na ampliação do acervo. Ao cuidar daquela pequena estante num armário da sala de aula, o compromisso com as letras e o gosto de servir impregnaram, muito cedo e para o resto da vida, a alma do menino idealista e generoso.

Precoce como Belmiro Braga, fundador da cadeira de número oito, estreou aos treze anos com a novela policial "A Noite dos Mascarados". Deu muitos autógrafos para colegas, parentes e amigos, orgulhosamente reunidos na Imprensa Oficial, então dirigida por Murilo Rubião. O prazer de escrever premiava o leitor compulsivo da literatura policial, fã da esperta Miss Marple, do meticuloso Hercule Poirot, dos muitos personagens de Edgar Wallace.

De Lúcia Machado de Almeida, mergulhou nos inesquecíveis "O escarvalho do diabo" e "O caso da borboleta Atíria", escrito com a contribuição do promissor cientista Angelo Machado, sobrinho da autora e nosso brilhante confrade. Monteiro Lobato, com o Visconde de Sabugosa, e Júlio Verne também fascinaram o ávido leitor.

Saboreava todos os livros indicados pela escola: de Machado de Assis a Manuel Antônio de Almeida e Aluísio Azevedo até o naturalismo de Júlio Ribeiro, com o tão combatido A Carne, que adorou.

No Colégio Loyola, desde os onze anos, concluiu o segundo grau em 1988. Presidente do Grêmio Estudantil, tomou gosto pela “arte de fazer as coisas”, promovendo inúmeros eventos sociais, culturais e esportivos.

Formou-se em Direito na UFMG, em 1993, em Jornalismo, na PUC Minas, dois anos depois. Estagiou na TV Manchete e no Centro de Referência do Áudio Visual, origem do Museu da Imagem e do Som da Prefeitura de Belo Horizonte.

Ainda estudante, participou do projeto de recuperação da história do Jornalismo Mineiro, que gerou dois volumes publicados pela editora da PUC Minas, e teve a alegria de conhecer e entrevistar João Etienne Filho, versátil agitador cultural e antigo acadêmico, e Ney Octaviani Bernis, grande jornalista, generoso e afável, casado por longos anos com nossa querida confreira e inspiradíssima poeta Yeda Prates Bernis.

Em 1995, morando em Boston, Massachusetts, estudou inglês e fez entrevistas para a imprensa brasileira. Uma delas com Ciro Gomes, para o Estado de Minas.

De volta a Belo Horizonte, deu aulas de inglês no Greenwich e incorporou-se à equipe fundadora do Canal 23 de TV a cabo, exclusivamente dedicado a Jornalismo, e dirigido por Lauro Diniz e Alberico Souza Cruz.

No Canal 23, apresentou “Jogo Duro”, programa semanal de entrevistas que teve, entre muitos convidados, Barbara Heliodora (renomada crítica teatral), Eduardo Almeida Reis, Oscar Dias Correa e o orador que ora vos fala.

Depois de atuar como repórter de rede nacional na Rede TV!, foi para a PUC TV, onde produziu, dirigiu e apresentou programas como o da OAB de Minas Gerais, patrocinado pela própria OAB e pelo Instituto dos Advogados de Minas Gerais, onde conviveu com antigos acadêmicos, como o professor Raul Machado Horta.

Também criou e apresentou o programa “Pensamento Jurídico”, da AMAGIS, que existe até hoje.

Em 2004, concluiu o Mestrado em Direito Internacional na Faculdade de Direito da UFMG, com a tese “Direito à Comunicação na Sociedade Internacional”.

Na Fundação Dom Cabral, fez pós-graduação em Marketing e em Gestão de Negócios, esta em parceria com a Universidade da Columbia Britânica, do Canadá.

Trabalhou como pesquisador no Centro de Direito Internacional, criado e dirigido pelo professor Leonardo Nemer Caldeira Brant.

Em 2005, a convite da jornalista Nereide Beirão, tornou-se o chefe adjunto da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de Belo Horizonte, na gestão do prefeito Fernando Pimentel. “No setor público, aprendi muito”, avalia Rogério.

Em janeiro de 2006, aos 89 anos, faleceu Expedito de Faria Tavares, seu pai. “É uma dor que não passa nunca”, como alertou a professora Isabel Vaz, esposa do nosso prezado ex-presidente Orlando Vaz.

Com Sabrina, um tesouro dos tempos do Loyola, formou seu lar. Carlos nasceu em janeiro de 2012; em setembro, chega Gabriela, uma pequena flor anunciando a primavera.

Em Madri, onde viveram de 2007 a 2009, Rogério tirou seu “Diploma de Estudos Avançados em Direito Internacional e Relações Internacionais”.

De volta ao Brasil, lecionou Direito Constitucional no Centro Universitário UNA e apresentou o programa “Rede Mídia”, na Rede Minas, a convite do então presidente José Eduardo Gonçalves.

Entre 2011 e 2015, foi Supervisor de Comunicação Corporativa na Fiat Chrysler para a América Latina.

Em 2013, criou o projeto “O autor na Academia”, que trouxe à sede da AML, até dezembro de 2015, os melhores intelectuais brasileiros, para uma palestra mensal gratuita. O público abraçou a ideia e o projeto transformou-se em referência de sucesso.

Aprovado em primeiro lugar, com a nota máxima (100), dedica-se atualmente ao Doutorado em Literatura da PUC Minas, sob orientação da professora Márcia Marques de Moraes, cujos alunos enriqueceram, com sua presença, os eventos de nossa Academia.

No Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, ocupa a cadeira 71, cujo patrono é o padre Viegas de Menezes, precursor da Imprensa em Minas. Com esta inspiração organizou, em 2014 e 2015, o ciclo de conferências sobre a história da Mídia em Minas, este realizado em parceria com a AML. Planeja, para o corrente ano, o último ciclo da trilogia.

Membro do Instituto dos Advogados de Minas Gerais, escreveu longo estudo sobre a sua história, publicado na revista do Instituto.

Após dois anos de exaustivo trabalho, publicou “Contribuições para a história do Instituto dos Advogados Brasileiros”, entidade de que também é sócio. O livro vem acompanhado de uma caixa com 15 DVDs e contém todas as entrevistas realizadas para o projeto, que teve todos os custos assumidos pelo autor. Dois novos títulos serão lançados no próximo mês: “Contribuições para a história do Instituto dos Advogados de Minas Gerais” e “Entre el Poder y el Derecho: el Consejo de Seguridad y la Corte Penal Internacional en la situación del Sudán”, fruto de dois anos de pesquisa como estudante na Universidade Autónoma de Madri.

Atleticano da gema, “Galo” foi a primeira palavra que falou, ensinado pela babá fanática.

Como todo bom taurino, é glutão. Melhor que uma boa mesa, só uma boa conversa. As duas juntas, então, formam cardápio insuperável. “Meu maior patrimônio são meus amigos. E a minha família, claro”, gosta sempre de afirmar.

Leitor voraz, sobretudo de autores brasileiros, acompanha de perto a geração nova, os contemporâneos. Mas declara profundo amor por Erico Veris-

simo, Lygia Fagundes Telles, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Nelson Rodrigues...

Na música, Chico Buarque é o ídolo, primeiro e único, "o grande nome do século vinte".

Adora viajar, conhecer culturas novas, lugares novos, pessoas novas.

Quer os filhos como cidadãos do mundo. Sabe, por experiência própria, o quanto morar fora amadurece.

Sua crença no valor das instituições culturais o levou a filiar-se à Associação Brasileira de Imprensa (ABI), ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, ao Instituto dos Advogados Brasileiros. Garante que fazer cultura vale a pena, mesmo sendo caro e difícil. Está certo de que "a cultura aproxima as pessoas e promove encontros humanos num ambiente saudável e seguro, plural, tolerante, civilizado". Acredita muito no potencial da AML e aposta no seu belo futuro.

Eis sua profissão de fé: "É preciso ler muito e investir muito na educação. Amo os livros. Eles são capazes de nos transportar para universos inesperados. Ninguém é o mesmo depois que termina de ler um bom livro. Sou pela paz, pela tolerância, pela pluralidade, contra os preconceitos. Tenho amigos de todas as tendências políticas, ideológicas e outras. Gosto da História, das tradições, da preservação da memória, que ajudam a entender o presente e projetar o futuro".

Estimado confrade, fraterno amigo Rogério Faria Tavares,

Guiado por ventos propícios, iluminado pelo sol da esperança, seu ingresso em nossa Academia se rege pela misteriosa mão da sincronicidade.

Num momento de verdadeira refundação para nos adequarmos aos padrões dos novos tempos, às exigências dos dias atuais, formalizou-se, há menos de uma semana, nosso ingresso no Circuito Liberdade, como primeira instituição privada a se juntar ao vibrante conjunto de equipamentos públicos de cultura coordenado pela talentosa e jovem Marcela Cougo, sob a supervisão de Michele Arroyo, em sintonia com as diretrizes do secretário de Estado de Cultura, nosso estimado confrade Angelo Oswaldo. Coroa-se, assim, obstinado trabalho de quase um ano, que contou também com o valioso apoio do secretário Helvécio Magalhães e indispensável chancela do prezado governador Fernando Pimentel.

Agora, consolidado o processo de abertura, a Academia poderá avançar com segurança na ousada programação já em andamento. Para este novo desafio, prezado confrade, sua chegada é preciosa e providencial. A Academia conta e necessita de sua imprescindível participação, seu reiterado compromisso com a palavra e a cultura, seu jovial entusiasmo, sua privilegiada rede de relacionamentos, graças à qual tantas figuras ilustres aqui estiveram. A Universidade Livre, já dirigida por Dario Faria Tavares, o espera, plena de desafios e possibilidades. Bem-vindo a este espaço de sonho e fé, de trabalho e partilha, propício a quem, como Você, sempre esteve pronto à generosa e gratificante tarefa de servir.

Há muito chão pela frente, os ventos são propícios: haja asas para voar!

MIGUEL TORGA EM MINAS NO TREM DE FERRO DE PEDRO ROGÉRIO MOREIRA

Danilo Gomes*

Nascido em São Martinho de Anta, Adolfo Correia da Rocha tornou-se respeitado otorrinolaringologista, estabelecido em Coimbra, mas se tornou nome mundialmente conhecido, como escritor, sob o pseudônimo de Miguel Torga. Miguel, em homenagem a Cervantes e Unamuno; Torga é o nome de uma raiz brava e dura do solo de Trás-os-Montes. Foi cotado para receber o Prêmio Nobel de Literatura.

O adolescente Adolfo morou alguns anos na Zona da Mata de Minas Gerais, como se sabe, na fazenda de um tio rico, mas na condição de empregado doméstico, que a tia "torta" odiava. Aqui arribado em 1919, o menino Adolfo comeu o pão que o diabo amassou com a maldita cauda, na convivência com a bruaca, horrível miegera indomável.

A vida do futuro escritor em Minas foi resgatada em livro, magistralmente, pelo escritor Pedro Rogério Couto Moreira, da Academia Mineira de Letras e antigo repórter da TV Globo. Na Academia, ele sucedeu, na cadeira nº 38, a seu pai Vivaldi Moreira, eleito pelos pares Presidente Perpétuo da Casa*

O livro intitula-se "Geografia sentimental de Miguel Torga em Minas & outros escritos", publicado pela Thesaurus, com programação visual de Cláudia Gomes, como separata da Revista da Academia Mineira de Letras, editada pelo acadêmico Manoel Hygino dos Santos, associado da ANE.

O adolescente português foi parar nas bandas do município de Leopoldina, servido pela Estrada de Ferro Leopoldina. Escreve Pedro Rogério: "Coitadinho do menino Adolfo! Ele desconhecia o perigo que o esperava logo após o trem da Leopoldina vencer o cenário edênico que o maravilhava. O resgate da passagem do navio foi pago com muito mais do que o esperado trabalho: foi com humilhações, choros solitários, medos, até fome numa casa farta o menino passou. Ele não imaginava a bruxa com a qual o tio havia se casado. Era portuguesa, aparentada dos Rocha, muito feiosa, já havia despachado para as profundas o primeiro marido, e tinha dois filhos desse finado casamento. O escritor jamais escreve o nome dela no livro. A bruaca considerava o novo morador da fazenda, aquele menino, uma ameaça à herança dos filhos. E aí começou uma perseguição feroz."

*Jornalista, escritor. Da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira nº 2. cronistadanilogomes@gmail.com

Esse livro de Pedro Rogério, lamentavelmente de apenas 71 páginas, é muito interessante, verdadeira obra-prima de elegante e fluente estilo, concisão, acurada pesquisa e opulenta riqueza de informações. Fazemos, em busca de Miguel Torga, uma inesquecível e bucólica viagem de trem de ferro, conduzido pelo maquinista Pedro Rogério com a perícia de um veterano repórter afeito a grandes missões e expedições por terramarear...

Quero trazer à baila mais este trecho do escritor mineiro, referindo-se ao livro "A criação do mundo": "É um relato pungente, sem pieguices, lembrando David Copperfield e as histórias de outras infâncias desvalidas. Adolfo cuidava do chiqueiro; dava lavagem aos porcos; ela o mandava matar cobras no terreiro da fazenda, rachar lenha e todo o serviço que podia humilhar o menino".

Em Leopoldina, o moço Adolfo Rocha estudou no célebre Ginásio Leopoldinense, onde, muitos anos mais tarde, estudariam nossos ilustres confrades da ANE, Anderson Braga Horta e José Jerônimo Rivera, poetas, tradutores de poesia e conhecedores da obra torguiana.

Miguel Torga, já médico e autor renomado, voltou a Minas em 1954. Pedro Rogério refaz essa outra viagem do poeta, contista, teatrólogo e memorialista.

Pedro Rogério relata também sua viagem a Portugal, "em busca de Miguel Torga", em companhia de seu pai, o erudito escritor Vivaldi Moreira. Mas eles se desconstruíram do esquivo e arredo autor, que fora passar o final de semana no Estoril, em merecido descanso.

Torga faleceu em 1995. Dele, Pedro Rogério vincou este certo perfil, com precisão cirúrgica, à pág. 9: "Individualista e solidário, humanista, anarquista e solitário, carrancudo, amante da liberdade acima de tudo – eis um resumo da biografia de Miguel Torga".

O livro traz várias fotos e ilustrações com informativas legendas. Traz também um artigo da professora universitária mineira Juliana Meneguitte, sob o título "Torga e Deus", um sutilíssimo tema, de caráter confessional e metafísico.

Pedro Rogério é também autor dos livros "Hidrografia sentimental", "O almanaque do Pedrim", "Bela noite para voar", "Jornal amoroso", "Jornal amoroso II", "Amor a Roma e amor em Roma".

O autor mineiro, nascido em Belo Horizonte em 1946, discorrerá, a convite do Presidente da ANE, Fabio de Sousa Coutinho, sobre a vida e a obra de seu fraternal amigo Mário Palmério, autor de "Vila dos Confins" e "Chapadão do Bugre". A palestra celebrará o centenário de nascimento do grande romancista e será realizada no segundo semestre deste 2016. O legendário Mário Palmério viveu uma vida turbulenta, de grandes realizações e aventuras no Brasil, na Europa, no Paraguai (onde foi embaixador do Brasil) e na Amazônia.



O TEMOR DA CRÍTICA E A DÚVIDA

*Carmen Schneider Guimarães**

Sim. É temerário, e me acode aquele friozinho na coluna, sempre que me disponho a rever os livros (qualquer deles) do homem de Cordisburgo. Também quando encontro alguém determinado a fazê-lo. Não digo estudar "a obra" de João Guimarães Rosa. É que o escritor tem muitas obras. Cada livro, ou mesmo algum simples texto, conto, novela, ou aqueles "quadros" (assim chamou os trabalhos de Primeiras Estórias e também os de Terceiras); cada um, repito, constitui uma obra completa.

Se quisermos entender melhor o texto de Rosa, não nos bastarão a crítica primeira ou as demais críticas havidas e ditadas por excelentes estudiosos do assunto. Cada nova leitura endereçará o leitor para diferentes trilhas, onde poderá ser encontrado um mundo de criações e nascimentos vocabulares. As regras usadas na formação das primeiras criaturas verbais são as mesmas desses vocabulos rosianos. Prefixos e sufixos alteraram o compasso cansativo da composição cotidiana e a rotina da escrituração. Às vezes, sinto certa aflição ao perceber que alguns bem intencionados críticos tentam interpretar as fábulas gestoras das tarefas de Rosa, e afastam-se cada vez mais do verdadeiro sentido e até da intenção do autor. Guimarães Rosa não viceja à flor da terra. As raízes de suas composições sobrevivem nos profundos terrenos de universos próprios. Alguns pelem para qualificar as concepções poéticas de Rosa. Caem na mesmice de outros. O homem em estudo não era poeta. Esse homem era amante da Poesia. E por ela gostava de falar, principalmente, através da oralidade de Riobaldo, o narrador de Grande Sertão: Veredas; também usava a Filosofia, por exemplo, para externar suas ideias. Vez por outra, ia buscar em fontes várias a razão para seus pensamentos. Usava, por demais, as metáforas, e descobre-se que são elas a matéria-prima da Poesia. Vejamos: quando disse a conhecida e repetida frase: "O homem não morre, fica encantado", estaria indo ao "Juízo Final?", a Kardec? ao Folclore? aos irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm? às Histórias da Carochinha? Seria "desencantado" por algum especial analista de seus guardados literários, ou despertado pela varinha de condão de possível mago ou fada-madrinha?

* Escritora, ocupante da cadeira de nº 5 da Academia Mineira de Letras. Presidente emérita da Academia Feminina Mineira de Letras. carmenschneiderguimaraes@yahoo.com.br

João Guimarães Rosa cometeu alguns deslizes. Todos levados pela sedução material do dinheiro. A primeira vez, quando em 1929, decidiu que era hora de valer-se de sua exuberante cultura para escrever uns bem-traçados contos, e faturou com eles alguns trocados. Lidos e reavaliados agora, ressurgem o brilho e o valor dos trabalhos. Qualquer coisa que ele pretendesse realizar no âmbito literário certamente seria premiada. Rosa procurava sua vocação. (Médico, Diplomata, finalmente, Escritor). Tanto assim, que mesmo não sendo a sua especialidade, mas vendo-se, novamente, premido pelo aperto financeiro, e sentindo a mente fervilhar de criações, resolveu partir para outra empreitada (em 1936). Pensou muito, chegou a trocar ideias com seu tio e especial amigo, Vicente Guimarães, poeta que sobressaía, além das publicações, enviando sonetos e poemas aos amigos e parentes, nas principais datas nacionais e religiosas, e com um delicioso livro de poesias para crianças, intitulado Anel de Vidro, louvando as profissões: bailarina, costureira, professora, e muitas outras – (livro este que foi adotado em educandários, tanto de Minas, como em cidades de outros estados). Mas, como eu ia dizendo, o homem Rosa resolveu escrever um livro e enviá-lo a concurso de poesias. Sua decisão o fez demonstrar, logo no título escolhido, o fato de o próprio autor reconhecer incertezas nos escritos. Cercou-se de boa dose de coragem e foi em frente, mesmo com um alerta íntimo, prevenindo-o de que seu destino seria outro; a esperança de recompensa monetária falou mais alto.

Decidiu-se, Guimarães Rosa, a chamar de Magma o livro, com a convicção de que não era aquela a peça de valor maior que sua bagagem literária deveria conter. Insinuava o autor, dentro do significado do título, alguma coisa sem forma definida, algo imperfeito, ainda para ser configurado, e que embora de natureza profunda, carecia de tempo e constância para compor-se. Ele tinha plena consciência disso, tanto assim, que nem com o prêmio cercado de apreciação extremamente elogiosa a respeito de seu trabalho, pretendeu publicá-lo. Valeu-se dele, sim, como sementeira, como peça poderosa de embriões para seu destino literário. Na verdade, descobriu em Magma a senda luminosa para um seu esperado futuro: o sertão.

Parentes andaram pesquisando entre amigos e familiares a respeito da publicação ou não do livro premiado. Se não me falha a memória, vi algo semelhante a esta opinião: Publique-se. Assino embaixo da apreciação do relator; ele anteviu e captou a genialidade do candidato. Guilherme de Almeida lutou para que Rosa não tomasse outro rumo.

O homem de Cordisburgo esteve sempre atento. Presume-se que já se lançasse, no esconso de seu gabinete, a escrever aquelas estórias. As primeiras histórias (contos) não foram as de seu melhor intento. Certo é que exibiam um glossário, percebido a cada página dos quatro textos que a revista "O Cruzeiro" publicou. Ali se podiam considerar as dezenas de idiomas que o autor conhecia, além de sua erudição, apesar da pouca idade. Mas Guimarães Rosa queria outro

caminho. Desde menino, carregava no peito a vocação sertaneja da dissertação; a singularidade da fala do homem que só naquele universo existia e que compartilhava a ambiência da venda de seo Fulô, o pai Florduardo.

Disse "sementeira", mas talvez estivesse enganada. É que me invade a desconfiança de que os dois trabalhos de Rosa tenham sido escritos concomitantemente, isto é, Magma de um lado, e Sagarana (ou Contos), do outro.

Quando João Guimarães Rosa foi nomeado vice-cônsul do Brasil em Hamburgo, e teve a oportunidade de assinar "vistos" de saída para judeus perseguidos pelo nazismo, aproveitou-se desta situação para escrever um texto, que se incluiu em seu livro póstumo Ave Palavra. E já havia Rosa deixado um volume de novelas para ser julgado em concurso.

Às vezes, estudiosos se referem ao livro Ave Palavra, alegando tratar-se de uma "Miscelânea". Sabemos dos dois significados da palavra, sendo o primeiro: "mistura de variadas compilações literárias" (com certeza, o aceito pelos críticos), e o segundo: "mixórdia, confusão, amontoamento". Quase sempre o vemos por aí nessa segunda acepção. Devemos cuidar para que não nos tomem por irônicos, se estamos fazendo estudo sério e considerado sobre a imensidão de um autor.

Tentar avaliar Rosa é matéria temível. Surgem obstáculos, crateras, ou simples "pedras" no caminho, como aquela famosa do poeta itabirano. "Não tropeçamos em montanhas"; é necessário cautela com as coisas miúdas, quase despercebidas.

De vez em quando, embrenho-me pelo sertão ignoto e adusto (Euclides da Cunha), com as veredas e buritis do cordisburguês Rosa. Um tanto perdida, vou buscar trilha para a volta; momento em que me ocorre a recomendação de sacerdote cristão, muito louvado, quando aconselha, que até mesmo na Teologia, a palavra certa para o incremento da crença e das descobertas é "dúvida". Sem ela, a fé estaria estanque para a sobrevivência da certeza e da verdade.

É o que me resta: a dúvida.



POESIA FEMININA

*Yeda Prates Bernis**

Estamos vivendo um tempo de violência em todos os sentidos. Precisamos de ar puro e um pouco de poesia neste ar rarefeito.

A poesia, segundo Octavio Paz, "é conhecimento, salvação, poder e abandono". O poeta é mediador entre sua obra e o leitor trazendo beleza, filosofia, denúncia e amor.

O homem conquistou a lua, adquiriu técnicas esplêndidas mas tem se esquecido, sempre mais, do amor e do respeito entre seus iguais.

Achei por bem oferecer aos leitores desta revista um pouco de poesia escrita por mulheres brasileiras, sem juízo de valor na escolha, já que o Brasil possui uma constelação de autoras excelentes.

Espero que nesta modesta leitura os leitores possam respirar o perfume mais sutil da alma humana.

Por ordem cronológica tentarei apresentar algumas vozes cujas temáticas vão da espiritualidade ao canto telúrico, o amor, a morte e ao grito contra a violência.

A mulher, em geral, é um termômetro de sensibilidade em alta vibração. Começarei por Cora Coralina, rara flor nascida nos ermos de Goiás.

Oração do Milho

Introdução ao POEMA DO MILHO

Cora Coralina

Senhor, nada valho.

Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das
lavouras pobres.

Meu grão, perdido por acaso,

nasce e cresce na terra descuidada.

Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,

* Poetisa, 2ª vice-presidente da Academia Mineira de Letras, ocupa a cadeira N° 6. yedabh@yahoo.com.br

mesmo planta de acaso, solitária,
 dou espigas e devolvo em muitos grãos
 o grão perdido inicial, salvo por milagre,
 que a terra fecundou.

Sou a planta primária da lavoura.
 Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
 e de mim não se faz o pão alvo universal.
 O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem

lugar me foi dado nos altares.

Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
 trabalham a terra, onde não vingam o trigo nobre.
 Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
 alimento de rústicos e animais do jugo.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
 coroados de rosas e de espigas,
 quando os hebreus iam em longas caravanas
 buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
 quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
 e Jesus abençoava os trigais maduros,
 eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.
 Fui o ango pesado e constante do escravo na exaustão
 do eito.

Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
 Sou a farinha econômica do proletário.
 Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam
 a vida em terra estranha.

Alimento de porcos e do triste mu de carga.
 O que me planta não levanta comércio, nem vantagem
 dinheiro.

Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos
 paióis.

Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.
 Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que
 amanhece.

Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus
 ninhos.

Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
 que me fizestes necessário e humilde.

Sou o milho.

Henriqueta Lisboa, mineira de Lambari, percorre a vida e os sentimentos humanos com rara lucidez e poesia. 7

Um poeta esteve na guerra
 Um poeta esteve na guerra
 dia a dia, longos anos.
 Participou do caos,
 da astúcia, da fome.
 Um poeta esteve na guerra.
 Por entre a neve e a metralha
 conheceu mundos e homens.
 Homens que matavam e homens
 que somente morriam.
 Um poeta esteve na guerra
 como qualquer, matando.
 Para falar da guerra
 tem apenas o pranto.

Cecília Meireles, natural do Rio de Janeiro, canta o instante e o eterno.

Motivo

Eu canto porque o instante existe
 e a minha vida está completa.
 Não sou alegre nem sou triste:
 sou poeta.
 Irmão das coisas fugidias,
 não sinto gozo nem tormento.
 Atravesso noites e dias
 no vento.

Se desmorono ou se edifico,
 se permaneço ou me desfaço,
 — não sei, não sei. Não sei se fico
 ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
 Tem sangue eterno a asa ritmada.

E um dia sei que estarei mudo:
– mais nada.

Lacyr Schettino, de Mar de Espanha-MG, com temas de amor e temas espirituais como o livro “Santa Tereza de Jesus”.

Soneto Do Amor Barroco

O triste encontro! E mais do que por ver-te,
saber perdido o tempo já de dar-te.
A ferida da rosa por rever-te.
A rosa da ferida por amar-te.

Ah, como se aquietava o sonho ao ver-te
à distância impossível para dar-te
o que dado seria, se rever-te
condição fosse de poder amar-te.

O triste encontro agora! pois perder-te
me fora um bem maior do que alcançar-te
e não te ver, melhor do que rever-te.

É que, perdido o zelo de buscar-te
e já submissa ao mando de perder-te,
eu não pensei que ainda pudesse amar-te.

A carioca **Stella Leonards** dedicou-se à poesia lírica e aos cancioneiros sobre fatos históricos, cobrindo o Brasil com poesia.

A Orfeu

Na face de minha estela
tua lira resplandece
e me conta das estrelas,
Dentro da estela uma eurídice
te canta

– estrela elegíaca –

e chora
de um canto estreme.
Ensonho teus
idos traços.
E vais musicando
trácias
de traçado
pura música.
Meu sonho roça-te
a lira,
novicórdia,
novilírica,
do enlevo
de nove musas.
Tu que silenciaste
as feras,
os pássaros
e o mar fero,
silencias
minha pena.
Tu que comoveste
as pedras
e as raízes
sob a pedra,
comoves
o meu silêncio.

Zila Mamede de Nova Palmeira, Paraíba fez poesia clássica e moderna.

RETRATO DE MINHA MÃE COSTURANDO

A máquina move
bobinas fios
a máquina fixa
flor e atavios

Corra essa correia
de couro curtido
da roda ao pedal
como um desafio

Dance a inquieta agulha
em louço vai-e-vem
cutelo e fagulha
de calor, de bem

A máquina e
o veio:
Aranha a tecer
varizes inchadas
longo anoitecer

A máquina e
o tempo:
luz de lampião
pedal madrugada
cheiro quente: o pão

A máquina e
as linhas:
branco em carretel
chama de pavio
na fumaça: o mel

A máquina e
o berço:
filho vai nascer
perna pedalando
filha a adormecer

A máquina:
morna tessitura
de lençóis-colchões
dentes e cangalhas
presos nos mourões

A máquina:
texto-documento
na execução
de mortalhas: anjos
em azul de caixão

A máquina:
trapézio de infância
caos da adolescência
vestida sem rendas:
Lúcida indigência

A máquina:
lúdico artefato
de abstrato museu
(a avó, a bisavó)
do tempo hoje meu.

A Federico García Lorca

Hilda Hilst, poeta paulista de Jaú.

Companheiro, morto desassombrado, rosácea ensolarada
quem senão eu, te cantará primeiro. Quem senão eu
pontilhada de chagas, eu que tanto te amei, eu
que bebi na tua boca a fúria de umas águas
eu, que mastiguei tuas conquistas e que depois chorei
porque dizias: "amor de mis entrañas, viva muerte".
Ah! Se soubesses como ficou difícil a Poesia.
Triste garganta o nosso tempo, TRISTE TRISTE.
E mais um tempo, nem será lícito ao poeta ter memória
e cantar de repente: "los arados van e ven
dende Santiago a Belén".

Os cardos, companheiro, a aspereza, o luto
a tua morte outra vez, a nossa morte, assim o mundo:
deglutindo a palavra cada vez e cada vez mais fundo.
Que dor de te saber tão morto. Alguns dirão:
Mas se está vivo, não vês? Está vivo! Se todos o celebram
Se tu cantas! ESTÁS MORTO. Sabes por quê?

*"El pasado se pone
su coraza de hierro
y tapa sus oídos
con algodón del viento.
Nunca podrá arrancársele
un secreto."*

E o futuro é de sangue, de aço, de vaidade. E vermelhos
azuis, brancos e amarelos hão de gritar: morte aos poetas!
Morte a todos aqueles de lúcidas artérias, tatuados
de infância, de plexo aberto, exposto aos lobos. Irmão.
Companheiro. Que dor de te saber tão morto.

Renata Pallottini de São Paulo, poeta intimista, lírica e metafísica.

A Morte

Com teu manto solene
 imantada da morte
 foste por um momento
 o centro; e és agora
 folha dentro do livro,
 demarcada memória,
 uma dor tão doída
 que nem ao menos chora;
 campo de crisântemos
 sob o sol do estio;
 rio de mil lâmpadas
 que a luz desferiu,
 paço aonde flâmulas
 o Rei conduziu...

Onde soam cânticos
 Sob o sol do estio.

Lina Tâmega Peixoto, mineira de Cataguases, elegância e singularidade na poesia contemporânea.

Vigília

Como dormir
 se permaneço atenta ao zelo e alento da alma
 como se ela fosse uma flor em vigília
 a buscar a parecença do sol nas pétalas?

O ar é limpo, recém-lavado de sonhos.
 A cama é uma nova pátria
 onde me deito de lado
 sobre as palhas da esperança.
 O corpo é uma verdade inconclusa
 um frêmito da escuridão
 em alguma parte do quarto.

Durmo e durmo a veneranda insônia
 que doce e mansa chega a madrugada
 no trincar a noite
 com o bater das pálpebras.

Adélia Prado, contemporânea, transforma o cotidiano em poesia.

Solar

Minha mãe cozinhava exatamente:
 Arroz, feijão roxinho, molho de batatinhas.
 Mas cantava.

Astrid Cabral, poeta de Manaus, com extensa poesia diversificada.

Poesia

Corola de som
 desabrochando
 entre lábios.

Desenho de dedos
 entre punho e palma.

Flor de palavra
 brotando do vasto
 chão da alma.

Lenilde Freitas, nascida em Campina Grande, Paraíba. Poesia marcante.

Poema Redutível A Uma Única Palavra

Do profundo,
do mais profundo poço
faço leito.
E deite e deitarei aí com muito jeito
meu coração de monja
quase puro.
Do escuro,
do mais escuro vão
recolho o que em mim morrer recusa.
Por fim, já meio reclusa,
procurarei antecipar-me ao lodo que serei.
E sem ter nada, nada mesmo que me impeça,
se um fio de vida ainda me resta,
força farei. Daí em diante, quem me recomeça?

Maria Lúcia Simões, de Belo Horizonte, Minas Gerais, poeta lírica, por excelência.

Em silêncio percorri a neblina do tempo
e de sombra colhi tua presença
e eras tão leve assim feito de brisa
e tão distante assim desfeito em nuvens
que eu fechei os meus olhos
para ver-te.

Elizabeth Gontijo, de Belo Horizonte, Minas Gerais, poeta lírica com traços espiritualistas.

AGENDA

Singro o tempo indivisível
e tento, em vão, nortear a viagem.

Terça-feira:
Pela manhã, mercado central.
Vago entre ruídos

e quase perco a saída.
Aporto em banca de unguentos...
Sexta-feira:
O chão encerado reflete a grafia incerta de meus passos.

Divago com favos e abelhas.
Às três horas, dentista.
Um alento: posso morder a maçã.

Beiro, insabida, o insano.

Domingo:
Dia da graça.
- Maria, coça minhas costas?

Na nostalgia da costela repartida,
Adão, de novo,
me pede para ser Eva.

Bruna Lombardi, de São Paulo. Atriz e poeta com traços intimistas.

João, nós temos visita
vamos fingir felicidade
a casa organizada
os sentimentos em ordem
Vamos fingir harmonia
e equilíbrio emocional
vamos pôr a empregada
de avental.
Vamos sorrir serenos
falar baixo, pisar leve
(que a paz more conosco)
mesa posta, flor no vaso
cerimônia, chá servido
comentários em geral
- João adora... eu prefiro
você também? que engraçado
É, a vida é assim mesmo
mas não há nenhum problema

que não possa ser superado -
 E depois etc. e tal
 tudo em volta funcionando
 com a maior perfeição
 todos os gestos medidos
 para dar boa impressão.
 As coisas dentro dos eixos
 o coração em horário
 João, nós temos visita
 tira o jornal do sofá
 guarda a angústia no armário.



COMUNICAÇÃO E IDEOLOGIA CONSENSUAL

*Cón. José Geraldo Vidigal de Carvalho**

INTRODUÇÃO

O ser racional é detentor de pensamentos pessoais nos quais se inserem afetos e todo seu modo de ser que determinam sua individualidade.

É isto que na vida cotidiana alimenta o diálogo descontraído, informal. Não há na confabulação segundas intenções. É uma simples troca de ideias que não interfere diretamente no perfil caracterológico dos interlocutores.

Cada um, porém, está sujeito a outro tipo de comunicação, sobretudo no contexto atual. Em nossos dias principalmente, a mídia atingiu um papel dominante. Ela desperta desejos, cria costumes e hábitos sociais, além de definir estilos de vida. Isto se dá continuamente ao se receberem mensagens que visam a um consenso. O objetivo é fazer com que o indivíduo assimile tais mensagens de tal forma que elas passam a fazer parte dele mesmo. É a comunicação sutilmente manipulada. Verifica-se, deste modo o surgimento de uma ideologia consensual. Ocorre uma verdadeira invasão da individualidade metafísica da pessoa.

Disto decorre uma maneira de pensar e de agir que passa a reger a ação individual e da comunidade numa deterioração do próprio ego contaminado por mensagens as mais das vezes espúrias.

Trata-se de uma intersubjetividade irreal produzida por uma linguagem verbal ou escrita que enleia em falsos valores.

É o que se verifica não apenas no setor de mercado, mas, sobretudo, no mundo político.

Disto resulta a compra de produtos desnecessários ou até prejudiciais e a decepção de cidadãos que se sentem traídos pelo não cumprimento das promessas eleitoreiras.

Sem um senso crítico apurado se aceita como saída salvadora o que depois se percebe como lamentável engodo.

É que o consenso é institucionalizado na comunicação para o bem ou para o mal.

* Professor no Seminário de Mariana durante 40 anos. Ocupa a cadeira nº 12 da Academia Mineira de Letras.

POSTURA ANTROPOLOGICAMENTE CORRETA

O meio de superar ou resolver esta realidade é transformar este consenso em realidade transcendente, desligada e independente das pessoas que a criam.

Esta atitude de elevação transcendental leva ao sentimento da verdade, das coisas e do ser.

Esta busca dá objetividade, contudo, nem sempre é fácil, tanto mais que hábitos tendem a se cristalizar, os preconceitos a se arraigar.

O ser humano, porém, tem o poder, através da reflexão madura, de definir limites e de redefinir o foco das mensagens transmitidas que podem ser tendenciosas, maléficas e até criadoras de monstros interiores.

Terroristas, extremistas e todo tipo de malfeitores e viciados são, em última análise, vítimas das ideias insensatas que deles se apropriaram.

Existem os expertos perniciosos que sabem explorar as leis que regem a energia verbal gerando um consenso que arruína os incautos.

As aspirações mais profundas que existem no ser humano podem ser ardidosamente trabalhadas, donde resultam as ficções que necessitam ser sempre desmascaradas.

LIBERDADE E BOM SENSO

Os lamentáveis episódios ocorridos nos primeiros meses de 2015 em Paris, com a morte de doze pessoas, e em Copenhague, quando uma pessoa morreu e três ficaram feridas, geraram uma série de contradições.

Com efeito, se de um lado existe a luta pela liberdade de expressão, não se pode, porém, deixar de apelar para bom senso.

O equilíbrio entre estas duas realidades básicas do humanismo se faz mais do que nunca necessário.

Prantear a morte dos jornalistas franceses e a perseguição a um jornalista dinamarquês é um aspecto, aprovar o desrespeito à religião, seja qual for, não é louvável.

No que tange à Igreja muitas charges são blasfemas, irreverentes, sacrílegas. Isto causa a indignação e até mesmo horror para quem tem fé.

Consequência do reto uso da liberdade é a responsabilidade. Essa é sinal característico da dignidade da pessoa humana. Cada um se situa no mundo moral, se coloca perante sua consciência por ser responsável pelas suas ações que podem ser luminosas ou trevasas, benéficas à sociedade ou sumamente danosas, construtivas ou agressivas à ordem pública.

A Didaqué resumiu este posicionamento do homem numa frase sugestiva: "Há dois caminhos: um da vida e outro da morte. A diferença entre ambos é grande".

Ser responsável é assumir a preferência por uma destas trilhas, opção, porém, que deve ser conscientemente feita pelas trilhas do Bem.

Platão ensinou com justeza: "Cada qual é a causa de sua própria escolha, ela não pode ser imputada à divindade".

Os limites da liberdade de comunicação param diante do direito natural que todos os homens e mulheres têm de não serem enredados para o mal.

Aditem-se as arbitrariedades, as insinuações, as meias-verdades, as mentiras por omissão, os enganos, a manipulação obscena da informação para fins suspeitos.

A onda de violência que percorre o mundo tem muito a ver com o requinte perverso de uma comunicação delituosa.

A liberdade de informar é uma das maiores conquistas da humanidade e é uma proteção decisiva contra a ditadura dos poderosos e contra as injunções políticas ou econômicas.

Esta liberdade, porém, não pode se prostituir no exercício incontrolado e impune de sua missão de serviço do ultraje às religiões e da difusão da imoralidade.

Há, pois, necessidade da educação para a liberdade.

O filósofo Pedro Dalle Nogare expressou-se com felicidade ao dizer que "a liberdade é uma planta de nosso jardim interior muito tênue e delicada, que para desenvolver-se normalmente até a sua plena maturidade, precisa de muitos cuidados e estes cuidados podem e devem ser oferecidos pela educação familiar e oficial".

Educar significa nutrir com vista a uma maturidade completa.

O julgamento ético deve presidir o modo como se forma a mentalidade dos leitores e ouvintes.

Cumpra todo cuidado com a tirania da comunicação.

É preciso um senso crítico bem apurado para não se deixar contaminar pelos disparates.

TAREFA DOS INTELLECTUAIS

Cabe, sobretudo, aos intelectuais e entre eles aos Membros das Academias de Letras identificar as manobras que agridem a autonomia do cidadão.

Trata-se de rastrear, num mundo globalizado que lança milhares de ideias, mormente através da mídia, as verdadeiras necessidades e anseios do ser humano.

Adite-se que cumpre haja normas éticas para que a faculdade de cada um de se governar por si mesmo e de se reger não seja nunca obnubilada.

Mister se faz uma racionalidade comunicacional que não gere a mistificação. Esta é a antípoda da construção sócio-política que tira os homens da caverna do efêmero, do ilusivo.

Tarefa ingente e urgente de desqualificar textos que não se pautam pela racionalidade e por argumentos fundamentados na realidade antropológica dos interlocutores.

Problemática complexa esta de pinçar os intentos dos comunicadores desleais, mas que é uma crítica terapêutica necessária e de suma valia.

Ideal sublime de neutralizar uma argumentação que fere a verdade na plenitude dos contextos de vida de uma sociedade massificada.

Inúmeros os que não têm normalmente capacidade de captar os problemas essenciais, as pretensões existenciais consistentes e se deixam levar pela ideologia reinante.

Daí o dever daqueles que, pela sua cultura, podem abrir os horizontes da liberdade e da autorrealização dos que se acham escravizados pela ideologia consensual imperante.

Com efeito, a comunicação racionalizada nem sempre é racional, digna de seres humanos. Fica erroneamente baseada no estatuto de uma falsa metafísica social, o que contribui para legitimar, reforçando-a, a referida ideologia consensual que precisa ser decodificada para ser superada.

Numa visão dialética, a qualidade, socialmente construída, da atividade humana por meio da comunicação, deve sempre ser adequada às finalidades apropriadas e destinadas à promoção social dos cidadãos...

BIBLIOGRAFIA

- ARISTOTE. **La politique**. Paris, Vrin, 2005
- AUTOR DESCONHECIDO. **Didaqué** Petrópolis, Editora Vozes Ltda, 2012.
- BRETON. Philippe.. **La parole manipulée**. Paris, La Découverte & Syros, 2000.
- CARVALHO, J.G.Vidigal de. **Reflexões filosóficas**, Viçosa, Editora Folha de Viçosa, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours politique. Les masque du pouvoir**. Paris, Vuibert, 2005.
- GRIMALDI, Nicolas. **Ambigüités de la liberté**. Paris, PUF. 1999.
- LIPOWETSKY, Gilles. **L'empire de l'éphémère. La mode et son destin dans les sociétés modernes**. Paris, Gallimard, 1987.
- NZIGOU-MOUSSAVOU, Alain. **Pour une anthropobiologie philosophique du désir – Désir et consensus**, Paris, L'Harmattan, 2013,
- PLATON. **La République**. Paris, Flammarion, 2004
- SCHAFF, Adam. **Langage et connaissance**. Paris, Editions Anthropos, 1969.
- WATZLAWCK, Paul. **La réalité de la réalité. Confusion, désinformation, communication**, Paris, Seuil, 1978.
- WINKIN, Yves. **Anthropologie de la communication. De la théorie à la réaction**. Paris. Seuil, 2001.

TOMÁS MORE: POLÍTICO E SANTO

José Carlos Brandi Aleixo

O quingentésimo aniversário da publicação de *A Utopia*, em 1516¹, na cidade belga de Lovaina, constitui forte incentivo para refletir sobre a vida e a obra de seu conspícuo autor Tomás More (1478-1535). As múltiplas edições do livro, em variados idiomas e em numerosos países, e a excelente acolhida ao filme, de 1966, *A Man for All Seasons* (intitulado, no Brasil, *O Homem que Não Vendeu sua Alma*), de Fred Zinnerman, são eloquentes encômios a respeito dele.

Foram contemporâneos de Tomás More personagens diversos como João Pico de Mirandola (1463-1494)², Jerônimo de Savonarola (1452-1498)³, Nicolau Maquiavel (1469-1527)⁴, Desidério Erasmo de Roterdã (1469-1536)⁵ e João Luis Vives (1492-1540)⁶.

Tomás era filho do Juiz John More e de Agnes Graunger. O pai foi investido Cavaleiro por Eduardo IV. A família era influente e rica. Nos arredores de sua moradia, havia igrejas e casas belas. Foi batizado com o nome do santo e mártir inglês Thomas Becket (1118-1170).

Quando jovem, foi amigo dos franciscanos conventuais de Greenwich e residiu, algum tempo, na Cartuxa de Londres. Cogitou abraçar a vida religiosa, mas concluiu ser o matrimônio sua vocação. Levantava-se às duas horas da madrugada para estudar e orar. Às sete horas, ia à Missa. Usava, habitualmente, camisa de cilício⁷.

Com estudos diligentes em Oxford e em outros excelentes educandários, tornou-se advogado. Por algum tempo, ocupou a cátedra universitária.

* Professor Emérito da Universidade de Brasília. Ocupa a cadeira nº 19 da AML. brandialeixo@ccbnet.org.br
¹ ACKROYD, Peter. *Thomas More: Biografia*. 2ª Ed. Chiado, Lisboa: Bertrand Editora, 2003 p.137. Tradução de Mário Correia.

² Distinguiu-se pela precocidade e audácia em suas teses de Filosofia e de Teologia.
³ Tentou estabelecer um governo com traços de teocracia e de democracia em Florença. Nessa cidade, foi supliciado.

⁴ Autor de *O Príncipe*. Faleceu em Florença.
⁵ Notável humanista. Autor do *Elogio à Loucura* e de *A Educação de um Príncipe Cristão*. Grande amigo de More. Ambos traduziram obras de Luciano de Samósata (século II).

⁶ Humanista e filósofo espanhol. Professor em Oxford e em Bruges, onde pereceu.
⁷ Em 5 de julho de 1535, da sua prisão na Torre de Londres, remeteu-a à sua filha Meg, acompanhada de breve carta escrita com a ponta de um graveto.

De seu casamento com Jane Colt, em 1505, nasceram: Margareth, Elizabeth, Cecily e John. Falecida a cômputo em 1511, Tomás More esposou Lady Alice Middleton, viúva e mãe de uma filha. Não houve descendência de ambos. Proporcionou aos quatro filhos formação acurada e progressista para seu tempo. Estudaram latim, grego, lógica, astronomia, medicina, matemática, teologia, etc. Seu lar acolhia genros, nora, netos e estava aberto a amigos e a jovens à procura de orientação. Conforme o testemunho de biógrafos e de outros escritores, foi exemplar sua vida matrimonial.

Em 1504, elegeu-se, pela primeira vez, parlamentar. Em 1510 foi designado "Under Sheriff" de Londres. No ano seguinte, Henrique VIII nomeou-o Juiz Membro da Comissão de Paz. Em 1521 recebeu o galardão de Cavaleiro ("Knight"). Em 1523 assumiu a Presidência da Câmara dos Comuns.

Na primavera de 1515, a pedido do rei e de mercadores ingleses, juntou-se à Delegação enviada à Flandres para negociar tratados comerciais e diplomáticos. More já era renomado mestre das complexidades do Direito Comercial. Dificuldades para reunir-se com os representantes da França e da Holanda proporcionaram mais tempo a More para conversar com o amigo Erasmo de Roterdã, a quem já havia recebido na Inglaterra. Nesse período, em visita a Antuérpia – cidade onde havia Feitoria portuguesa – palestrou com o notável navegante lusitano Rafael Hitlodeu. Ambos conheciam bem autores helênicos e romanos e interessavam-se pela organização política dos povos. Rafael havia perlostrado muitas terras, quer com Américo Vespúcio, quer separadamente. Visitou, inclusive, a ilha "Utopia". More registrou, entre outros, os seguintes comentários do seu interlocutor:

[...] a justiça da Inglaterra e de muitos países se assemelha aos mestres que espancam os alunos em lugar de instruí-los. Fazeis sofrer os ladrões pavorosos tormentos; não seria melhor garantir a existência a todos os membros da sociedade a fim de que ninguém se visse na necessidade de roubar primeiro e de morrer depois? A principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres zangões ociosos, que se nutrem do suor e do trabalho de outrem e que para aumentar seus rendimentos mandam cultivar suas terras escorchando os reideiros até a carne viva⁸. [...]

Eles subtraem vastos tratos de terra da agricultura e os convertem em pastagens; abatem as casas, as aldeias, deixando apenas o templo para servir de estábulo para os carneiros.⁹

A honra de vosso senhor e a sua felicidade consistem na riqueza de seus súditos mais ainda do que na sua própria. Os homens fizeram os reis para os homens e não os homens para os reis; colocaram chefes à sua frente para que pudessem viver comodamente ao abrigo das violências e dos ultrajes; o dever mais sagrado do príncipe é velar pela felicidade do povo antes de velar pela sua própria; como um pastor fiel, deve dedicar-se a seu rebanho e conduzi-lo às passagens mais férteis [...] A dignidade real não consiste em reinar sobre mendigos, mas sobre homens ricos e felizes.¹⁰

⁸ MORUS, Thomas. *A Utopia*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, MCMLXX (1970), p. 38-39.

⁹ Idem, *Ibidem* p. 42.

¹⁰ Idem, *Ibidem* p. 62.

Rafael exaltou o general romano Fabricius, Cônsul de 282 a 275 a. C. Expressou ele: "Prefiro governar ricos a eu mesmo ser rico". Faleceu pobre. Sabe-se que Pirro tentou, debalde, suborná-lo¹¹.

Em 1529 More exerceu, novamente, funções diplomáticas. Com Cuthberg Tunstall, na cidade francesa de Cambrai (Cambraia), em negociações com representantes de Francisco I, da França (1515-1547), e de Carlos V, da Alemanha e da Espanha (1500-1547), lograram assegurar interesses de Londres, como o pagamento de dívidas a Henrique VIII e a continuidade do comércio da Inglaterra com os Países Baixos. More comemorou o êxito de sua missão na igreja de Chelsea, cidade vizinha de Londres¹².

Em 1529 Dom Tomas Wolsey, Cardeal Arcebispo de York, renunciou ao cargo de Chanceler. No mesmo ano, Henrique VIII designou, como seu sucessor, o leigo Tomás More, estimado por sua integridade moral, sutileza de pensamento, afabilidade e cultura ímpar. Como Chanceler, promoveu a justiça e empenhou-se em conter a pernicioso influência dos que procuravam os próprios interesses às custas dos mais carentes. Ele acreditou nas desejada harmonia do natural com o sobrenatural.

Em 1532 Tomás More demitiu-se do ofício de Chanceler. Em 1534 negou-se a aceitar a almejada supremacia de Henrique VIII ("Act of Supremacy") como Chefe da Igreja da Inglaterra. Não endossou o pretendido divórcio do rei com Catarina de Aragão, após dezoito anos de vida conjugal. Em 13 de abril de 1534 recusou-se a assinar o referido "Act". Manteve silêncio sobre as razões de sua atitude. De 17 de abril de 1534 a 6 de julho de 1535 viveu encarcerado na torre de Londres. Alguns textos redigidos durante seu doloroso isolamento nesse ergástulo foram publicados no livro *A Sós, com Deus*, pela Editora Quadrante, em São Paulo, em 2002. Antes de ser decapitado, declarou: "Morro servidor fiel do rei, mas de Deus em primeiro lugar".

Tomás More grafou, como seu epitáfio: "Não odioso à nobreza nem desagradável ao povo, mas temido de ladrões, assassinos e heréticos". O irlandês Jonathan Swift (1667-1745), autor de *Viagens de Gúliwer*, parca em elogios, enalteceu-o como "a pessoa mais virtuosa que este reino jamais produziu"¹³. Vladimir Lenin, em 1918, erigiu estátua sua no jardim Aleksndrovsky, perto do Kremlin. Dele declarou Pio XI: "homem verdadeiramente completo". João Paulo II, na Carta Apostólica "E Sancti Tomae Mori", de 31 de outubro de 2000, proclamou-o: "Patrono dos governantes e dos políticos". Nela se lê:

¹¹ Cabe ressaltar que Tomás More não endossou, necessariamente, todas as afirmações de Rafael Hitlodeu constantes em *A Utopia*. O biógrafo Peter Ackroyd ressaltou: que esse nome presta-se a certa ambivalência. "Rafael" (Deus curou) é o nome do anjo que guiou Tobias e "Hitlodeu" — palavra de origem helenica — designa alguém vezeiro no disparate. ACKROYD, Peter. Op. cit. p. 130.

¹² ACKROYD, Peter. Op. cit. p. 196-197.

¹³ MORE, Thomas. *A Sós, com Deus*: escritos na prisão (1534-1535). São Paulo: Quadrante, 2002, p. 6. "Nota Editorial". Do Humanismo à Agonia de Cristo.

De seu casamento com Jane Colt, em 1505, nasceram: Margareth, Elizabeth, Cecily e John. Falecida a cónjuge em 1511, Tomás More esposou Lady Alice Middleton, viúva e mãe de uma filha. Não houve descendência de ambos. Proporcionou aos quatro filhos formação acurada e progressista para seu tempo. Estudaram latim, grego, lógica, astronomia, medicina, matemática, teologia, etc. Seu lar acolhia genros, nora, netos e estava aberto a amigos e a jovens à procura de orientação. Conforme o testemunho de biógrafos e de outros escritores, foi exemplar sua vida matrimonial.

Em 1504, elegeu-se, pela primeira vez, parlamentar. Em 1510 foi designado "Under Sheriff" de Londres. No ano seguinte, Henrique VIII nomeou-o Juiz Membro da Comissão de Paz. Em 1521 recebeu o galardão de Cavaleiro ("Knight"). Em 1523 assumiu a Presidência da Câmara dos Comuns.

Na primavera de 1515, a pedido do rei e de mercadores ingleses, juntou-se à Delegação enviada à Flandres para negociar tratados comerciais e diplomáticos. More já era renomado mestre das complexidades do Direito Comercial. Dificuldades para reunir-se com os representantes da França e da Holanda proporcionaram mais tempo a More para conversar com o amigo Erasmo de Roterdã, a quem já havia recebido na Inglaterra. Nesse período, em visita a Antuérpia – cidade onde havia Feitoria portuguesa – palestrou com o notável navegante lusitano Rafael Hitlodeu. Ambos conheciam bem autores helênicos e romanos e interessavam-se pela organização política dos povos. Rafael havia perlustado muitas terras, quer com Américo Vespúcio, quer separadamente. Visitou, inclusive, a ilha "Utopia". More registrou, entre outros, os seguintes comentários do seu interlocutor:

[...] a justiça da Inglaterra e de muitos países se assemelha aos mestres que espancam os alunos em lugar de instruí-los. Fazeis sofrer os ladrões pavorosos tormentos; não seria melhor garantir a existência a todos os membros da sociedade a fim de que ninguém se visse na necessidade de roubar primeiro e de morrer depois? A principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres zangões ociosos, que se nutrem do suor e do trabalho de outrem e que para aumentar seus rendimentos mandam cultivar suas terras escorchando os rendeiros até a carne viva.⁸ [...]

Eles subtraem vastos tratos de terra da agricultura e os convertem em pastagens; abatem as casas, as aldeias, deixando apenas o templo para servir de estábulo para os carneiros.⁹

A honra de vosso senhor e a sua felicidade consistem na riqueza de seus súditos mais ainda do que na sua própria. Os homens fizeram os reis para os homens e não os homens para os reis; colocaram chefes à sua frente para que pudessem viver comodamente ao abrigo das violências e dos ultrajes; o dever mais sagrado do príncipe é velar pela felicidade do povo antes de velar pela sua própria; como um pastor fiel, deve dedicar-se a seu rebanho e conduzi-lo às passagens mais férteis [...] A dignidade real não consiste em reinar sobre mendigos, mas sobre homens ricos e felizes.¹⁰

⁸ MORUS, Thomas. *A Utopia*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, MCMLXX (1970), p. 38-39.

⁹ Idem, *Ibidem* p. 42.

¹⁰ Idem, *Ibidem* p. 62.

Rafael exaltou o general romano Fabricius, Cônsul de 282 a 275 a. C. Expressou ele: "Prefiro governar ricos a eu mesmo ser rico". Faleceu pobre. Sabe-se que Pirro tentou, debalde, suborná-lo¹¹.

Em 1529 More exerceu, novamente, funções diplomáticas. Com Cuthberg Tunstall, na cidade francesa de Cambrai (Cambraia), em negociações com representantes de Francisco I, da França (1515-1547), e de Carlos V, da Alemanha e da Espanha (1500-1547), lograram assegurar interesses de Londres, como o pagamento de dívidas a Henrique VIII e a continuidade do comércio da Inglaterra com os Países Baixos. More comemorou o êxito de sua missão na igreja de Chelsea, cidade vizinha de Londres¹².

Em 1529 Dom Tomas Wolsey, Cardeal Arcebispo de York, renunciou ao cargo de Chanceler. No mesmo ano, Henrique VIII designou, como seu sucessor, o leigo Tomás More, estimado por sua integridade moral, sutileza de pensamento, afabilidade e cultura ímpar. Como Chanceler, promoveu a justiça e empenhou-se em conter a perniciosa influência dos que procuravam os próprios interesses às custas dos mais carentes. Ele acreditou nas desejada harmonia do natural com o sobrenatural.

Em 1532 Tomás More demitiu-se do ofício de Chanceler. Em 1534 negou-se a aceitar a almejada supremacia de Henrique VIII ("Act of Supremacy") como Chefe da Igreja da Inglaterra. Não endossou o pretendido divórcio do rei com Catarina de Aragão, após dezoito anos de vida conjugal. Em 13 de abril de 1534 recusou-se a assinar o referido "Act". Manteve silêncio sobre as razões de sua atitude. De 17 de abril de 1534 a 6 de julho de 1535 viveu encarcerado na torre de Londres. Alguns textos redigidos durante seu doloroso isolamento nesse ergástulo foram publicados no livro *A Sós, com Deus*, pela Editora Quadrante, em São Paulo, em 2002. Antes de ser decapitado, declarou: "Morro servidor fiel do rei, mas de Deus em primeiro lugar".

Tomás More grafou, como seu epitáfio: "Não odioso à nobreza nem desagradável ao povo, mas temido de ladrões, assassinos e heréticos". O irlandês Jonathan Swift (1667-1745), autor de *Viagens de Gúliwer*, parca em elogios, enalteceu-o como "a pessoa mais virtuosa que este reino jamais produziu"¹³. Vladimir Lenin, em 1918, erigiu estátua sua no jardim Aleksndrovsky, perto do Kremlin. Dele declarou Pio XI: "homem verdadeiramente completo". João Paulo II, na Carta Apostólica "E Sancti Tomae Mori", de 31 de outubro de 2000, proclamou-o: "Patrono dos governantes e dos políticos". Nela se lê:

¹¹ Cabe ressaltar que Tomás More não endossou, necessariamente, todas as afirmações de Rafael Hitlodeu constantes em *A Utopia*. O biógrafo Peter Ackroyd ressaltou: que esse nome presta-se a certa ambivalência. "Rafael" (Deus curou) é o nome do anjo que guiou Tobias e "Hitlodeu" — palavra de origem helenica — designa alguém vezeiro no disparate. ACKROYD, Peter. Op. cit. p. 130.

¹² ACKROYD, Peter. Op. cit. p. 196-197.

¹³ MORE, Thomas. *A Sós, com Deus*: escritos na prisão (1534-1535). São Paulo: Quadrante, 2002, p. 6. "Nota Editorial". Do Humanismo à Agonia de Cristo.

Da vida e martírio de São Tomás Moro emana uma mensagem que atravessa os séculos e fala aos homens de todos os tempos da dignidade inalienável da consciência, na qual, como recorda o Concílio Vaticano II, reside o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Quando o homem e a mulher prestam ouvidos ao apelo da Verdade, a consciência guia, com segurança, os seus atos para o bem. Precisamente, por causa do testemunho que São Tomás More deu, até o derramamento do sangue do primado da Verdade sobre o poder, é que ele é venerado como exemplo imperecível da coerência moral, mesmo fora da Igreja, sobretudo entre os que são chamados a guiar os destinos dos povos. A sua figura é vista como fonte de inspiração para uma política que visa como seu fim supremo o serviço da pessoa humana.

Vinte e dois de junho é a data da comemoração litúrgica do martírio seu e do Bispo John Fisher. Utopia não é Ucrânia. O que não há hoje em lugar algum poderá haver amanhã algures.



PADRE MESTRE

*Elizabeth Rennó**

O tema de nosso estudo seria o comentário sobre a obra do Padre José Joaquim Correia de Almeida. Divagações, porém, levam atalhos para caminhos outros.

Analisando o papel preponderante do desempenho da ironia que emerge dos escritos de vários autores, em épocas diversas, houve por bem incluir alguns tópicos colhidos em certas obras.

Desfilam, assim, Aristófanes, Gregório de Matos, Tomás Antônio Gonzaga, Raul Pompeia, Machado de Assis, Milton Campos, em textos introdutórios à apreciação do humor do Padre Mestre.

Nos autores gregos, no teatro, na tragédia e na comédia, a marca do sarcasmo transparece na exposição das ideias propositalmente contrárias ao que realmente se acreditava.

Através do riso, das atitudes ferinas, o processo da carnavalização da comédia grega apresentava-se.

Ao dizer de Sócrates: Só sei que nada sei, chega-se à alusão da jactância da época dos que se diziam donos da Verdade.

Na imagem carnavalesca, alternam-se nascimento e morte; bênção e maldição, mocidade e velhice.

Em seu processo literário, na exploração da ironia, o Padre Mestre Correia de Almeida enfatizava a oposição velho/moço incluindo-se a si próprio.

Sócrates afirmava que a vida humana é um misto de tragédia e comédia, o que é evidente na obra do verdadeiro Poeta.

Aristófanes, na comédia antiga grega, constrói a sátira pessoal e política, em linguagem desboçada e, por vezes, obscena.

Em *As Nuvens* há crítica abusiva e desrespeitosa a Sócrates e aos sofistas. A fantasia irresponsável das farsas e dos mimos talvez traduza o representar da sublimação da angústia humana na tentativa de esquecer o fim inevitável.

A ironia satírica que marca a obra do padre Correia de Almeida por seu caráter ameno e talvez inocente diferencia-se de outros cultores do gênero literário, mesmo em suas admoestações mais graves.

* Professora, presidente da Academia Mineira de Letras, presidente Emérita da Academia Feminina Mineira de Letras, ex-presidente da Academia Municipalista de Minas Gerais, ocupa a cadeira nº 21 da Academia Mineira de Letras. e.renno@hotmail.com

Um dos poetas que se utilizaram do poder denunciador da sátira foi Gregório de Matos, crítico e mordaz autor do século XVII.

Sua forma ambígua e descontraída implica a atualidade da retomada deste estilo literário, declarado por Araripe Júnior como a poesia do século.

A sátira em Gregório contrapõe-se à solene ironia lírica maneirista e assume em seu todo lúdico a transgressão, apresentando-se voltada às fontes populares de criação. Na oposição que ostentam seus versos, vida e morte ou sagrado e profano, temos o culto do barroquismo de forma ambígua, profanadora e adúltera.

Exemplificando:

*A ignorância dos homens destas eras
Sisudos faz ser uns, outros prudentes,
Que a mudez canoniza bestas-feras*

*Há bons por não poder ser insolentes,
Outros há comedidos de medrosos
Não mordem outros não, por não ter dentes*

*Quantos há, que os telhados têm vidrosos,
E deixam de atirar sua pedrada
De sua mesma telha receosos.*

Suas visões em Alma e Demônio na oposição espírito e matéria são temas barrocos pela irreverência e mesmo deboche de algumas de suas críticas.

A ironia sutil sucede a solução satírica e imprime a imagem de sua terra natal como mundo às avessas.

Disse Eduardo Portela:

Com Gregório, a literatura deixa de ser um espetáculo de minorias, corte-são e elitista, para se integrar na moldura coletiva.

Uma das mais famosas sátiras do setecentos foram as Cartas Chilenas, assinadas por Critilo, pseudônimo de Tomás Antônio Gonzaga, destinadas a seu amigo Doroteu.

Constituem um libelo contra as arbitrariedades do governador Luís da Cunha Menezes, o Fanfarrão Minésio, amplamente estudadas em seu aspecto literário e autoral. Destacam-se a espontaneidade e vivacidade em linguagem direta e mordaz nesta sátira desabafo e denúncia, considerada a melhor que já se escreveu no século XVIII.

Uma série de publicações antimonarquistas, rica de sátiras e ironias, focalizava a figura do imperador D. Pedro II, culminando com O Espetramento do Rei, síntese política e social, de autoria de Francisco Moreira de Vasconcelos e por ele publicado no Maranhão em 1884.

Poemas como *Insônias de Pedro*, *Lágrimas da Monarquia*, *Tiradentes e outros da mesma laia* traduziam o espírito revolucionário em *Ao Brio Nacional*.

Pode-se classificar o período pré-republicano no Brasil como o reino por excelência da sátira.

Interessante citar a ironia de Fontoura Xavier neste trecho poético:

*Há dois segredos que a mulher querida
Ou a melhor metade
Oculta ao homem: um é a metade
De sua vida
Outro a metade
De sua idade.*

Machado de Assis satirizava na *Gazeta de Holanda*, a 27 de setembro de 1887:

*Uma questão – se, fundado,
Este regime presente
Pode ser considerado
O escravo inda escravo ou gente.
Digo malinda é cativo
Ou “statu liber?” Qual seja
Correu lá debate vivo
Melhor dizemos pelega.*

Em 1888, apontado como autobiográfico, *O Ateneu*, de Raul Pompeia, de linha naturalista, é uma coletânea de ironias e sátiras, sarcasmo que traça a era sombria da realidade brasileira, tendo como alvo o próprio imperador D. Pedro II. Cogitavam os críticos da possibilidade da intenção do autor de que o incêndio que destruíra o colégio, no romance, seria a catástrofe vingadora para aniquilar o Império. O colégio interno ali focalizado refletia, para este republicano veemente, a sociedade na representação ridícula de um Aristarco-Rei. Já em *As Joias da Coroa*, havia escrito este panfleto indigno, contendo o mesmo teor de insultos e acusação.

A mística republicana foi criada pela literatura panfletária contra o poder monárquico.

Lúcio Mendonça, publicou em 1889, o soneto *Lupus in Fabula*, em *Vergastas*:

*Orava um professor do Imperial Colégio
De Dom Pedro II: "Acerca deste rei,
Glória da monarquia, honra de sua grei,
Que ao século que o viu legou seu nome egrégio*

*E ainda ao dizê-lo aqui, é um sacrilégio,
Sacerdote da História, impávido direi
Que era um tirano vil, alma sem fê nem lei,
Que entronizou consigo o arbitrio e o privilégio.*

*Enfatuado e mau, comilão e devasso,
Governou este rei corrupto e corruptor
Um grande povo exausto e morto de cansaço.*

*Tal era Luis XIV, o rei-sol, protetor
Das letras.. " Neste instante, em majestoso passo,
Entrou pela aula dentro o nosso imperador".*

Assim as sátiras e as críticas, de irônicas e divertidas, passam a ser cruéis e maldosas.

Machado de Assis, constitui um fenômeno na Literatura Brasileira. Nomeado o Bruxo do Cosme Velho, referência ao bairro em que morava e à prestidigitação que encaminhava a pena por suas mãos de mágico, narrador onisciente e todo-poderoso. Esmiuçava a alma humana, de modo irônico e com tais sutilezas, que se fazia parte do personagem e com sua bruxaria desvendava os segredos do coração e enrodilhava seus mistérios.

Em Dom Casmurro, um dos seus mais famosos romances, como condutor da história coloca a racionalidade dentro da irracionalidade em que o personagem, Bentinho, se debate e como sujeito analítico passa a ser também o sujeito da ironia.

Machado de Assis iniciou a montagem e a desmontagem dos caracteres humanos primeiro nos folhetins, passando para o conto e depois para o romance. Tanto os romances como os contos e os folhetins revelam a mesma finura de observação, a ironia piedosa ou cética, que marcam a sua visão do mundo, como bem pontificou Afrânio Coutinho. Vejamos estes exemplos:

As pernas desceram-me os três degraus que davam para a chácara, e caminharam para o quintal vizinho. Era costume delas, às tardes, e às manhãs também. Que as pernas também são pessoas, apenas inferiores aos braços, e valem de si mesmas, quando a caça não as rege por meio das ideias. As minhas chegaram ao pé do muro.

Os estados de ânimo se diversificam: ...se te lembras bem da Capitulina, há de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.

Em Milton Campos, a carreira jurídica e a política desviaram a vocação do homem de letras. Havia em suas palavras a marca de uma ironia cética. Esta ironia miltoniana torna-se autoironia, pois só tem o direito de julgar os outros e seus atos quem tem condições de medir-se em qualidades e defeitos.

A ironia em sua forma era expressa como arma, que no exercício do espírito crítico foi dirigida contra o que lhe pudesse restringir os anseios de liberdade e de democracia.

Cumprido o período em que foi governador de Minas, voltou à sua cadeira de Ciência Política, na Fafich. Respondeu a um seu colega de magistério que se queixava do pouco interesse da mocidade pelo estudo da Filosofia e das Letras e exemplificava com o corte de cinquenta por cento na sua turma de alunos.

Quanto a mim, disse Milton Campos, estou feliz. Na minha Cadeira o aumento foi de cem por cento. Tinha um aluno e agora tenho dois.

Abgar Renault no prefácio de Compromisso Democrático, publicação que engloba discursos políticos de Milton Campos, durante seu governo de 1947 a 1951, descreve a complexidade do caráter do autor manifestada nas suas atitudes, em que a par da modéstia, timidez e acessibilidade nota-se a segurança, a reflexão, a sua posição de guarda ao que lhe é violador. Classifica-o como um franciscano de bom-humor e considera perturbador o seu ceticismo filosófico ao lado da religiosidade.

Em *Testemunhos e Ensinamentos*, quanto ao movimento antropofágico, escreveu: *...o sapo tanoeiro... fazendo rimas com consoantes de apoio e comendo hiatos... Creio que não despertou o entusiasmo patriótico que merecia aquela tribo de antropófagos que surgiu em São Paulo... vamos comer tudo de novo.*

Poderíamos intitular este trabalho como *Ironia a Sete Tempos*, pela inclusão de comentários sobre sete escritores militantes da ironia em épocas e estilos diferentes.

Para Beda Alleman, a ironia é uma autorrepresentação, uma encenação, em que o discurso narrativo ou o texto poético é contaminado pela presença do autor como sujeito crítico e analítico de uma situação perturbadora.

Pela ironia, provocadora da lucidez, a metonímia das palavras afasta o leitor da superfície do texto para provocar-lhe a autorreflexão e o engajamento. A estratégia da ironia semelhante à metáfora contém a intencionalidade do autor manipulador. Para Afrânio Coutinho, a finura da observação, a ironia cética ou piedosa marca a visão do autor que a transmite.

Correia de Almeida, professor, poeta, pensador político, latinista e compositor, desviou a sua observação consciente e crítica para denunciar os acontecimentos de sua época, que se tornam universais pela ironia que introduz em suas sátiras e epigramas.

O Padre Mestre não adotava em suas rimas o ataque pessoal, a ofensa ao pudor ou à boa educação. Corrigia e indiciava com sua palavra de leveza cristã, de sua postura sacerdotal. Embora fosse, às vezes, enérgico e impiedoso, recorria ao manto do humorismo.

O bom padre ria de si como de todos, o que é a mais sensata aplicação do riso, foram palavras de Carlos Drummond de Andrade.

Padre Mestre Correia de Almeida sofreu a falta de divulgação de sua obra, sujeita apenas às publicações em alguns jornais, nas edições de seus livros em pequena escala; talvez pela condição de morador de cidade interiorana: "pequeno pároco de aldeia."

Íris, periódico do escritor José Feliciano de Castilho, publicou alguns poemas de Correia de Almeida, tendo comentado no Correio Mercantil o segundo livro do poeta, afirmando que instruíra, corrigia, temperava e moralizava.

Richard Burton, Antônio Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco apresentaram críticas favoráveis e citação de sua obra. Outros não foram tão favoráveis assim.

A Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro e a Revista Ilustrada receberam com elogios os livros de Correia de Almeida. Esta Revista de grande circulação assim o classificou ao comentar A República Dos Tolos:

O reverendo José Joaquim Correia de Almeida, um padre que cultiva as belas letras, o que é raro enriquece as letras pátrias e diverte os leitores que amam versos bons, chistosos e artísticos.

Críticos famosos da época, Silvío Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior não viram mérito nos versos do Padre Mestre.

Martins de Oliveira, que foi presidente da Academia Mineira de Letras, referiu-se aos sonetos do Padre Mestre, patrono de uma das cadeiras dessa Academia a que se filiou, como modelos de perícia, encanto e ironia.

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o Padre Mestre, cujo passaporte foi o seu trabalho em prosa, encomendado pela Biblioteca Nacional: Notícia da Cidade de Barbacena.

Em 1982, Alexandre Eulálio em seu estudo sobre a literatura mineira assim denomina a obra de Correia de Almeida: denunciadora da ignorância, da vulgaridade, das pretensões e dos disparates consumados pelos brasileiros de seu tempo.

Paula Brito, da Imperial Tipografia, no Rio de Janeiro e grande incentivador dos escritores iniciantes, foi o primeiro a editar a obra de Correia de Almeida. Os demais livros foram editados pela casa Laemmert, referência editorial da última década de 1850. A partir de 1900, seus livros passaram a ser editados em Barbacena e Belo Horizonte, que, em sua maioria, constituem coletâneas de poemas já publicados na imprensa, a grande divulgadora da época.

A partir de 1845 até 1848, o Recreador Mineiro, periódico popular incentivador da instrução do povo, publicou algumas das primeiras poesias. Também o Correio Mercantil foi divulgador dos poemas de Correia de Almeida.

Críticos conceituados da época não comentavam seus versos ou sua prosa, a não ser com pequenas referências. Até mesmo Nelson Werneck Sodré em História da Literatura Brasileira, considerou-o um poeta menor.

Antonio Candido, porém, classificou-o como um epígono de Bocage e de Nicolau Tolentino pelo exercício da atração existente na época.

Bocage é visto como poeta pré-romântico ao mesclar seu estilo ao modelo clássico, levando sua poesia para o gosto popular.

Vejamos o EPIGRAMA;

Bocage descreu dos médicos,

fez-lhes muitos epigramas

Tu, Vate Reverendíssimo,

aquele exemplo não amas?

Pré-romântico também o fora Nicolau Tolentino, menos conhecido, mas tão excelente quanto foi o autor da sátira do cotidiano.

O Padre Mestre foi intitulado o Tolentino Brasileiro por abordar um linguajar prosaico e destituído da retórica ornamentada. A este título, Correia de Almeida se apresentava:

Uma sem ironia, me chamava

O nosso Brasileiro Tolentino

e eu, vendo, que meu tino se estimava

arrisquei-me a passar por tolo em tino.

No liberalismo na literatura exercido pelo Romantismo, as ideias políticas se ajustavam aos símbolos nativistas proclamados pelos poetas, que os havia em abundância. Aderindo ao contexto, envolveu-se também Correia de Almeida nesta revolução cultural, sem deixar os seus princípios estéticos. O Correio Mercantil, que exerceu importante papel na divulgação do Romantismo, publicou diversos poemas de sua autoria.

Consideremos *Sátiras, Epigramas e Outras Poesias*, curiosa e original antologia do (conforme ele): "Ramerraneiro e rabugento, ex-professor de Latim, caduco e desmemoriado, modorrento, surdo, miope, desdentado e tropeçado, decrépito e desenxabido, impertinente, maçante e intolerante, que traz abaixo do título esta enxurrada de impropérios."

Temos com Barthes que o escritor é o manipulador da língua, tenta enganar o poder que o ludibria também. Promove a reação de um leitor também crítico que se funde ao autor. Na pretensão de denunciar algo, o autor se enreda nas palavras que estampa.

Integrando-se a situações do contexto, o Padre Mestre constrói a sua obra de arte na especificidade estética.

Na poesia, que é vasta metáfora, há a morte e a ressurreição da linguagem; o poeta recorre aos artificios na busca do emocional que insere em seu texto.

Correia de Almeida é o poeta da sátira. Disfarça a sua amargura na indicação do que é estranho ao seu sentimento. Quer um mundo limpo, demonstra este desejo na linguagem cotidiana, sem cores e sem plumas.

Invade a parábola em O SUPÉRFLUO:

Quod superest date eleemosynam

*Por que tu guardas,
O' rico avaro
Enquanto o povo
Compra tão caro*

*Por que tu guardas
Supérfluo tanto
Se o pobre verte
Da fome o pranto?*

*Quem dá ao pobre
O que lhe sobra
Na vida eterna,
Os juros cobra*

*Faze que o pobre
Quebre o jejum,
E ganharás
Cento por um.*

(p. 82, 2º vol. Sát.)

O poeta denuncia e evangeliza.

O poeta louva a sua terra natal, no Canto Terceiro de *A República dos Tolos*:

*...Leitor, se da nobilíssima
terra de meu nascimento,
tu não tens conhecimento,
para informar-te aqui 'stou.
Eu nasci na legendária
cidade de Barbacena,
onde a mais risonha cena
quem aí veio avistou.*

*Oh! Que tão lindo crepúsculo
oh! Que dourado horizonte
não se goza deste monte
tão suave e natural.
Milagre na zona tórrida,
oh! que frescura no estio
oh! que dezembro tão frio
aqui no hemisfério austral.*

*Sei que não desminto o oráculo,
que diz, porém não me aterra,
que profeta em sua terra
ninguém jamais o será.
A ingratidão dos patricios
é cousa tão corriqueira,
sucede e sucederá.*

Em *Trocadilho*, traça a curiosa história do nome de sua cidade, transcrito em crônica de Nestor Massena em antiga edição do jornal *Cidade de Barbacena*.

*Uma rua na alegre Barbacena
Chama-se "Pau de Barbas",
E a origem deste nome
É secular, gigante, excelso tronco
De uma árvore crinita
Que tem pendente a barba veneranda,
Qual ancião maduro
Curvado ao peso dos anos*

*Resiste ao tempo
Tão firme e quedo,
Como se fora
Duro rochedo.*

*Mas quando sopra
A brisa amena,
Move-se a barba
"A barba acena".*

(p. 36, 2º vol. Sát.)

Correia de Almeida é o poeta da sátira. Disfarça a sua amargura na indicação do que é estranho ao seu sentimento. Quer um mundo limpo, demonstra este desejo na linguagem cotidiana, sem cores e sem plumas.

Invade a parábola em O SUPÉRFLUO:

Quod superest date eleemosynam

*Por que tu guardas,
O' rico avaro
Enquanto o povo
Compra tão caro*

*Por que tu guardas
Supérfluo tanto
Se o pobre verte
Da fome o pranto?*

*Quem dá ao pobre
O que lhe sobra
Na vida eterna,
Os juros cobra*

*Faze que o pobre
Quebre o jejum,
E ganharás
Cento por um.*

(p. 82, 2º vol. Sát.)

O poeta denuncia e evangeliza.

O poeta louva a sua terra natal, no Canto Terceiro de *A República dos Tolos*:

*...Leitor, se da nobilíssima
terra de meu nascimento,
tu não tens conhecimto,
para informar-te aqui 'stou.
Eu nasci na legendária
cidade de Barbacena,
onde a mais risonha cena
quem aí veio avistou.*

*Oh! Que tão lindo crepúsculo
oh! Que dourado horizonte
não se goza deste monte
tão suave e natural.
Milagre na zona tórrida,
oh! que frescura no estio
oh! que dezembro tão frio
aqui no hemisfério austral.*

*Sei que não desminto o oráculo,
que diz, porém não me aterra,
que profeta em sua terra
ninguém jamais o será.
A ingratidão dos patricios
é cousa tão corriqueira,
sucede e sucederá.*

Em *Trocadilho*, traça a curiosa história do nome de sua cidade, transcrito em crônica de Nestor Massena em antiga edição do jornal *Cidade de Barbacena*.

*Uma rua na alegre Barbacena
Chama-se "Pau de Barbas",
E a origem deste nome
É secular, gigante, excelso tronco
De uma árvore crinita
Que tem pendente a barba veneranda,
Qual ancião maduro
Curvado ao peso dos anos*

*Resiste ao tempo
Tão firme e quedo,
Como se fora
Duro rochedo.*

*Mas quando sopra
A brisa amena,
Move-se a barba
"A barba acena".*

(p. 36, 2º vol. Sát.)

Nestor Massena diz ter existido esta árvore crinita, mas hoje não é mais que tradição. A origem do nome, porém, é outra, a que remonta a Barbacena, da Vila do Alentejo, em Portugal, que se ligou a Luís Antônio Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena.

Correia de Almeida era mestre também do epigrama, aquele poema breve de dois ou oito versos, de tema engraçado e final espirituoso, de que Bocage era cultor em Portugal.

A geração dos poetas brasileiros, a partir da Independência, empregava termos e conceitos revolucionários, conforme o gosto e o costume da época.

O fazer poesia do Padre Mestre Correia de Almeida dividia-se na dicotomia entre erudito e popular, pré-romântico e filosófico, satírico e moralista, classicista e helênico. Poesia multifacetada em uma só autoria.

Vejamos:

SONETO:

*É tão severa a lei para o soneto,
que ao bom senso parece grande ultraje
se, poeta plebeu de humilde traje,
em tal dificuldade me intrometo.*

*É dogma que o sublime poemeto
e nascera e morrera com Bocage
porém meu estro impávido reage,
e há de triunfar no último terceto.*

*A coroa honorífica de louro
devo alcançar, se bem que não sou filho
de Apolo, que me oculta seu tesouro.*

*De maciço valor, de imenso brilho
escrevo aqui um nome (chave de ouro)
- Antônio Feliciano de Castilho.*

(p. 174, 6º vol. Sát.)

Ou O SONETO:

*Resolvi-me fazer uma quintilha,
pedindo ao Tolentino a norma justa;
também pretendi ver se me não custa
restaurar antiquíssima sextilha*

*Tentei dar uma forma bem casquilha,
fácil, fluente, enérgica robusta,
ainda que se tenha por vetusta,
a uma bem quadrada redondilha.*

*Lembrei-me de rimar alguma oitava,
mas tudo parecia-me que estava
sem préstimo atual para um folheto.*

*E assim é que fiquei bem convencido
de, em todo e qualquer tempo, só ter sido
persistente a excelência do soneto.*

(p. 10, 2º vol. Sens. Métr.)

Interessante é observar a multiplicidade das interpretações e conceitos expressa pela palavra de vários autores. Antônio Cândido em *Literatura e Sociedade* cita vários autores que se referem ao abacaxi, como fruta, fruta mal coroadada ou simbólica. Frei Antônio do Rosário em *Frutas do Brasil*, de 1702, assim o descreve: "a régia polpa é doce às línguas sadias, mas mortifica as machucadas, isto é, galardo a virtude e castiga o pecado."

Na PARÁBOLA DOS GOSTOS, Correia de Almeida verseja:

*Versista sem poesia,
ando sempre a comparar,
e descubro analogia
em cousas do paladar:*

*Nas canções americanas
do alambicado Brasil
o doce extrato de canas
refinam poetas mil.*

*Sendo a sátira amargosa,
apimentada, mordaz,
quem a devora não goza
as doçuras do ananás*

*Se exigem, pois, suavidade,
esta os meus versos não dão;
declaro, e é pura verdade,
que não tenho esse condão.*

(p. 6, 2º vol. Sens. Métr.)

Assim, desenvolve-se a metáfora. Nos ditos espirituosos e cheios de ironia e alusões, Correia de Almeida endereça com palavras doces que se destinam ao fato anunciado. É o mediador da palavra em relação ao público de sua época. A descrição da fruta leva ao simbolismo moral na transformação da realidade pelo barroco anunciado.

Ridendo castigat mores.

Correia de Almeida empregava no título de seus poemas, frequentemente, o bilinguismo literário, emprego simultâneo ou sucessivo de uma ou várias línguas, principalmente o do Latim, não fosse ele o mestre desta Língua.

Exemplificando:

*Im médio Stat Virtus;
Dulce et Decorum Pro Patria Mori;
Initium Sapientiae Timor Domini;
Est Modus in Rebus.*

José Joaquim Correia de Almeida nasceu em Barbacena em 1820. Estudou latim e música. Em 1841, assumiu a Cadeira de Latim na Vila de Barbacena. Sua obra poética compõe-se de 23 livros editados, a seguir:

Sátiras, Epigramas e Outras Poesias, compõe-se de sete volumes publicados entre 1854 e 1879. O próprio título demonstra a proposição do autor em determinar a característica de sua poesia apreciada na época, constituindo estratégia editorial voltada para o interesse do leitor.

A República dos Tolos, de 1881, poema herói-cômico-satírico, com 10 Cantos e um Epílogo, em que o Padre Mestre exerce a sua veia sarcástica contra os males do positivismo e do cientificismo. Erudito e popular, despreza o privilégio, a corrupção, a discriminação: Ataca os dogmáticos com suas sátiras os erros da República estabelecida, a dos tolos. Nestas críticas inclui-se ele mesmo:

*Da infinita República dos tolos
eu mencionei alguns assinalados,
e, para bem visivelmente expô-los
ou de frente ou de costas ou dos lados;
cantarolei ao som do vil bandurra,
no intuito só de honrar muita caturra.*

*Recitando essas chochas frases juntas
na escala de sonora melopeia
parece-me, leitor, que me perguntas
qual é o figurão desta epopeia!
Se queres um herói bem estreado,
Aqui o tens; é este teu criado.*

Sonetos e Sonetinhos, publicados em 1884 e 1887, em dois volumes.

*Neste país, no tempo que decorre
no meio desta gente que figura,
não irá pela senda mais segura
o autor que em frases métricas discorre.*

*Sem que da insana lida se desforre,
se inválido versista inda procura
da corrupção fazer-vos a pintura,
sucumbindo ao miasma o verso morre.*

*Os vícios sociais tudo carcomem
e isento do contágio nenhum homem
pode estar nesta idade tão leprosa.*

*No intuito de exprobar tão feios crimes,
se és poeta satírico, não rimes,
pois o assunto é de Tácito e da prosa.*

(p. 6, 2º vol. Son.e Sonetinhos)

Sensaborias Métricas, em dois volumes, apareceram em 1890 e 1892. Foram qualificadas pelo autor como versos piegas de um setuagenário.

MUDANÇA DE CAPITAL

*Eu abaixo assinado, Presidente
da infinita República dos tolos,
em vez de chamar súditos a bolos,
declaro-me dos súditos contente.,*

*Asneira hoje não há que se não tente,
paradoxos reais e só propô-los
sofrendo decepções e desconsolos
está sempre a cair a sábia gente.*

*Aos vizinhos da fresca Barbacena
louvores triviais, feitos a pena,
eu dou, crendo que nisto não errei.*

*E é bem claro que aludo a certo povo,
que, tendo aí tão perto um curral novo,
quer fazer capital curral del-Rei*

(p. 24, 2º vol. Sens. Métr.)

*Decrepitude Metromaniaca, 1894
As Produções da Caducidade, 1896*

NEM TUDO QUE RELUZ É OURO

*A fortuna é falaz e sempre varia
E aos gostos e desgostos dá matéria
Depois de feita a reflexão mais séria,
Melhor se vê quanto ela é arbitraria.*

*Nem é preciso archote ou luminária,
quando o sol, que é tão clara luz etérea,
nos mostra convertidos em miséria
os dons de cornucópia imaginária*

*Que a república seja cousa empírea,
Interpretando o que nos diz a história,
há muito quem sustente, ardendo em fúria!*

*Ela pois aí está: Adore-a, admire-a
quem sofreu Vespasiana palmatória,
aviltante instrumento, horror de injúria!*
(p.101, Prod.Cad.)

Marasmo Senil e Rabugem Inaderente, 1903

O SÉCULO XIX

*Nem toda luz é benéfica,
a de incêndios é maléfica*

(Marquês de Maricá)

*O título de século das luzes
atribuído ao século que finda,
talvez lhe assente bem, porém ainda
não te digo, ó leitor, que tu dele uses.*

*Explosão sem fumaça nos obuses,
fotografia exata, prestes, linda,
elétricas notícias de ida e vinda,
tudo isso podes ver, sem fazer cruces.*

*Da medalha não se olha só o anverso,
é necessário olhar-se-lhe o reverso,
e então far-se-á o juízo bem seguro.*

*Luziram sacrilégios, houve incêndios,
positivistas e ímpios vilipêndios,
que praza a Deus que cessem no futuro.*
p.40, Mar. Sen.)

*Chocha Prosa Rimada e Agudezas Rombas, 1904.
Delicadezas Grossas ou Versos Inversos, 1905.*

Este foi o último livro que publicou o Padre Mestre, no ano mesmo de sua morte. Maria Marta Araújo analisa o longo poema *Centopéia-poético-brasileira*, incluído neste último volume. Considera o mesmo uma brincadeira do poeta, mestre em brincar com o riço tentando afugentar a proximidade da morte. A morte está sempre presente na obra de Correia de Almeida. Costumava iludir o pensamento e o temor de um fim previsível com o disfarce da ironia para a aceitação deste mistério último do homem.

VANITAS VANITATUM

*Nestes vinte e dois livros, mal escritos,
em cinquenta e três anos estirados,
a vanglória supôs bem exarados
pensamentos profundos e bonitos!*

*A consciência agora acha delitos
naquilo que, nos tempos atrasados,
foi construído livre de cuidados,
e deu azo à censura dos peritos.*

*O antigo entusiasmo já não arde,
chegou o desengano, inda que tarde,
e apagou-se por fim o meu braseiro.*

*Na coleção de tanta couça fútil
contentar-me-ei, se um pouquinho de útil
se encontrar, qual agulha no palheiro.*

(p. 36, Del.Gros.)

O olhar crítico de Correia de Almeida impregnou a sua poesia e traduziu a postura anacrônica que assumiu ante as novas ideias surgidas no contexto, a oposição entre tradição e modernidade na transcrição da realidade política e social, vivida por ele, abrangendo os episódios da Revolução de 1842, a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República e o Positivismo recém-chegado.

Sua vida atravessou períodos dos mais ricos da história brasileira, viveu e participou de acontecimentos marcantes. Suas críticas dirigiram-se às instituições, ao Império, à escravidão, e à República, cujos atos atrabiliários em seus primeiros anos foram denominados “década do caos.”

Não se pretende dissecar a obra do Padre Mestre em sua totalidade, devido à abrangência que apresenta.

Seria preciso o debruçar mais detalhado, abordando temas existenciais, em minúcias e significações: morte, vida, política, república e os mistérios intrincados da alma e do corpo, que, limitados a um espaço de tempo se tornam universais e foram decodificados pela mente prodigiosa desse padre-autor.

Apenas comentários foram feitos sobre tão precisa e psicológica palavra. Na impressão dos cáusticos alegres, ferinos ou vivenciados conceitos hauridos na obra, vai a minha homenagem:

PADRE MESTRE

*Perpassa o poeta
a luz do Tempo
e o Espaço
que o circundava
já não é.*

*Foram-se cores dores e afetos
Imersos
na amargura
dos desafetos*

*Salve, Poeta
que alumbra Etos
persegue Eros e desafia Tanatos
mergulhando
na vastidão dos séculos.*

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Maria Marta. *Com Quantos Tolos Se Faz Uma República*. BH. Ed. UFMG. 2007.
- CORREIA DE ALMEIDA, J.J. *Sátiras, Epigramas e Outras Poesias*. Barbacena. Ed. Cidade de Barbacena.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. vol.1, RJ. Sul Americana, 1969.
- DIAS, Ana Maria. *Gregório de Matos*. 2ª ed. RJ. Agir, 1989. Col. Nossos Clássicos, vol.113.
- JOSÉ, Oiliam; OLIVEIRA, Martins. *Efemérides da Academia Mineira de Letras*, 3ª Ed. Imprensa Oficial, BH. 1999.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. vol.IV. SP. Cultrix, 1978.
- RENNÓ, Elizabeth. *Post-Scriptum*. BH. Anome. 2009.
- SODRÉ, Nelson Werneck *História da Literatura Brasileira*. Vol.IV. RJ, Civilização, 1976.



ATOS DE FÉ E AFETO
(Santos de devoção de Minas:)

Márcio Sampaio*

*Em memória de RITA MENEZES
Em louvor ao santeiro ALFREDO DUVAL*

Das quantas Minas sabemos, umas se acham aderidas como fatalidade à nossa alma. Dentre essas, a que aqui apreciamos é aquela devocional, que, depois do ouro, nos arrasta por grotões particulares a sonhar tesouros inesgotáveis, com as esperanças afiliadas da congregação dos devotos:

*a fé venerável que antes de certezas
se costura com umas linhas tênues de magias.*

Esse imponderável da vida, de que nem as mais objetivas cabeças conseguem se deserdar, é alimento de amarga textura ou de doces sabores embalados em palhas, fazendo ainda mais intrincada a substância deste ser vivente e sobrevivente chamado homem de Minas.

A extração dessa personagem, que aspira a ser moderna e ao mesmo tempo mantém-se enfeitada com seus fetiches, seus colaterais e com as sequelas da prática de subir e descer montanhas, de fazer catas de feijão como se fosse o ouro, é uma providencial construção da estética religiosa que faz o transcurso do imaginário antigo no cenário moderno, reproduzindo a cena final do teatro da fé, como se fosse um introito às desobrigadas concepções dos atos sem palavras, que tudo dizem, não por gestos de exterioridade, mas por um aprofundamento desventurado de silêncios interiores.

As paixões interditas costumam costurar os fenômenos creditados a tumultuadas extradições da ciência, por comerciar sempre aquilo que é pura fé com aquilo que é mera especulação científica. Daí, nós de Minas destilarmos de nossos grotões interiores essa substância capaz de desrecalcar as havenças dos tesouros esgotados e, com essas minas pulverizadas, fazemos férteis nossas fazendas.

*Escritor, artista plástico, ocupa a cadeira n° 28 da Academia Mineira de Letras. sampaiomarcio@yahoo.com.br

Que sejamos todos “fazendeiros do ar”, não só os que produzem saber com o sumo da poesia, mas também aqueles que depuram o ar, afastam névoas e brumas e o mantêm transparente e luminoso, para que se possa verificar com quantas figuras se faz uma geografia justa e uma bem confeccionada cartografia.

Esgotado o ouro, a Minas-não-há-mais deleita-se em leite e besunta-se em unguentos de manteiga, porque Minas está onde sempre esteve, as coisas é que vão mudando em seu entorno e se espargindo território adentro, para conformar-se às épocas. Mas tudo isso, dito em rosiana prosa – o que é demais pretensão – conspira com Drummond naquilo que lhe é melhor, o seu lado Andrade. É nessa entonação, ainda que mal afinada, que se busca encontrar a tonalidade mais concertada para o que se pretende aqui expressar.

A mais crua afirmação e confirmação de um ser mineiro eu ouvi de minha velha tia Rita – beata que, no alto de seus 96 anos, ainda praticava toda sorte de atos devocionais, misturados ao prazer da mesa e à solidão da cama de viúva. Disse-me ela certa vez:

– Durmo sem sono, como sem fome e rezo sem fé!

Eu tinha quinze anos e achei isso “o máximo”, mas na época não podia compreender o real significado de sua declaração. Muito mais tarde, percebi que aquela proposição encerrava um dilema existencial e revelava um exercício diário de resistência, a explicação imponderável da fé na vida.

Nessa contradição, expressava a mineralidade de uma vida que poderia fertilizar um país e construir uma população somada de saber, prazer e dor. A religiosidade é feita de contingências, da consciência de uma precariedade abismal sobre a qual a fé cega semeia um campo segado a foice, para plantios inúteis, mas sempre consoladores. A verdadeira fé depura-se no cadinho das dúvidas.

*Um gosto do mineiro para os jardins,
que prevalecem sempre sobre as hortas.*

Quero chegar agora a uma outra emulação que provavelmente virá ampliar o campo de miragem da vida mineira.

A Minas celebrante, perdida nos abismos de suas esgotadas minas, seguindo aos solavancos pelas crateras da mineração, despencando pelos socavões, atropelada pela voçoroca da terra arrasada, levou consigo para os campos as preciosidades de sua fé – imagens esculpidas e finamente encarnadas, como testemunho de uma riqueza que se esgotando se renova: é essa a riqueza da alma, capaz de vencer em ideias os mais terríveis cataclismos e fazer da derrocada material uma luminosa construção espiritual.

A fé no afeto talvez seja, nessa instância, a mais dramática e mais fantástica escavação do espírito mineiro. Tem essa expressão do poder do espírito uma outra face, a simbólica remissão da alma, que se confere por uma autoabsolvição, a

absorção da culpa original (que, na verdade, nem nos diz respeito), mais para nos proteger de futuras condenações injustas, o que é a destinação do ser da História.

Mas onde – e com que matéria – se pode fixar a instância final de nossos desejos de remissão, de nosso esforço para superar as contingências, para nos impregnarmos da matéria tênue da permanência, abrigando-nos do destempero e do desespero de nos sabermos tão frágeis de vida corporal e tão sem corpo espiritual?

Desse desconforto transcendente nos alivia a fé (o afeto) que se anima em pedaços de madeira (ou pedra) esculpida e cria imagens do espírito numinoso com formas da humana figura, assim inteiradas pela coisa-além, que se chama beleza – termo rejeitado pelos estetas contemporâneos.

Toda busca de beleza é uma procura de apreensão do nosso deus e de nós mesmos, eternizando-nos no instante mínimo de sua contemplação. É por isso que nossos templos e nossas casas, as ruas das cidades, as esquinas e mesmo os confins-do-judas das roças acabam por abrigar as imagens que, refinadas ou toscas, serão sempre uma comemoração da vida, ainda que por um ato de tresloucada e insana esperança.

Mesmo os que não se permitem agenciar figuras humanas, mas apenas as da natureza, como aporte para sua fé, acabam por desenhá-la em ideia, como uma forma de exorcismo daquilo que é natural de nossa consciência do mundo, o que é natureza de nossa precária vida.

Minas, prodigiosa em sua manifestação de religiosidade, é prestidigitante, capaz de exprimir com simulacros suas mais inteiras verdades (o fingidor pessoano encontra aqui sua versão mais acabada).

É na suntuosidade de suas igrejas que em Minas mais se confere essa capacidade imaginativa do mineiro, o talento fantasioso que repõe aos olhos (extasiados) a beleza resplandecente de seu imaginário, fazendo do retábulo barroco e rococó uma sucursal do paraíso. A força religiosa dessa expressão é subsidiária da força de sua fantasia como manifestação do desejo. Os seres iluminados, estes que adquirem o estatuto de santidade, estão gravados nas mais refinadas formas, entalhadas em madeira e pedra, carregadas de um peso que transcende a matéria, se sublima.

Essas imagens são o pão que nos sara de nosso desfastio e enfaro; são os enlevos para nossa insônia e sobretudo – como compreendera genialmente a velha tia Rita – são o simulacro do gozo da eterna vida, a fé que paga a dívida de todas as nossas fundadas dúvidas.

Aleijadinho, Vieira Servas e tantos entalhadores brasileiros e lusitanos, mulatos sincretizados em culturas que não apaziguam as forças do íntimo da terra, apuraram sua arte nos altares dos templos, produzindo aquilo que é festa para os olhos e para a alma, fixando na imagem dos santos e dos anjos esse sentido de eternidade, que ascende do precário da matéria e da humana figura para a esfera

da permanência do que é espírito encarnado. E depois, quando não mais havia o ouro, eram toscos tocos de madeira que sustentavam essas mesmas encarnações das promessas divinas; sem a exuberância talentosa dos grandes imaginários, restaram os santeiros com seu esforço em manter, na rude habilidade, a substância trágica da fé.

Por isso, os oratórios convocam sempre a natureza para que venha substituir os ornamentos refinados, que os oficiais escultores já não sabem entalhar. Sem a arte de celebração, de ostentação, resta a sustentação de prodigiosas flores que, embora de precária existência, se renovam constantemente, transplantadas dos jardins para os altares, em substituição ao ouro ornamental tragado pela cobiça dos mercadores.

Toda essa beleza está fundada numa cultura do prazer do olhar. A suntuosidade do nosso barroco, singularizado pelo *pathos* da miscigenada origem brasileira, ressoa pelos gerais, esses deserddados espaços de Minas, na devocional obediência a uma linhagem de sentimentos que o mineiro do campo manteve e que foi depois reconquistada pelo urbano moderno como uma formá de superar a perda dos sentidos originais de sua estética, pela padronização do gosto urbano globalizado, duramente imposto pela massa informacional da mídia.

Quando as catástrofes nos ameaçam – observa Myriam Ribeiro – nosso primeiro ímpeto é a defesa daquilo que é a nossa História, a preservação, junto a nós, das imagens que nos exprimem.

É por isso que nos sentimos tão próximos de nós mesmos, seguros e protegidos por anjos tutelares, quando abrimos nossos baús e encontramos os objetos de afeto, as imagens de nossa história pessoal e familiar que nos conservam íntegros, nesta civilização contaminante dos shoppings, que vendem o vasto sortimento do inútil e do sem-sentido.

Recuperar e reinventar o corpo de nossa cultura, as imagens de nosso culto individual e coletivo, projetar a força simbólica de suas formas, para emprenhar nosso presente desses significados que nos conduzem de um remoto passado ao futuro ignoto, pode ser também uma defesa (existencial), mas certamente é um esforço de manter viva a linha de resistência afetiva.

Nossos santeiros populares, imaginários da fantasia, e de imaginação transcendente, inserem-se nesse campo como protagonistas de primeira linha desse esforço de resistência. Sua habilidade construtiva perpassa o sentido do artesanal para conspirar com uma outra hierarquia artística, de precária definição, mas que traduz uma ponderável significação cultural.

Colunas e rodas de anjos, cartelas, *rocailles* e guirlandas celestiais, santos de toda invocação, que transcendem a humana fragilidade, Jesus e Nossa Senhora, Cristo em agonia na cruz e o Espírito Santo radioso – mais que formas esculpidas, essas imagens carregam uma força que toca cada um, seja um colecionador de obras de arte, seja um devoto dos santos ali representados, porque é gerada no

processo de internamento do artista no embate da vida em face da morte e em face dos mistérios indecifráveis da existência.

*E sua força está na intuição de que a arte
é abrigo de desejos a serem cumpridos.*

No caso desses santeiros que cumprem o destino de traduzir a religião em imagens nos confins dos gerais, há ainda uma outra luz que nos toca: sua capacidade de acionar os sentidos provindos da antiga Minas, como testemunho permanente de religiosidade, de um devocionismo que a razão teima em ignorar, exonerando-nos dos ofícios da fé – como aconteceu com tia Rita. E, apesar de tudo o que a ciência, a tecnologia e a civilização moderna nos proporcionam, esses sentidos insistem em permanecer como um valor, uma esperança, para sempre.



NOS BASTIDORES DA ACADEMIA

O FATO NOVO

*Pedro Rogério Moreira**

Era no tempo em que o Velho Vivaldi presidia a Academia em seu terceiro mandato, 1974. No dia 15 de janeiro, morria no Rio o acadêmico Nilo Aparecida Pinto (1915-1974), admirado trovador e delicado poeta de Caratinga. Integrava aquela turma excelente de escritores e jornalistas levados por JK para o Palácio do Catete, ao ser eleito presidente da República em 1955.

Muito depressa, sem mesmo consultar o irmão mais velho, o tio Edison Moreira lançou à sucessão de Nilo o nome do seu amigo de boemia, amigo do peito, o aplaudido trovador Soares da Cunha. Acertado nome para a sucessão de um poeta de renome nacional. Soares, o autor da pícota obra-prima:

Amigos são todos eles
Como aves de arribação.
Se faz bom tempo eles vêm,
Se faz mau tempo eles vão.

Cotidianamente, o trovador assinava o ponto na Livraria Itatiaia e era querido em nossa família. Mas o Velho Vivaldi, não sei por que cargas d'água, resistia ao nome de Soares. O Edison, acolitado por dois outros acadêmicos, os saudosos Moacyr Andrade e Mário Mendês Campos, trabalhavam com afinco nos bastidores. Conquistaram muitos acadêmicos que frequentavam a célebre roda literária da tarde no endereço famoso da Rua da Bahia 916.

O jornalista Wilson Frade, que não pertencia à Academia, mas exercia influência através de sua prestigiosa coluna no Estado de Minas e comparecia à roda literária, atraiu outros tantos votos para Soares da Cunha. Enaltecendo os seus conchavos, o Edison dizia ao Frade que ele era o misterioso 41º acadêmico, inexistente em nossas fileiras; Mário Mendes Campos melhorou a mensagem no ego de Frade, dizendo-lhe que ele era um verdadeiro D'Artagnan, o quarto mosqueteiro que não entrou na conta de Alexandre Dumas em seu romance de capa e espada mas que era mais valente do que os três outros...

*Jornalista, ocupante da cadeira nº 38 da AML, reside em Brasília. pedrorogeriomoreira@gmail.com.br

Enquanto ocorriam essas aventuras na Rua da Bahia, o Velho Vivaldi permanecia num silêncio ensurdecedor.

Edison atçou Dona Tita contra o primogênito. Minha avó perseguia meu Pai na livraria e lá em casa: – “Você tem a obrigação de apoiar o seu irmão!” Ai o Velho Vivaldi não resistiu. Mãe é mãe. E adotou a candidatura do trovador. Pronto. Soares da Cunha conquistou a maioria!

Então veio o destino com sua ventania: O jornalista e romancista Moacyr Andrade, a mais peluda e sedosa raposa acadêmica da época, grande amigo dos irmãos Moreira e um dos pilares da candidatura Soares da Cunha, um belo dia chega ao ouvido do Velho Vivaldi, trombeteando a grande notícia: “Olha, o Juscelino (ele pronunciava Juscelino), me disse lá no Hotel Financial que quer entrar para a Academia!”

Foi um susto prazeroso para o Velho Vivaldi. Decidido e pragmático, imediatamente entrou em contato com o ex-presidente da República, através de Carlos Murilo Felício dos Santos, primo de JK, para colher de viva voz a palavra do interessado. Que confirmou o pleito. O mais amado de nossos presidentes da República guardava no coração a vontade de conquistar mais um galardão em sua vitoriosa vida pública: integrar os quadros da Academia Mineira de Letras. Ainda mais em se tratando da vaga de Nilo Aparecida, poeta que fora seu assessor quando JK era o nosso governador de Minas e posteriormente na presidência da República.

Em seguida à confirmação de Juscelino, Vivaldi se reúne com Moacyr Andrade para tratar da primeira questão eleitoral, a delicada questão ética, de substituir uma candidatura vitoriosa e deixar chupando dedo o amigo querido Soares da Cunha. A velha raposa felpuda, com serena clarividência, acudiu o sobressaltado Vivaldi:

– É um fato novo! Na política e na vida em geral, existe o fato novo que altera todos os planos pré-concebidos por mais perfeitos que sejam.

E o brilhante cronista, que usava na imprensa belo-horizontina o pseudônimo de Gato Félix, saiu pela Rua da Bahia a fora e pela Afonso Pena, anunciando o “fato novo”. Moacyr Andrade adorava ficar de tocaia em frente ao Edifício Guimarães, ao lado da Sloper, a mais afamada casa de modas da cidade, assistindo ao mundo desfilar diante dele. Especialmente o mundo feminino, que ele apreciava com vigor e fez uso dele em seu magnífico romance *Memórias de um chauffeur de praça*, assim mesmo, com o vocábulo no idioma de Racine.

Todos passaram a falar no “fato novo”. Era “fato novo” pra cá e “fato novo” pra lá... Lá em casa, a Vovó Tita só falava no “fato novo”!

Se Moacyr era uma raposa, Vivaldi era um estrategista de alto coturno. Ele destacou o Gato Félix para miar no ouvido do mano Edison o “fato novo”, que cancelava o *status quo* defendido bravamente pelo meu tio poeta, livreiro e boêmio. Quem pariu Mateus que o embalasse. A candidatura de Soares fora lançada pelo Edison e pelo Moacyr. Vivaldi é que não iria cutucar o mano.

Mas o poeta de Cais da Eternidade, enfim, rendeu-se ao “fato novo” como um acontecimento inevitável. Todos acabariam se rendendo, pois Juscelino era figura ímpar, inigualável, agrupador. Ninguém resistia ao seu encanto pessoal.

A derradeira lembrança que me acode destas tratativas é de uma reunião nos fundos da Itatiaia: o Velho Vivaldi, Edison, Moacyr, Mário Mendes Campos e Dona Tita, com o trovador Soares da Cunha no meio da roda. Todos engolfados pelo “fato novo”. E mais o repórter social (ele assim se intitulava) Wilson Frade, juscelinista de carteirinha, que no dia seguinte estamparia a notícia com o “furo” de sua coluna. A cidade estremeceu! Bem, pelo menos a Rua da Bahia e adjacências.

Soares da Cunha, num gesto de grandeza e generosidade, retirou sua candidatura vitoriosa. O trovador e o estadista se abraçaram comovidos no dia seguinte, num almoço promovido pelos irmãos Moreira no salão privado da saudosa livraria. Frango ao molho pardo preparado por Dona Tita. Com angu e couve, é claro. O prato predileto de Juscelino. Em Minas, não se faz a alta política sem uma mesa posta. E a desse dia ainda foi enfeitada com um arroz-doce na sobremesa, preparado pelo esmerado labor gastronômico de Dona Brante, a companheira de tantos anos de Vivaldi. O jovem repórter Pedrim foi buscar água mineral Caxambu para JK, num botequim de quinta, que teimava em não sair da Rua da Bahia, abaixo do Cine Metrôpole. O mundo o chamava por um nome muito feio que eu não posso escrever. Mas servia um “caol” sensacional!



Vivaldi, D Tita e Edison Moreira

Vencida a questão ética, Vivaldi e Moacyr trataram de conversar, já então abertamente, com os demais confrades. Affonso Arinos, o ferino opositor parlamentar de JK, era um dos entusiastas da candidatura do ex-adversário político. Idem Milton Campos, o cavaleiro sem medo e sem mácula. Na sessão de 18 de maio, a Academia aprovou a inscrição de JK. Candidato único (acode-me o precioso e preciso Oiliam José nas suas Efemérides).

JK foi eleito com 39 votos. O mais alto quórum que pode ocorrer numa eleição em um grêmio de apenas 40 integrantes.

Juscelino recebe os acadêmicos após sua eleição.



Dona Sarah Kubitschek, Vivaldi, Juscelino e Edison Moreira em casa de Júlio Soares.
20 de junho de 1974

Sobre este quórum, explicaria o notável Pedro Nava: é que naquela época morria-se muito pouco. Hoje, quando a Indesejada das Gentes passa pelo Palacete Borges da Costa, leva dois ou três de uma ceifada só. É uma merda! E acarreta enorme trabalho à presidência e à secretaria de nossa Casa, na abertura das vagas, inscrições, conchavos, não-me-toques, arroubos, confecção de cédulas, coleta de votos, processo eleitoral, despesas, posses *et caterva*. Marília e Carmen é quem sabem! Ainda bem que guardam silêncio.

Mas tudo, depois, volta ao normal, isto é, à fraternidade entre os quarenta retorna ao nosso convívio ameno. Por isto nos tratamos de confrades.

Pois bem: a posse de Juscelino ocorreu no ano seguinte, a 3 de maio de 1975 (Oiliam José novamente me socorre) no auditório engalanado da Associação Médica de Minas Gerais. Lembremos que JK era médico, e urologista. O auditório da AML, então instalada no acanhado prédio da Rua Carijós, seria pequeno para acolher a multidão que testemunhou o laurel acadêmico de JK. Foi um festão! Ele foi saudado pelo acadêmico dom Carlos Carmello de Vasconcelos Motta, o celebrante da missa inaugural de Brasília. Que glória! A que JK, infelizmente, não obteve no pleito havido na Academia Brasileira de Letras.

Vivaldi, naquela ocasião, foi “convidado” pelo chefe do SNI em Belo Horizonte a dar uma explicação diante da enorme euforia acadêmica, jornalística e social em torno do episódio. Euforia que, na verdade, extrapolara aquela minúscula geografia compreendida entre a Rua da Bahia, sede da Itatiaia, e a Rua Goiás, redação do Estado de Minas, de que falei acima. Os ecos da euforia alcançaram a Praça Raul Soares, onde ali perto ficava a sucursal do famigerado órgão de futricagem dos governos militares. JK, recorde-se, estava com os direitos políticos cassados e era impiedosamente maltratado pelos vencedores de 1964. Mas esta é outra história, que está contada no livro *Fortuna Biográfica de Vivaldi Moreira*, publicação da AML ao ensejo do centenário do nosso Presidente Perpétuo, em 2012.

Quanto ao querido Soares da Cunha (1921-2014), aconteceu que, na primeira sucessão ocorrida após o “fato novo” (a do saudoso José Oswaldo de Araújo, em 1975), o notável trovador ingressava merecidamente na Casa de Alphonso e de Vivaldi. E o puxador de votos, quem foi? O presidente Vivaldi Moreira!

Todos os mencionados no parágrafo acima hoje pranteados na glória acadêmica e no coração dos 40 confrades e naqueles que nos sucederem. Viva!

* * * *

E assim termina uma história dos bastidores de uma sucessão na Academia Mineira de Letras. É que nos deixa uma notável lição de sabedoria acadêmica.

PSICOTRÓPICOS

Lucas Monteiro de Castro

Primum non nocere

Nossa contemporaneidade, o chamado mundo pós-moderno, caracteriza-se pelos mais avançados progressos biotecnológicos. Esses avanços, inimagináveis em passado recente, abarcam os recursos propedêuticos, explicitando os mecanismos fisiopatológicos em sua intimidade molecular bem como estabelecendo, por meio da comunicação em tempo real, conferências telemédicas entre cidades e países distantes. Toda essa tecnologia, empregada em número cada vez mais alto em centros médicos de alta complexidade e até mesmo no recinto solitário de um consultório, responsabiliza-se juntamente com outros fatores pela promoção e restauração da saúde da população. Termos como ressonância nuclear magnética, reprodução medicamente assistida, *Stents*, genoma, transplantes e implantes são de uso corrente em todos os segmentos populacionais em todo o planeta.

Nesse contexto, a psicofarmacologia experimentou notável progresso: dos incipientes brometos às modernas drogas psicoativas, percorreu-se um terreno propício às mais diversas intervenções médicas, com avanços e percalços, no complexo quadro das enfermidades mentais. Saliente-se, de passagem, que as afecções psiquiátricas não são resultantes apenas de dados puramente biológicos, mas de uma intrincada interação de fatores, sobretudo da peculiar situação do homem como “ser-em-si” e “ser-no-mundo”.

Entretanto, como lado oposto dessa moeda desenvolvimentista, vislumbra-se sua face sombria a indicar o peso oneroso a ser suportado pelo homem, pela ontoética e pela ecologia. A pós-modernidade explicita-se pela ruptura constante e incessante de paradigmas e, paradoxalmente, na era da comunicação midiática mais elaborada, pela extrema fragilidade dos laços interpessoais, fazendo de cada ser uma ilha no oceano da incompreensão.

Após a publicação das obras do sociólogo Zygmunt Bauman, popularizaram-se termos como “modernidade líquida”, “amor líquido”, entre outros, a denotar as contradições e idiosincrasias da vivência humana: sociólogos e an-

* Médico, advogado, bacharel em Filosofia.

tropólogos, teóricos da pós-modernidade salientam a fragmentação da cultura e do sujeito contemporâneo em oposição à universalização impactante do medo e das várias formas de perdas pessoais e coletivas, imanes e transcendentais. Esses opostos inconciliáveis, fragmentação de um lado e universalização de outro determinam relações intersubjetivas "líquidas" no sentido de serem "flexíveis" e geradoras de níveis de insegurança cada vez mais altos e de psicopatologias de diversos matizes.

Um observador atento ao fluxo de pessoas nas vias urbanas de uma comunidade perceberá a urgência dos passos, os rictus faciais, os automatismos, os solilóquios dos caminhantes e concluirá que a pressa e o imediatismo comandam os seres robotizados.

Vive-se o apego da maximização e otimização das potencialidades humanas, em suas dimensões temporais e espaciais. Mas somos por definição seres limitados nesses dois sentidos e esta, talvez, seja a base na qual se assenta grande parte dos nossos males, "o mal-estar na civilização", no dizer de Freud.

É nesse cenário caótico que o médico é chamado a exercer seu mister insubstituível e indelegável, no sentido de restaurar a homeostase física e psíquica de seus pacientes e de seus familiares e, se for o caso, utilizar o "armamentarium" psicotrópico disponível.

Nesse intuito de reversão da ansiedade, angústia, depressão, fobia, pânico, estresse pós-traumático, inaptidões ou inadequações à vida em sociedade, etc., recorrem-se aos profissionais médicos que, é importante enfatizar, como componentes indissociáveis da população humana, padecem (até em escala maior) desses distúrbios, em última análise, psicoexistenciais.

Os quadros psiquiátricos, com sua multiplicidade de sinais e sintomas, são impedimentos da conquista da felicidade, destinação última do homem.

Essa felicidade hodiernamente tão fugidia, de conceituação difícil e complexa, variável conforme as situações pessoais e expectativas em relação à vida, tornou-se o objetivo a mover os seres humanos. Esse quadro idealizado, construído da mente e talento humanos, enfrenta os obstáculos concretos da realidade. Na tentativa de superação das dificuldades antepostas à conquista da felicidade, a ciência médica torna-se uma das opções a serem utilizadas e a prescrição de psicotrópicos toma lugar de relevo no sentido de minorá-las.

Seria uma prescrição de psicotrópicos o passaporte na conquista da felicidade? Essa receita representaria a conclusão final de uma abordagem clínica, percuciente e responsável das queixas do paciente? Ou, neste mundo rápido (*fast*), em que o tempo representa dinheiro, a prescrição estandarizada de antidepressivos e ansiolíticos se apresenta como primeira opção? A anamnese e o exame físico embasaram o raciocínio clínico? Estes são questionamentos que devem passar continuamente o labor médico, sobretudo quando diante dos pacientes com agravos à sua saúde mental.

A psiquiatria, a mais médica das especialidades médicas em razão do seu objeto, a mente, elaboração do cérebro que nos confere a posição mais saliente da escala biológica, qual seja, a nossa humanidade, teve no século passado uma história de grandes conquistas. Poderíamos afirmar que nos primeiros 50 anos do século 20 predominou a psicanálise, contribuição inestimável à ciência e produto do gênio de Sigmund Freud. Ao descrever a importância do inconsciente e da sexualidade infantil, Freud desvendou segredos apenas entrevistos nas penumbras da memória. Suas doutrinas, ampliadas por seguidores diretos, extrapolaram os limites da sua Viena e ganharam ressonância pelo mundo afora. Os 50 anos restantes desse mesmo século assistiram ao surgimento das diversas drogas psicoativas, de eficácia comprovada em várias doenças psiquiátricas. A aparente cisão vislumbrada entre as terapias psicanalíticas e medicamentosas é, na realidade, um falseamento da nossa visão. Existe entre elas uma complementaridade e não qualquer oposição de enfoques. Na psiquiatria, como nos outros ramos do saber médico, os tratamentos devem ser diferenciados caso a caso e nesse ponto é pertinente relevar os ensinamentos dos filósofos existencialistas que, rejeitando uma uniforme essência humana de cunho racionalista, propuseram um "irracionalismo" de base emocional. Há dor humana (abstratamente considerada), mas cada ser humano carrega a "sua" dor específica, subjetiva e concreta. Não há uma solução igual para seres individualmente diferentes. Lembramo-nos do aforismo que diz que "não há doenças, mas doentes".

Ênfase especial, prioritária, deve ser dada à relação médico-paciente.

Se pudéssemos perscrutar o íntimo dos pacientes, seus anseios, sobre quais comportamentos e qualidades esperariam de seus médicos assistentes, encontraríamos o desejo de serem bem acolhidos. O acolhimento representa a primeira impressão de uma consulta médica e a primeira parte do tratamento que ora se inicia. Daí sua importância primacial: implicará confiança e abertura, quase uma sacralidade, depositada nas mãos médicas.

A confiança não é algo dado aprioristicamente: ela é adquirida, em tempos variáveis, ao constatarem os pacientes que seu médico conjuga sólidos conhecimentos científicos com a prática profissional honesta, respeitosa e calma. Nesse momento, confiança e confiança se encontram em seu consultório. A confiança viceja no terreno da empatia, etimologicamente definida como a tendência a sentir o que se sentiria caso se estivesse na situação e circunstância experimentada por outra pessoa. Essa capacidade de se colocar no lugar do outro é um atributo irrenunciável do profissional médico e o diálogo e a interação com o paciente e seus familiares é o instrumento para a sua afirmação. Levando-se em conta a autonomia do paciente, colocando-se ao seu lado, esclarecendo suas dúvidas e preocupações, em linguagem clara e compreensível, buscando as soluções de consenso, sem predominâncias hegemônicas ou unilaterais, afirmar-se-á e consolidar-se-á a confiança necessária à práxis médica.

Filosoficamente, deve o médico considerar a essência humana e, também, a existência humana. Existem a dor e o sofrimento e existe o homem, que suporta a dor e o sofrimento, esse ser concreto à nossa frente, objetivo e fim de nossas ações. Não há como esquecer, neste momento, as instigantes palavras de Pedro Nava: "Medicina é, antes de tudo, conhecimento humano".

Em nosso tema, os psicotrópicos, essa concepção existencial é fundamental. Na filosofia existencialista kierkegaardiana, existir implica angústia e desespero. Temos que a prescrição medicamentosa a essas situações clínicas pressupõe um perigoso reducionismo terapêutico. Os avanços, sobretudo na compreensão neuroquímica das transmissões sinápticas, alicerçam a farmacologia da moderna terapêutica psiquiátrica e, complementarmente, a psiquiatria baseada nos valores éticos, sociais e culturais robustece a intenção médica em prol daquela pessoa, única em seu existir e, portanto, insubstituível e prioritária.

Pelo fato de existir diferença entre essência humana e existência humana, não haverá, reafirmamos, soluções iguais para todos os casos.

Pode-se também afirmar que o ápice do exercício nobre da Medicina será o encontro da ciência com a consciência profissional.

Essa digressão leva a refletir sobre a importância do tema psicotrópicos na prática médica. Tais medicamentos de inegável importância clínica, levando a remissões dramáticas de casos igualmente dramáticos, têm servido a distorções prescritivas, com inexorável dependência física e psíquica das chamadas "drogas lícitas". A drogadição, fenômeno de etiologias múltiplas, tornou-se grave problema de saúde pública com consequências devastadoras.

Compreender o homem na sua inteireza ontológica, ser-lhe empático, demonstrar-lhe confiança, respeito, humanismo, exercitar a medicina baseada em valores (e não somente em evidências) dará ao profissional médico, privilegiado operário em prol da solidariedade, a justa medida ao empunhar sua caneta diante das folhas ainda em branco de seu bloco de receitas.



LEMBRANDO FAUSTO ALVIM, O NOSSO BAOBÁ

*José Maria Couto Moreira**

Fausto Figueira Soares Alvim. Esse, sim, era o cara! E este era o nome dele, daquele baobá de inteligência, ternura e demais virtudes que se possam atribuir a um mortal. Prefeito de Araxá na época da ditadura de Vargas (e nome do estádio municipal de futebol, que construiu e instalou), presidente do IAPI, diretor da Hidrelétrica de São Francisco, signatário do histórico Manifesto dos Mineiros, escultor, boêmio, enfim, humanista, porque congregava em seu espírito todas as graças que a Providência pode contemplar um homem para a (justa) inveja dos demais homens. Cultura geral, sedução, amabilidade, era todo o aparelho de que dispunha Fausto Alvim para despejar em sua prosa um sincretismo mágico real e lírico, em qualquer ambiente, reuniões, aliás, a que comparecia sempre como convidado, e a sucessão de convocações era tal que haviam seus ouvintes de disputar sua presença em vista daquele glorioso espírito ecumênico.

Nosso Fausto era um pouco aquele Dorian Grey. Não por desejo dele, mas da vasta, plúrima e aristocrática legião de amigos que o queriam junto a si. Ele se foi nonagenário, mas a sua falta continua como perda irrecuperável para nosso universo intelectual. Fausto elaborava suas teses sempre em mágico improviso, e provocava o ouvinte com lições ou conclusões que invariavelmente despertavam interlocuções, mas terminavam todos por soltarem estridentes gargalhadas pelo final inusitado, após o que o "causeur" admirável retomava o tema por outra vertente, e surpreendia mais seus ouvintes. A crônica do país e dos homens era versada em palavras e gestos que as acompanhavam, e a natureza dela era o circo, com registros por vezes chaplinianos, nos quais os personagens entravam e saíam segundo a fantasia fantástica que brotava naturalmente de seu rico talento e das doses de seu precioso uísque, companheiro que nunca dispensou. Em viagem de férias a Portugal, era constantemente requisitado a manifestar-se, daí autor de ocasiões hilárias, propondo sugestões para as ditaduras então coincidentes, como lembrou Marcelo Caetano, aqui exilado, em encontro com seu antigo hóspede. Que Brasil e Portugal construíssem sobre o Atlântico uma ponte da amizade como prova da secular e intangível aliança luso-brasileira para socorrer mandatários de

*Advogado. jmcmadv@gmail.com

um e de outro em ocasiões de emergência, qual fosse o motivo de se sentirem ameaçados em seus postos. A exuberância de Fausto e seu mundo encantador despertou comentário irônico mas certo de seu contemporâneo Magalhães Pinto: minha gente, se derem uma televisão a esse Fausto, ele destrói o regime ...

Mas não se produzem mais talentos como os que ostentava nosso Fausto, que viveu época em que os companheiros e a própria família se compraziam e se abasteciam em leituras, especialmente as europeias, e ele, tanto quanto seus amigos Milton Campos, Pedro Aleixo, Abgar Renault e outros consumiam autores como o céptico Anatole France, aquele que, por solidariedade a Zola, teve o destemor de devolver o diploma da Legião de Honra de que era membro, quando esta hóstia consagrada da honra de França foi retirada daquele célebre escritor.

A longa, movimentada tanto quanto atribulada vida de Fausto só lhe foi possível porque ele era da família dos baobás asiáticos, que encantaram o pequeno príncipe, tanto quanto nos encantam a nós, ocidentais, pelo seu exclusivo gigantismo cívico e moral, pelo seu garbo, pela sua longevidade e constante viço, enfim, pela lição de perenidade que transmitia a seu privilegiado observador.



O AMIGO ESCRITO DE MONTEIRO LOBATO

Enéas Athanázio

“Não somos amigos falados,
somos amigos escritos.”

Monteiro Lobato

Godofredo Rangel (1884/1951) foi colega de Monteiro Lobato numa “república” de estudantes, na época em que ambos estudavam Direito nas “Arcadas”, em São Paulo. Era um pequeno chalé, situado no bairro do Belenzinho, até hoje existente, e que entrou na história literária como Minarete, assim apelidado pelo poeta Ricardo Gonçalves. Os dois futuros escritores pouco conviveram e depois se separaram, cada qual seguindo seu destino. Rangel ingressou na magistratura mineira e Lobato, depois de ter sido Promotor Público, virou fazendeiro, editor e, por fim, escritor profissional. Poucas vezes se encontraram no correr da existência mas, em 1903, iniciaram uma correspondência literária que durou 44 anos e foi reunida, em parte, nos dois volumes de *A Barca de Gleyre*, de Monteiro Lobato. (Hoje a Editora Globo reuniu num só volume). As cartas-respostas de Rangel nunca foram publicadas e nem se sabe se ainda existem. Pouco antes de falecer ele renovou a proibição de sua publicação, de forma que “*A Barca*” ficou para sempre um livro incompleto em que só um lado fala e o outro permanece em silêncio. Como biógrafo de Rangel, muito batalhei pela publicação dessas e outras cartas mas não tive sucesso e elas continuam inéditas, talvez para sempre.

Godofredo Rangel foi romancista, novelista, contista, cronista, crítico, gramático e tradutor. Sua obra é pouco volumosa mas de grande qualidade, fato ressaltado pela melhor crítica da época. Não foi, porém, um homem bafejado pela sorte.

Apesar de seu talento, Rangel nunca obteve os favores da boa sorte. Diria mesmo que foi vítima de muitos azares.

Embora magistrado de carreira, passou a vida a braços com dificuldades financeiras, obrigando-se a traduzir sem parar e a realizar tarefas abomináveis para um escritor, como lecionar escrituração mercantil e fazer a contabilidade de uma usina elétrica, o que levou Lobato a apelidá-lo de “eletricista do Sapucaí.”

*Escritor. Reside em Camboriú (SC). e.atha@terra.com.br

Além disso, sua vida conjugal parece ter sido conturbada desde o início, como se percebe de certas passagens dos escritos lobatianos. É admirável que, em circunstâncias tão adversas, pudesse escrever obra tão esmerada.

A excessiva proximidade de Lobato, a quem se ligou desde a mocidade, também foi prejudicial. Como a árvore normal que tem por destino nascer à sombra do frondoso carvalho, Rangel acabou ofuscado pela glória literária do amigo. Percebendo isso, Lobato tudo fez para divulgar e enaltecer a obra rangelina.

A intensa repercussão provocada por *Vida Ociosa*, seu romance de estreia, publicado em 1920, por paradoxal que pareça, também o prejudicou. Esse fato, aliado ao grande hiato ocorrido até a publicação de seus livros posteriores, levou os críticos a analisarem sua obra com base exclusiva no romance de estreia, abstraindo do restante e dando uma visão distorcida da realidade. Foi o que ocorreu em quase todos os trabalhos que tenho encontrado, sendo raras as exceções. O próprio Wilson Martins, nos seus impiedosos ataques a Rangel, me deixa a nítida impressão de que sua opinião é formada apenas por *Vida Ociosa*. Assalta-me séria dúvida de que tenha lido os demais livros do escritor.

Wilson Martins, aliás, nos seus livros e artigos, decretou a segunda morte de Rangel – a literária. Depois de suas demolidoras palavras, a meu ver injustas, poucas pessoas se abalçarão a ler, comentar, ensinar ou publicar Godofredo Rangel. É uma empreitada inglória tentar trazê-lo de volta ao cenário das letras. Sei disso de experiência própria.

Rangel, como já disse, proibiu a publicação das cartas enviadas a Monteiro Lobato e que seriam “o outro lado” de *A Barca de Gleyre*. Sua família, no entanto, parece ter estendido essa proibição indistintamente a todas as cartas escritas por ele, impedindo assim o conhecimento melhor da obra e da personalidade do romancista. Nunca consegui entender os temores que tais cartas possam provocar. Rangel, pelo muito que li e ouvi sobre ele, era um homem de bem e nada teria a esconder.

Lembro ainda que, quando secretário da Cultura de Minas Gerais, José Aparecido de Oliveira se empolgou com meu trabalho e se propôs a editar a biografia, revista e corrigida, agora com o título de *O Amigo Escrito*. Enviei o texto original e diversas ilustrações ao referido secretário. Nesse meio tempo, porém, foi nomeado governador do Distrito Federal e perdi contato com ele. O novo secretário não se interessou e o projeto morreu. O livro acabou publicado, mais tarde, pela Secretaria da Cultura do Estado de Santa Catarina (1988). Edição grande, embora modesta, hoje esgotada.

Como se isso tudo não bastasse, os originais da nova edição de *Vida Ociosa*, preparados com esmero pela Fundação Casa de Rui Barbosa, tardaram a encontrar editor. Perambularam de ceca em meca, de editora em editora, de mão em mão, até que o livro foi lançado por pequena editora carioca, novata e inexperiente. Brochurinha sem expressão, acrescida de um prefácio oportunista, não teve a menor repercussão. E o pobre Rangel continua tão esgotado como antes. O livro trouxe um posfácio meu.

Seja como for, minha contribuição foi dada e acredito que o essencial está em meus livros, ensaios e artigos. Penso que alguma novidade que acaso surja não alterará o que foi registrado. Será detalhe secundário.

Vários autores de teses e monografias têm solicitado, ao longo dos anos, informações sobre Rangel e sua obra, revelando interesse pelo autor de *Os Bem Casados*. São fatos auspiciosos, revelando que, apesar de tudo, a obra de autoria dele ainda encanta a muitos leitores.

Quantos livros foram traduzidos por Godofredo Rangel? Eis aí uma pergunta com a qual me deparo com frequência e cuja resposta, nesta altura, parece impossível. Seu filho, o Prof. Nello Rangel, afirmava que andavam perto de uma centena, do francês, do inglês, e do italiano. Mas a verdade é que, mesmo com a ajuda dele e de outros amigos, só foi possível relacionar até agora 61 obras, incluindo algumas que foram revistas por ele, número aproximado com o qual concordou Raimundo de Menezes em seu *Dicionário Literário Brasileiro*. Monteiro Lobato, em carta de 17 de setembro de 1941, escreveu o seguinte: “Sessenta livros já traduziu você! Tremendo!” (*A Barca de Gleyre*, pág. 337). Como Rangel ainda viveu por dez anos e trabalhou até o fim da vida, é presumível que muitos outros livros tenham sido por ele traduzidos após a carta de Lobato.

A relação atualizada até hoje é a seguinte:

- 1 – *A cura pelo pensamento* – Sachet
- 2 – *A tragédia de minha vida* – Oscar Wilde
- 3 – *Oscar Wilde, sua vida e confissões* – Frank Harris (Cia. Editora Nacional - 1939)
- 4 – *Alice no país das maravilhas* – Lewis Carrol
- 5 – *A crise de nossa civilização*
- 6 – *As irmãs brancas*
- 7 – *A ciência da natureza humana* – Alfred Adler
- 8 – *Bem aventurados os humildes*
- 9 – *Corsário vermelho*
- 10 – *Como pensamos. Como formar e educar o pensamento* – John Dewey (Cia. Editora Nacional – Biblioteca Pedagógica Brasileira – 2ª. ed. – 1953).
- 11 – *A vida de Disraeli* – André Maurois (Cia. Editora Nacional – Coleção Vidas Célebres – 1936).
- 12 – *Democracia e educação* – John Dewey (em co-autoria com Anísio Teixeira)
- 13 – *Geografia pitoresca para crianças* – V. M. Hillyer (Cia. Editora Nacional – S. Paulo – s/data) – Tradução e adaptação
- 14 – *História da filosofia* – Will Durant (em co-autoria com Monteiro Lobato)
- 15 – *História da civilização* – Will Durant (ambos da Cia. Editora Nacional)

- 16 – Pequena história do mundo para crianças – V. M. Hillyer (Cia. Editora Nacional – S. Paulo – 1951) – Tradução e adaptação
- 17 – História dos Estados Unidos – André Maurois
- 18 – Maravilhas da medicina – Dietz
- 19 – Lógica – L. Liard (Cia. Editora Nacional – 1950).
- 20 – Madre Cabrini
- 21 + Noites de vigília – A. J. Cronin (A Editora José Olympio registra como tradução de Gulnara Lobato de Moraes Pereira).
- 22 – O caminho da felicidade – Dr. Victor Pouchet (Editora Civilização Brasileira – Série Obras Educativas)
- 23 – Os filhos – Dr. Victor Pouchet (Editora Civilização Brasileira – Série Obras Educativas)
- 24 – Sede otimistas – Dr. Victor Pouchet (Editora Civilização Brasileira – Série Obras Educativas)
- 25 – O apóstolo – Sholem Asch
- 26 – Porque os homens falham – Drs. M. Fishben e W. A. White (Estudos de onze psiquiatras americanos – Editora Civilização Brasileira – Série Obras Educativas)
- 27 – Vida de Santo Agostinho – Giovanni Papini
- 28 – Sete homens e uma mulher
- 29 – Vida de Metternich – Salvador de Madariaga
- 30 – Vida de Colombo – Salvador de Madariaga
- 31 – Zola e seu tempo – Mathiew Josephson
- 32 – Os judeus e nós os cristãos – Oscar de Férenzy (Cia. Editora Nacional, 1939)
- 33 – Beaumarchais (ignora-se o nome da obra)
- 34 – Victor Hugo (idem)
- 35 – A mulher – Michelet (Primeira tradução, deveria chamar-se O Amor, sendo o título trocado por equívoco)
- 36 – O it – Elinor Glyn (Cia. Editora Nacional, julho de 1940)
- 37 – Enquanto é tempo de amar – Florence L. Barclay (idem, 1944)
- 38 – Vendida – W. Heimburg (idem, 1935)
- 39 – O outro milagre – Henry Ardel (idem, s/d)
- 40 – O sheik – E. M. Hull (idem, s/d)
- 41 – O filho de Tarzan – Edgar Rice Burroughs (Cia. Editora Nacional – Coleção Terramarear – Vol. 24, 1935)
- 42 – Tarzan, o rei da jângal – Edgar Rice Burroughs (idem, idem – Vol. 37, 1935)
- 43 – O fantasma de Sandokan – Emilio Salgari (idem, idem – Vol. 46, 1936)
- 44 – A ilha de coral – R. M. Ballantine (idem, idem – Vol. 10, 1936)

- 45 – Perdidos no deserto – Mayne Reid (idem, idem – Vol. 47, 1936)
- 46 – O homem do Hotel Carlton – Edgar Wallace (Cia. Editora Nacional – Série Negra – Vol. 2, 1934)
- 47 – A porta dos traidores – Edgar Wallace (idem, idem – Vol. 20, 1936)
- 48 – As cruzadas – E. Barrington (Cia. Editora Nacional – Coleção Paratodos, 1933)
- 49 – As cruzadas – Harold Lamb (Cia. Editora Nacional – 1936)
- 50 – Scaramouche, o fazedor de reis – Rafael Sabatini (idem, idem, Coleção Paratodos, 1936)
- 51 – O pimpinela escarlata – Baronesa Orczy (idem, idem, 1934)
- 52 – O clube dos suicidas – R. L. Stevenson (idem, idem, 1933)
- 53 – Talleyrand – Duff Cooper (Cia. Editora Nacional – 1945)
- 54 – A felicidade ao seu alcance – Dr. Toulouse (Editora Civilização Brasileira – Série Obras Educativas – 1950)
- 55 – Sede um dominador (Ensaio sobre a educação das faculdades superiores e sobre a aptidão para o mando – Editora Civilização Brasileira – Série Obras Educativas)
- 56 – O guia da saúde – Mahatma Gandhi (Editora Civilização Brasileira – Série Obras Educativas)
- 57 – A esposa que não foi beijada – Berta Ruck (Cia. Editora Nacional – 1932)
- 58 – Amor e casamento – Marie Carmichael Stopes (Cia. Editora Nacional – 1a. Ed. – 1929)
- 59 – A história do futuro – H. G. Wells
- 60 – Uma noiva em leilão – Concordia Merrel (Cia. Editora Nacional – Tradução revista por Rangel – s/d).
- 61 – História do poderio marítimo – W. O. Stevens e A. Westcott (Cia. Editora Nacional – Tradução revista por Rangel – s/d).

É fácil imaginar o quanto de esforço intelectual foi exigido para realizar tais traduções, muitas delas de obras complexas e volumosas. Como asseverou o crítico Fernando Góes, “Gastou-se traduzindo infatigavelmente uma série enorme de livros de toda a espécie, o que, por certo, impediu-lhe de construir a obra que Lobato esperava de seu engenho.” É claro que Rangel tinha consciência disso mas os míseros proventos da magistratura da época impunham esses e outros sacrifícios.

A relação é muito incompleta e qualquer informação no sentido de completá-la será bem recebida. Carlos Heitor Castello Branco, José Afrânio Moreira Duarte e Trajano Pereira da Silva forneceram valiosas contribuições.



LYDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO EM BREVES TRAÇOS

*Anderson Braga Horta**

Leopoldina tem sido, pelo menos desde os inícios do século XX, uma referência cultural no estado de Minas. Não apenas pelo fato de ter na cidade vivido os seus momentos finais o grande poeta Augusto dos Anjos, ou de ter ilustrado os bancos do seu Ginásio o notável poeta e prosador português Adolfo Correia da Rocha, imortalizado sob o nome literário de Miguel Torga. Ao tempo em que o jovem poeta Anderson de Araújo Horta iniciava os estudos secundários no então Ginásio Municipal Leopoldinense, havia já doze anos que em suas classes brilhava, por exemplo, o grande Professor Joaquim Guedes Machado. Vindo de Portugal com o curso de engenharia, e depois de se formar em direito em Niterói, atuar como engenheiro numa usina de Tombos (terra de meu Pai), tornar-se proprietário e diretor do Ginásio Carangolense e fundar a Escola Normal, na cidade em que nasci, Machado era já famoso pelo temperamento e pela inteligência, postos a serviço da Matemática, disciplina que sempre lecionou e que o tornaria um mestre legendário, na expressão do escritor José do Carmo. Em 1950, quando me matriculei no Colégio Leopoldinense, para cursar o Clássico, tive ainda a fortuna de conhecê-lo e de ser seu aluno.

Ao lado de Machado outros educadores ilustres circulavam, como o francês Rodolphe Gibrat, seu amigo, Oílham José, secretário perpétuo da Academia Mineira de Letras, Hamil Adum, de saudosa memória, e ainda outros que relembro em "Poeta e Mestre de Poesia", prefácio aos poemas de Para Elza, de meu inesquecível professor de Português, Química e História Natural, Geraldo de Vasconcellos Barcellos, excelente guia nos caminhos iniciais de minha poesia. (Não posso deixar de assinalar que a edição desse livro nasceu de uma conspiração de que foram protagonistas, entre outros, nosso sempre recordado Deodato Rivera e seu irmão, José Jeronymo Rivera, este amigo fraterno que ora generosamente me recebe.)

Entre esses educadores, o Professor Lydio Machado Bandeira de Mello. Lydio era uma figura singular. De modesta estatura, meio atarracado, causa-

*Advogado, poeta, ensaísta, membro de várias Academias de Letras, conselheiro da Associação Nacional dos Escritores.

va a impressão de homem solitário, pouco sociável, inteiramente dedicado a seus altos estudos. Viamo-lo dirigindo-se ao Colégio ou dele saindo, adernado ao peso de volumosa pasta, caminhando ao som de uma banda presente ou imaginária, em marcha comandada pelo ritmo imperativo de um dobrado às vezes inaudível para nós outros. Em sala, dava com gravidade a sua aula, que acompanhávamos com atenção. Sabíamos que era autor de muitos livros. A mim, particularmente, fascinava o título de um deles, Prova Matemática da Existência de Deus. Falando, encantava-nos com coisas misteriosas, como as raias de hidrogênio que reteriam, gravada in *aeternum*, toda a história do Cosmo. Até hoje não sei em que regiões da Física, da Química e da Cosmologia ficam essas raias... Mas encontro-lhes correspondência nos registros acásicos – palavra não dicionarizada, encontrável em textos esotéricos, dizendo-se akásico, ou akáshico, na definição mais lata, o registro de tudo o que acontece.

Lembro-me bem de evaporar-se a aparência de pouca sociabilidade, certo dia, quando um sorridente Lydio reuniu, fora de classe, pequeno grupo de rapazes e moças interessados em poesia para a leitura de poemas próprios. Fomos ao encontro compenetrados, levando nossos melhores poemas para a crítica do mestre. Ele ouviu, complacente, e ao final nos passou um “pito”: esperava que nós, poetas adolescentes, lhe levássemos poemas de amor, e nós nos esmerávamos na apresentação de poemas sérios, pretensamente profundos... A partir daí a tertúlia se desenrolou mais descontraída.

Também me lembra ouvi-lo dizer um de seus poemas, em alexandrinos, mas não lhe gravei nem um verso. Mais tarde, já poeta publicado, retomei contacto com ele, mandei-lhe livros. Recebi alguns dos dele, em retribuição. Impresos em letra de fôrma ou caprichosamente manuscritos e multicopiados. Desse reencontro epistolar guardo carinhosamente a documentação. Nenhum livro de poesia, entre os ofertados; mas numa de suas cartas encontro alguns versos. Dr. Lydio manifesta preocupação com a descrença que julga perpassar os meus Exercícios de Homem; e alegre-se com este verso: “para nós O Absoluto é a nossa ânsia dele”, do poema “Que não Somos Deuses”. Diz, a propósito: “A esta ânsia, eu chamo TEOTROPISMO. Explico-a como sendo a marca, o MADE BY GOD que DEUS consubstancia em suas criaturas.” E oferece-me à meditação dez versos exemplares de um de seus sonetos:

DEUS é a Realidade preexistente
QUE condiciona a Possibilidade.
Não ser visto por nós ELE consente
para nos não tolher a liberdade.

Dá-nos um símile o estendal sidéreo:
para que o céu floresça em luz de estrelas,
deve ocultar-se o sol no outro hemisfério.

Irmão, convém refletirmos com calma:
É por amor de ti que DEUS SE vela:
para que sejas dono da tu'alma!

Nascido na cidade mineira de Abaeté, em 19 de julho de 1901, viveu 83 anos devotados ao magistério, ao direito e à glória de Deus. Dos 70 livros que escreveu, 44 estão “publicados e espalhados por 800 universidades do mundo”. Versam sobre direito penal, filosofia, filosofia do direito, teologia, etc. A matemática e a metafísica tonificam toda a sua obra. Em seu *blog*, José do Carmo Rodrigues fornece dados importantes acerca de sua vida e seus trabalhos. Tendo uma feita inquirido o magistrado Augusto Vieira acerca de seu extraordinário vulto, obteve o seguinte depoimento:

O mestre Lydio foi um gênio. Bondoso, extremamente estudioso, suas obras de direito penal deveriam estar permanentemente na cabeceira de qualquer operador do direito. Suas aulas eram magistrais. Gostava de música e recebiamos em sua casa com o maior carinho, nas nossas serenatas. Sob aquele manto de homem durão, vivia uma alma cândida, doce e amante da vida. Há muita polêmica em torno dele, mas isso acontece em relação a qualquer figura genial.

Lydio Machado Bandeira de Mello foi um dos seis ou sete mestres mais altamente dignos dessa denominação que encontrei em meu curso de humanidades. Desses que deixam marcas luminosas em nosso caráter. É uma honra vincular-me à Academia Leopoldinense de Letras e Artes, como sócio correspondente, sob o signo de seu nome.



GRAMÁTICA PARA QUÊ?

*Márcio Alessandro de Oliveira**

A ideia de escrever um texto sobre gramática nasceu por causa da necessidade de defini-la. Essa necessidade surgiu quando o autor deste trabalho foi convidado a participar da segunda etapa de um processo seletivo de monitores realizado por uma escola particular do município de Nova Iguaçu (RJ). Se o candidato não tivesse se atrasado, teria apresentado uma aula sobre os seguintes temas: Língua Portuguesa, Norma Culta e Gramática. Seria a aula a apresentação de um arcabouço sobre os três assuntos, uma noção geral que todo professor de língua deve dar aos discentes numa aula inaugural. E o texto Gramática para quê?, que não é só persuasivo, mas também reflexivo, seria lido em voz alta. A leitura seria interrompida nos momentos em que o autor quisesse fazer comentários. (A atividade seria mais valiosa do que exercícios gramatiquierós.)

No início, não houve a intenção de produzir um texto acadêmico. Agora estão presentes algumas características de um trabalho de faculdade. Em verdade, é desejo do universitário que isto seja visto como um trabalho de um universitário. O aluno quer que os professores o avaliem, já que usou conhecimentos deles. Agora podem ver se parte dos seus esforços deu resultado. A ideia original era compartilhar com os “alunos” da prova-aula (que em verdade eram professores encarregados de fazer uma avaliação) os poucos conhecimentos acumulados por um estudante de Letras que buscava emprego.

Uma vez que o universitário não pôde dar a prova-aula, houve tempo para aprimorar o texto, o qual pode ser publicado na sua página de Internet a propósito de divulgação.

A definição de gramática leva o indivíduo às perguntas: Para que serve? Qual sua importância? Essas indagações todo professor de língua deve fazer. E devem as respostas chegar ao aluno. Pode-se dizer que o texto que vem depois deste introito é tudo o que um futuro professor gostaria de dizer aos estudantes. Foi pensando no que gostaria de falar que começou a redigir.

*Professor de Português, com licenciatura em Letras pela UFF. Reside em Teresópolis – RJ. marcio-galdino2010@hotmail.com

Apesar de o discurso ter sido feito aos leigos, certas passagens só serão totalmente aproveitadas por quem já tem certos conhecimentos prévios. Quem sabe o que é condicionamento, por exemplo, não terá dificuldades em entender o primeiro parágrafo; mas quem não sabe pode ter um entendimento menos satisfatório, conquanto o trecho permita que qualquer leitor conheça a principal diferença entre estímulo simples e estímulo condicionado. Todavia, não se elimina a importância da leitura interrompida e comentada. O professor formado e os linguistas não terão dificuldades com palavras pedantescas, como dicotomia e epistemológica, mas o aluno, para o qual e pelo qual o docente lerá o texto em voz alta, deverá receber explicações.

Um último aviso: Com exceção de uma frase do *Eclesiastes*, pode-se dizer que não se usam discursos diretos. Em algumas (ou talvez muitas) partes a honestidade intelectual só não é quebrada porque existe a intertextualidade implícita. O lema do presente trabalho é: "A César o que é de César"; por isso são mencionados alguns nomes. Entretanto, a fim de não atrapalhar o fluxo das ideias, o autor não deu o devido crédito aos "donos" ou enunciadores cujos pensamentos são a "origem" delas. Em certo ponto diz-se que quem tem consciência tem consciência de algo. Isso já foi dito por Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins no livro *Filosofando: Introdução à Filosofia*, mas o nome delas não aparece. Outro caso parecido é o da questão da diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal. Esse assunto é levantado pelo professor Luiz Rocha, que dá aulas na UFMG. Não se negam as influências do texto, mas também não se apontam sempre da forma que algumas pessoas apregoam. As fontes das quais o autor deste escrito tomou consciência foram devidamente colocadas nas referências.

GRAMÁTICA PARA QUÊ?

O ser humano é dotado de cognição, linguagem e sentimentos. A linguagem verbal (a língua), em sua modalidade oral, é adquirida por condicionamento. Não se pode dizer o mesmo do choro e da excreção, os quais são natos, pois exigem estímulos simples. Isso quer dizer que um bebê não tem de testemunhar que as pessoas chorem ou soltem resíduos corporais inúteis e repulsivos para chorar ou excretar. Mas a fala, esta exige estímulos condicionados. Em outras palavras: O indivíduo só começa a falar porque outras pessoas falam ao seu redor. E com a fala vem um conjunto de regras de formação, seleção, combinação e significação de palavras: a gramática. Sendo a língua um conjunto de vocábulos (que são signos linguísticos), não pode prescindir de regras de estruturação e funcionamento.

A criança tem de ir à escola para receber o ensino formal do idioma. No início, faz isso porque precisa da modalidade escrita dele (língua ensinada), que é diferente da modalidade oral (língua adquirida). Frise-se isto: a língua falada

é aprendida por condicionamento (como já ficou dito), ao passo que a escrita é formalmente ensinada. É esta uma das maiores diferenças entre falar e escrever (deve ser a maior de todas). Assistindo às aulas de Português na escola, a criança que já tiver sido desasnada verá, até à adolescência, a sua gramática adquirida coexistir com a gramática normativa, que é prescritiva, e que é baseada em regras cultas de uso do idioma. Tais regras são observadas nos textos dos bons escritores, os quais se orientam pelos livros de gramática. Cai-se na velha pergunta (feita pelo professor Pasquale Cipro Neto num programa televisivo) *1: Quem veio primeiro: o ovo ou a galinha? Foi Fernão de Oliveira quem redigiu a primeira gramática portuguesa, em 1536. Antes da sua elaboração Portugal já tinha uma literatura própria (que o diga o professor Diógenes Magalhães, autor de *Redação com base na Linguística* (e não na Gramática)). Significa isso que é possível escrever sem um livro de gramática. Contudo, ser possível não é ser recomendável. Se foi redigida uma gramática, houve necessidade. Afinal, quem escreve precisa de orientação gramatical. Ressalte-se, em paráfrase, o que foi dito pelo filólogo e gramático Evanildo Bechara durante uma conferência da Academia Brasileira de Letras *2: Em todos os países considerados civilizados há certa dicotomia entre a língua adquirida e a língua formalmente ensinada. As crianças francesas chegam à escola falando a língua oficial do país, mas os pais não abrem mão de que elas recebam aulas de Francês, um idioma que tem valor de instituição. Servem-se dele os franceses e os suíços; e a maneira particular com que cada um daqueles cidadãos usa a língua francesa encontrará na escola um paradigma idiomático que mantém a unidade linguística do Francês. Ocorre coisa semelhante no Brasil. As aulas de um idioma nacional oferecidas aos nativos que o tenham como língua materna apresentam a literatura, a leitura, a produção de textos, a ampliação de vocabulário e a gramática normativa.

Convém saber que a gramática normativa é uma extensão da adquirida. Com efeito: a primeira disciplina a segunda: os falantes, assim como os escritores, aceitam o conceito de correção gramatical. Estabelecido o conceito, entende-se que os critérios que presidem ao ato de corrigir têm de ser os sugeridos pela gramática normativa, encontrada em livros elaborados por estudiosos. É preciso entender que falar bem é um sinal de prestígio. O mesmo se diga do ato de escrever bem. E as duas atividades exigem a supracitada correção gramatical. Por motivos históricos, muitos indivíduos que falam e escrevem português não seguem regras de conjugação verbal ao mesmo tempo em que ignoram ou desprezam normas de flexão de nomes defendidas pelo padrão culto. Se as regras fossem cristalizadas por condicionamento, mais fácil seria o ensino dos preceitos do idioma, pois não haveria muitas "novidades" em sala de aula. ("Não há nada novo debaixo do sol.") Não é tarefa simples fazer com que o aluno respeite os princípios gramaticais que acolhe a norma culta. (Essa norma é um modelo de uso da língua que, para padronizá-la, exige não só o respeito às regras gramaticais, mas

também a adequação de vocabulário. A adequação é o que acontece quando o indivíduo conhece e reconhece as situações em que é altamente desaconselhável usar gírias, regionalismos e palavras de calão.) A dificuldade é tão grande quanto a distância entre a língua coloquial e a exemplar. (Parece que há uma pobreza linguística. Se há mesmo, deve ser vista como sendo a raiz do preconceito e da antipatia dirigidos àqueles que falam de acordo com o modelo culto da língua, que a escola transmite aos alunos "oprimidos" das classes populares sem que se configure violência. Segundo Sírio Possenti, eles não perdem nada quando aprendem a norma padrão; ao contrário: obtêm uma vantagem.)

A gramática normativa não mostra coisas desvinculadas da realidade do educando. Ela dá nome a fenômenos textuais que são comuns a todos os que utilizam o idioma. Todos usam fonemas; todos usam radicais, vogais temáticas, afixos e desinências; todos usam verbos, substantivos e adjetivos; todos usam predicados verbais; todos podem ocultar o sujeito de uma oração; todos podem usar polissíndetos e assíndetos. O que a gramática propõe é que os estudantes — sobretudo os que serão profissionais da palavra — usem esses recursos de forma consciente, conquanto a consciência possa dispensar o registro de batismos (mas valem os conhecimentos práticos. Pode um indivíduo da década de 1950 ter tomado consciência de um aparelho que transmite imagens pela primeira vez sem saber como ele, o aparelho, se chama). Se um redator escrevesse: Fulano ganha bem, pois tem um bom emprego, já que estudou bastante, poderia dar, se ao seu juízo fosse conveniente, uma nova redação ao período; assim: Fulano ganha bem: tem um bom emprego: estudou bastante. A alteração seria estilística, mas ocorreria graças ao conhecimento do redator, que pode e deve saber que os assíndetos tornam mais curto o texto (o que não quer dizer que o escriba tem de abusar das assíndéticas). Do ponto de vista da matemática, a eliminação das conjunções faz que o escrito fique mais conciso; e se fica mais conciso, fica mais fácil a leitura. A gramática normativa, assim como a prática do uso do idioma, possibilita que o escritor use assíndetos conscientemente, porque, ao dar nome aos fenômenos do texto, permite que o indivíduo tenha mais consciência de que existem, posto que é essa a função dos nomes (explicar-se-á o uso do advérbio). Ora, quem tem consciência tem consciência de algo. (Diz Paulo Freire que primeiro vem o mundo, e só depois a palavra. Se for aproveitado o mote da declaração do educador recifense, poderá ser dito que primeiro vem o fenômeno, e só depois o signo.) Naturalmente, a denominação de um fato só é útil quando ele já foi constatado de modo empírico. Se o indivíduo não reconhece na gramática coisas que ele usa quando escreve, ela será de pouca serventia (ainda que se possa dizer que o estudo de regras do idioma pode proporcionar boas notas e invejáveis classificações em concursos públicos, muito comuns numa sociedade competitiva). E quem não escreve não tem o hábito de ler livros (uma coisa pressupõe a outra), e quem não tem o hábito da leitura de livros não tem motivos para esperar que uma gramática

preste bons serviços. (Na biblioteca particular de um literato e na de um redator deve haver bons dicionários e bons manuais de produção de textos. Estes últimos devem ser lidos e estudados sempre por todo aquele que põe os pensamentos no papel ou na tela do computador. Uma pessoa só aprende a escrever escrevendo, porém são essenciais as lições dos manuais de estilo: contêm eles a sistematização da prática, chamada teoria, que deve orientar e lapidar o procedimento bruto daqueles que começaram a escrever por gosto.) Aos leitores e compositores de escritos é dispensável o uso de nomes de qualquer tipo de gramática; todavia, eles aumentam o grau de consciência (daí o uso do advérbio mais linhas acima). Cabe ao aluno associar o nome, que faz com que qualquer coisa seja memorável e enunciável, ao fenômeno.

Pode o professor de Língua Portuguesa, sabendo que a gramática não está separada da interpretação, usar esta para tornar mais inteligível a nomenclatura daquela. (Este raciocínio é inspirado em outro, que é de Bechara.) Ao analisar o período: Como fui àquela cidade, fiz uma visita a uma grande amiga, deve o docente deixar claro que a primeira oração expressa causa; e se expressa causa, tem valor de advérbio; se tem valor de advérbio, é adverbial; se é adverbial, é subordinada; e se é subordinada, está ligada a uma oração principal. A interpretação prestou um serviço à classificação das orações e, portanto, à análise sintática. Fica evidente que a lógica é uma inestimável aliada da classificação e da análise de orações. Quando se estabelecem as premissas, é inevitável a conclusão. Ocorre isso no estudo da oração seguinte (que é absoluta): Fulano saiu ontem. Nela a palavra ontem indica tempo passado. Todo nome que indique tempo passado é advérbio de tempo (premissa maior); ontem indica passado (premissa menor); logo, ontem é advérbio (conclusão). Porque o advérbio nunca é núcleo do predicado, o verbo, que neste caso é intransitivo, "assume" esse "carga". Nota-se que o predicado da oração é verbal, e não nominal. (Se o professor de língua usar a interpretação, a lógica e a indução, que são caminhos pelos quais se chega a um conhecimento, estará ele promovendo a curiosidade ingênua do educando a uma curiosidade epistemológica? Outra pergunta: Se a leitura da palavra escrita é uma continuação da "leitura" de mundo, de que fala Paulo Freire, e se aquela é mais fácil quando a lógica ajuda a análise morfossintática, poderia a gramática fazer com que a "leitura" de mundo, que inclui a leitura de enunciados falados, abrisse caminho para o bom entendimento entre as pessoas, que passariam a interpretar criticamente a realidade?)

Só há problema no ensino de gramática normativa, a qual não pode nem deve ser afastada da interpretação e da lógica, quando ele é um fim em si mesmo, e não um meio para algo maior. Quando uma aula de Português tem como base apenas a gramática, e não a Linguística (que, como toda coisa abstrata, existe em virtude da existência de coisas ou seres concretos), acontecem coisas terríveis. Uma delas é a apresentação da diferença entre adjunto adnominal e complemento

nominal. Ela não é muito importante para a educação linguística do estudante. Essa educação, que é tão importante quanto as educações artística e física, não pode nem deve querer formar nos ensinamentos fundamental e médio apenas gramáticos, filólogos e linguistas (embora os futuros gramáticos, filólogos e linguistas tenham de cursar as séries desses níveis). Mas o estudo de língua é um estudo linguístico, apesar de o aluno de ensino fundamental ou médio não ter a obrigação de estudar Saussure profundamente. Não se sugere aqui o estudo de Linguística, não como se faz na faculdade de Letras ou na graduação em Linguística. O que se sugere é que o professor de língua aplique os ensinamentos dos bons linguistas (tais como Saussure, Chomsky, Bákhtin e Jakobson); assim, numa escala mais modesta do que a do ensino superior, será rico o estudo linguístico feito pelo discente. Nas aulas de Física, durante as quais se enunciam e se aplicam conhecimentos da Física, mencionam-se Einstein e Newton; e nas aulas de Química, em que se enunciam e se aplicam conhecimentos da Química, lê-se o nome de Pauling. Nenhum aluno de ensino fundamental ou médio sai desses níveis escolares com o diploma de físico ou químico. Por que não citar Saussure e Chomsky nas aulas de língua dos ensinamentos fundamental e médio? Usar seus conhecimentos enriqueceria qualquer aula, e os alunos poderiam conhecer os gênios da Linguística de forma parecida com que conhecem os gênios das outras ciências. Aplicar a Linguística não é fazer Linguística. Quem faz aquela ciência, que estuda os signos linguísticos, são os pesquisadores, e justamente por isso é correto dizer que não existe Linguística em si. Que fique bem claro o seguinte raciocínio: não há amor em si: há pessoas que amam; não há tristeza em si: há indivíduos tristes; não há felicidade em si: há pessoas felizes; e, repita-se, não existe Linguística em si: existem bons e maus linguistas. Parece até que este escrito se desviou do assunto. Mas não há problema: não se pode falar em gramática sem falar em Linguística, ciência que estuda uma coisa que governa o mundo: a palavra. Pergunta-se: Qual é a diferença entre o bom linguista e o mau linguista? Por enquanto basta saber que o bom cientista defende o ensino da gramática prescritiva.

As regras gramaticais são requisitos básicos do respeito à norma culta, que serve de padrão para preservar a língua e impedir o aumento do hiato da comunicação. Afinal, atribui-se a ela (a norma culta) a tarefa de garantir que se entendam entre si os falantes (apesar de existirem os sotaques, os dialetos e os linguajares, que provam que a língua varia) e os produtores de textos escritos que usam o português para transmitir mensagens a leitores espalhados em países africanos. (Estará certo quem disser que este texto é particularmente interessante aos usuários do idioma de Machado de Assis. Embora faça referência a coisas comuns a línguas que usem a escrita, limita-se, em certos trechos, a coisas típicas da língua portuguesa e de outras línguas flexivas. Se este trabalho for traduzido para a língua usada na China, onde há dialetos, o leitor daquele país poderá ficar ligeiramente curioso, a menos que se prove que os textos escritos em chinês contenham

sutilezas que indiquem flexões. Essa ideia deve ser fruto de algo parecido com um delírio, porque o chinês falado não conta com as flexões de gênero, número e grau, mas sim com as entonações, e o chinês escrito não usa fonogramas, e sim ideogramas.)

No que diz respeito à elaboração de discursos escritos, o professor enfrenta sempre o problema da falta do hábito da leitura. Não se pode esperar que os alunos escrevam bem, não quando não são leitores. Quem não lê não pode pôr no papel os pensamentos de forma clara: o não-leitor não sabe dar uma sequência lógica às ideias; e se não sabe fazer isso, não pode fazer a correção gramatical de um texto seu com base na gramática normativa, mesmo que ele esteja fazendo um bilhete, um discurso escrito simples. (Escrever é uma atividade difícil para os leitores; para os que não leem é tarefa impossível. Redigir nunca é o mesmo que falar; é impossível escrever como se fala. Sempre há preguiçosos desprovidos de vontade de produzir um escrito, mas dificilmente se acha alguém indisposto a falar.)

O estudo de gramática possibilita que o indivíduo compare a língua materna com a língua estrangeira que estuda, porque esta também conta com verbos, substantivos e funções sintáticas. Uma vez que o adolescente e o adulto não podem aprender um idioma estrangeiro inconscientemente, como se estivessem na infância, fase em que aprenderam a modalidade oral da língua materna sem o esforço intelectual típico da aprendizagem formal, resta a eles o estudo, que não dispensa uma dose de nomenclatura gramatical.

Por tudo quanto se expõe, conclui-se que a gramática normativa é uma ferramenta dos profissionais da palavra, como jornalistas e advogados, e de todos os que não querem dificultar a comunicação.

CONSIDERAÇÕES “FINAIS”

Não houve alusão explícita a outros tipos de gramática... até agora. Há a gramática histórica, a gramática comparada, a adquirida, a descritiva e a normativa. As três últimas foram discutidas. A adquirida é universal. E a normativa é a que recebeu mais destaque. Mas o que se deve dizer nesta “conclusão” é isto: Quando o sistema educacional terá a preocupação de dar um ensino que esteja de acordo com a vocação e com o temperamento do aluno? É preciso reconhecer que nem todos terão o desejo de escrever. Da mesma forma, é necessário admitir que nem todos irão dirigir automóveis. O mais importante, contudo, é saber que se faz necessária uma revolução no ensino. Enquanto não houver tal coisa, a realidade não será alterada para melhor, e se não for alterada para melhor, boas inteligências continuarão a vender a força de trabalho no setor terciário da economia em troca de um salário baixo. Sendo vítimas da educação massificada, não podem escapar dos efeitos do ambiente dos depósitos de alunos conhecidos como escolas públicas. Naqueles depósitos o aluno não se descobre como alguém

que pensa e sente. Sem orientação vocacional e sem incentivo, os que podem ser jornalistas ou advogados não desenvolvem o gosto pela leitura e pela escrita. Alguns desenvolvem, mas, a depender da camada social, terão de vender a força de trabalho num turno e no outro terão de estudar numa universidade particular. Como estudo é trabalho, os estudantes das universidades particulares pagam para trabalhar. E o estudo não é como um sacerdócio. O sistema obriga o universitário a servir a dois senhores...

(*) Entrevista concedida por Evanildo Bechara a Pasquale Neto no Programa Nossa Língua Portuguesa: http://www.youtube.com/watch?v=V_CmU-FzGtnU.

(**) Houve pequena confusão aqui. Na conferência em que lê o texto Para quem se faz uma gramática, na Academia Brasileira de Letras, refere-se o filólogo ao emprenho dos professores de língua estrangeira no uso da norma padrão dos idiomas que ensinam, e não exatamente ao ensino da norma padrão aos nativos da França. (Nota do autor de 2016.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Nilson Teixeira de. *Gramática da Língua Portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares....* 9ª edição. São Paulo: Saraiva, 2009.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986.

BAALBAKI, Ângela; SJLVA, Luiza Helena Oliveira da; MARCILESE, Mercedes; FONSECA, Raquel; SILVA, Silmara Dela. *Linguística III* (volumes 1 e 2). Fundação Cecierj: Rio de Janeiro, 2013.

BÁKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. (Os gêneros do discurso.) (Tradução: PEREIRA, Maria Ermantina Galvão.) 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?* 11ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2005.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens* (volumes 1, 2 e 3). São Paulo: Saraiva, 2010.

CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

FERREIRA, Mauro. *Aprender e Praticar Gramática*. Edição renovada. São Paulo: FTD, 2003.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4.) 23ª edição. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KENEDY, Eduardo; LIMA, Ricardo. *Linguística II* (volumes 1 e 2). Fundação Cecierj: Rio de Janeiro, 2012 e 2013.

MAGALHÃES, Diógenes. *Língua, Linguagem, Linguística....* Rio de Janeiro: Edições Coisa Nossa, 1995.

_____. *Redação com base na Linguística (e não na Gramática)*. 10ª edição, Rio de Janeiro: Edições Coisa Nossa, 2008.

_____. *Reforma (estudos políticos e sociais)*. FDC, sem local e sem data.

_____. *Revolução com base na lógica (e não na metralhadora)*. Rio de Janeiro: Edições Coisa Nossa, 1994.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. (Coleção primeiros passos.) 19ª edição (de 1994). São Paulo: Brasiliense, 2006.

MEDEIROS, Vanise; SOUSA, Sílvia Maria de. *Linguística I* (volumes 1 e 2). Fundação Cecierj: Rio de Janeiro, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é Linguística* (Coleção Primeiros Passos). 7ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas,

SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção de Leituras no Brasil.)

OUTRAS REFERÊNCIAS

Blog do professor Luiz Rocha: <http://luizrochinha.blogspot.com.br/>.

Conferência na Academia Brasileira de Letras: *Para quem se faz uma gramática*, de Evanildo Bechara: <http://www.youtube.com/watch?v=wOj1Y3XnwtA>.

Entrevista concedida por Evanildo Bechara a Pasquale Neto no *Programa Nossa Língua Portuguesa*: http://www.youtube.com/watch?v=V_CmUFzGtnU.

Entrevista concedida pela professora Dad Squarisi ao professor Pasquale Cipro Neto no programa *Nossa Língua Portuguesa (Parte I)*: <http://www.youtube.com/watch?v=mVkzWnDihzI>.

Discurso de Marilena Chauí: <http://www.youtube.com/watch?v=e56gaJwr5AI>.



INCONVENIÊNCIA DA EXCLUSIVIDADE NA DIVULGAÇÃO DE TEXTO

*José Raimundo Gomes da Cruz**

Há algumas décadas, os artigos doutrinários jurídicos costumavam ser publicados até por 5 ou mais revistas técnicas do Direito. Mesmo a Enciclopédia Saraiva do Direito, organizada pelo saudoso jurista Rubens Limongi França, incluía verbetes que circulavam como artigos de publicações jurídicas periódicas.

Recentemente, algumas editoras passaram a exigir exclusividade para a divulgação de tais colaborações.

Para a demonstração daquilo que consta do título acima, bastariam alguns exemplos de que, conforme a matéria, vários setores do conhecimento sugeririam a divulgação de certos textos em veículos de diversas especialidades.

Começo com três dos meus artigos divulgados pela APMP – Associação Paulista do Ministério Público em 2013: “A Virtude do Capitalismo”, “In God we trust – Deus seja louvado” e “O ser humano, antes de qualquer fronteira (O caso do asilo político ao Senador da Bolívia)”, que se incluíam no livro *Artigos 2013* (São Paulo : APMP, 2014, pp. 135/147).

No primeiro deles, destaca-se criticável condenação do capitalismo pelo Papa Francisco (O Estado de S. Paulo, 23/9/13), como já ocorrera com a Campanha da Fraternidade de 2010. Vali-me do Catecismo da Igreja Católica, na verdade, *Compêndio de Fé e Moral* desta, para mais aceitável análise do problema. Outro aspecto examinado consistia na visão de Max Weber, em sua *História Geral da Economia* (São Paulo : Mestre Jou, 1968, p. 186). Seguem-se citações de Molière, Balzac, São Lucas, D. Odilo Scherer, Papa Bento XVI, François Perroux, Dostoievski, Frei Mateus Rocha, com várias razões para a divulgação do referido artigo em veículos religiosos católicos e de economia, além dos jurídicos e de conhecimentos gerais.

O artigo “In God we trust – Deus seja louvado” também foi publicado pela *Revista Letrado*, do IASP, Instituto dos Advogados de São Paulo como também poderia ser divulgado em publicação religiosa ou de conhecimentos gerais. Por falar na *Revista Letrado*, do IASP – seu número 109, pp. 76/77, publicou meu artigo

* Procurador de Justiça aposentado, reside em São Paulo.

“DNA: relatividade de todos os meios de prova”, que caberia até em publicação de medicina legal ou de natureza geral.

O artigo “O ser humano antes de qualquer fronteira...”, citado acima, ficaria bem em publicação de natureza histórica ou diplomática. As páginas 275/277 da Revista Brasileira de Direito Comparado, v. 47, de 2015, fizeram sua divulgação.

Enfim, a Revista da Academia Mineira de Letras divulgou meu artigo “Biografias e privacidade” (volume LXVIII, jan/mar de 2014, pp. 89/97). Pois também a Revista do Instituto dos Advogados de São Paulo, v. 33, jan/jun 2014, pp. 455/461 publicou tal artigo meu, o que do mesmo modo aconteceu com a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (v. XXXIX, agosto de 2014, pp. 247/255).

A Revista da Academia Paulista de Direito publicou meu artigo “Dia Internacional da Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina: 6 de Fevereiro” (v. 7, jan/jun 2015, pp. 165/167). Com outros títulos, desde 1994, tenho combatido mais essa terrível violência contra a mulher. Neste caso, tais artigos são citados por este de 2015, incluindo-se a Revista Eletrônica de Direito Público n. 2, de junho de 2014, da Universidade de Lisboa. Na luta contra tal violência de que a mulher é vítima e no combate ao terrorismo, qualquer exclusividade de divulgação se desaconselha. A propósito, meu artigo “Terrorismo, o contrário do humanismo” tem sido divulgado (por exemplo, pela Revista Brasileira de Direito Comparado, v. 37, 2011, pp. 177/179, além de Sempre Encontrando, periódico paroquial de outubro de 2001, e do CPPG, Centro de Pesquisa e Pós Graduação jornal universitário da mesma época).

Caberia a indagação relativa à eventual remuneração paga ao autor. O máximo que chegou a existir, no meu caso, foi o convite de certo diretor ilustre de determinada revista jurídica, com oferta de algumas dezenas de separatas do meu artigo, porventura divulgado no mencionado periódico. No convite, nenhuma referência se fez à possível exclusividade da publicação pela referida revista jurídica. Claro que a remuneração sempre poderá motivar o autor do texto a aceitar a exclusividade a ele proposta pela editora do periódico.

Duas conclusões principais se deduzem da breve exposição feita até aqui: 1ª) textos de interesse para outras publicações, por sua variada matéria, não devem sujeitar-se a restrições à sua divulgação; 2ª) textos sobre matérias exigentes de especial e intensa divulgação, como as desigualdades subsistentes em prejuízo da mulher e o indispensável combate ao terrorismo jamais se sujeitariam a qualquer exclusividade de circulação editorial.



A FAMÍLIA DO VURDALAK

A. K. Tolstói

Aleksêi Konstantínovitch Tolstói (1817-1875) foi o primeiro escritor russo entre vários do mesmo nome; alguns, parentes entre si, notadamente no século XIX. O mais conhecido é Lhev Nikoláievitch Tolstói, célebre autor de *Guerra e paz*, *Ana Karênina*, *Ressurreição*.

A propósito, este nome aparece entre nós quase sempre como “Leon”, certamente má imitação de grafia estrangeira; não se justifica; será Lhev, russo, ou Leão, em vernáculo.

O conto *A família do vurdalak*, de 1839/40, é dos primeiros trabalhos de Aleksêi Tolstói, embora tenha sido publicado na Rússia apenas em 1884. As histórias de vampiros são registradas na literatura desde meados do século XVIII.

O que há de singular na presente tradução é que, não obstante feita do russo, não é do original, uma vez que o autor escreveu o conto em francês. Muitos escritores russos se expressaram nessa língua em algumas das suas obras.

Ouçamos o crítico literário Valéri Ermikin: “Toda a aristocracia russa sabia bem francês; muitos preceptores franceses foram para a Rússia a fim de ensinar as crianças nobres; é lícito supor que a própria França se mudasse para a Rússia”. Após a invasão do país pelo exército de Napoleão, todavia, exacerbou-se o sentimento de nacionalidade, quando por algum tempo foi abominado tudo o que fosse francês; pessoas afrancesadas, que mal sabiam o idioma pátrio, ou que absolutamente não o sabiam, tornaram-se malvistas, passando muitas vezes por situações delicadas ou perigosas. Houve casos de perseguições e ataques.

Se é permitida a digressão, parece que algum chauvinismo é salutar para a pátria; a História não apresenta um único exemplo de povo que se realizou sem um forte sentimento nacional. Isso ainda não aprendemos.

Encontrando o original francês depois de feita para o português a versão do texto russo, recorreremos a ele para maior fidelidade do nosso trabalho; o tradutor russo Bolesláv Markévitch, ao nosso ver, interpretou algumas passagens de maneira um tanto livre, embora a sua versão, no geral, seja boa.

Vamos ao conto.

O ano de 1815 reunira em Viena tudo o que havia de insigne na intelectualidade europeia, os espíritos brilhantes, as sumidades diplomáticas. E o Congresso terminou¹.

Os emigrados realistas se aprontavam para reinstalar-se definitivamente nos seus castelos, os soldados russos para voltar aos abandonados lares e alguns poloneses descontentes para levar a Cracóvia abrigo para o seu amor à liberdade sob a tríplice e duvidosa independência a eles preparada pelo príncipe Metternich, pelo príncipe Hardenberg e pelo conde Nesselrode.

Semelhantemente ao que acontece no final de um animado baile, a sociedade antes ruidosa ficara reduzida a pequeno número de pessoas dispostas ao prazer, que, fascinadas com as damas austríacas, tardavam em arrumar a bagagem e adiam a partida.

Esse alegre grupo, ao qual eu também pertencia, reunia-se duas vezes por semana no castelo da princesa viúva Schwarzenberg, a algumas milhas da cidade, para lá de um pequeno burgo de nome Hitzing. As genuínas boas maneiras da anfitriã, acrescidas de graciosa afabilidade e fino espírito, tornavam sobremodo agradável a permanência em sua casa.

Nossas manhãs eram dedicadas a passeios; almoçávamos todos juntos no castelo ou nas redondezas; e de noite, acomodados junto a um bom fogo da lareira, nos divertíamos a conversar e contar histórias. Era severamente proibido falar de política; todos já se haviam cansado dela, e tirávamos as narrativas do folclore dos nossos países ou das próprias recordações.

Uma noite, quando cada um de nós contara alguma coisa e nos encontrávamos nesse estado de excitação que habitualmente a obscuridade e o sossego aumentam, o marquês d'Urfé, velho emigrado, que desfrutava da estima geral pela sua alegria juvenil e pelo tom picante com que narrava os seus êxitos amorosos do passado, aproveitando um instante de silêncio, tomou a palavra:

— Os seus casos são de fato interessantes, mas penso que lhes falta um aspecto essencial, ou exatamente — autenticidade, porquanto, pelo que depreendi, nenhum dos senhores viu com seus olhos as coisas surpreendentes que narrou e não pode, sob palavra de fidalgo, afirmar a sua veracidade.

Fomos obrigados a concordar, e o idoso senhor, alisando o seu jabô, continuou:

— Quanto a mim, senhores, sei de uma única aventura do gênero, mas é ao mesmo tempo de tal modo estranha, tão horrível e real que só ela bastaria para assustar as pessoas mais incrédulas. Para minha infelicidade fui ao mesmo tempo testemunha e participante desse fato, e embora não goste de me lembrar dele, hoje estaria disposto a contar o que sucedeu comigo — se as senhoras me permitirem.

¹ O Congresso de Viena se reuniu logo após a queda de Napoleão Bonaparte, tendo como principais objetivos a restauração das monarquias destituídas e o combate às ideias liberais difundidas pela Revolução Francesa.

O assentimento foi unânime. Na verdade, alguns olhares de medo se dirigiram para os quadrados luminosos que a lua começava a desenhar no piso, mas o nosso círculo se estreitou e todos ficamos em silêncio, prontos para escutar a história. O marquês d'Urfé tomou uma pitada de tabaco, aspirou-a lentamente e começou:

— Antes de tudo, senhoras, peço desculpas se no decorrer da narrativa eu precisar me referir aos meus casos de coração mais do que conviria a um homem da minha idade, mas devo mencioná-los para melhor compreensão. À velhice são perdoáveis instantes de esquecimento, e na verdade, caras senhoras, é sua culpa se, vendo-as tão belas diante de mim, eu me sentir remoçado. Digo então sem mais preâmbulos que em 1759 eu estava perdidamente enamorado da linda duquesa de Gramont. Essa paixão, que então me parecia profunda e durável, não me dava paz nem de dia nem de noite, e a duquesa, como sempre acontece com mulheres bonitas, estimulava esse tormento com a sua coqueteria. Assim, num momento de despeito resolvi pleitear e obtive uma missão diplomática junto ao governador da Moldávia, que mantinha então negociações com o gabinete de Versalhes sobre questões a respeito das quais seria tão enfadonho quanto inútil falar. Na véspera da minha partida apresentei-me em casa da duquesa, que me recebeu de modo menos zombeteiro do que de costume, e me disse com voz na qual percebi certa emoção:

— D'Urfé, está fazendo uma grande loucura. Eu, porém, o conheço, e sei que não recuaria nunca de uma decisão tomada. Por isso, peço-lhe só uma coisa: receba esta pequena cruz como penhor da minha amizade e use-a até a sua volta. É uma relíquia de família a que damos grande valor.

Com galanteria quiçá inadequada ao momento, beijei não a relíquia, mas a encantadora mão que ma oferecia, e coloquei no pescoço esta cruz — ei-la — da qual desde então não me separo.

Não as cansarei, amáveis senhoras, com pormenores da minha viagem nem com observações sobre os húngaros e os sérvios, esse povo pobre e inculto, mas valoroso e honesto, que, mesmo sob o jugo turco, não olvidou a sua dignidade nem a sua antiga independência. Direi apenas que, tendo aprendido um tanto de polonês quando morei em Varsóvia, logo comecei a compreender o sérvio, uma vez que essas duas línguas, assim como o russo e o tcheco, não constituem, e isso certamente as senhoras sabem, senão ramos de um mesmo idioma que se denomina eslavo.

Assim, eu já sabia o suficiente para me fazer entender, quando certo dia cheguei a uma aldeia cujo nome não teria para as senhoras nenhum interesse. Encontrei os moradores da casa em que parei numa consternação que me surpreendeu, tanto mais estranha porque era um domingo, dia que os sérvios costumam entregar-se a toda sorte de passatempos, como dançar, atirar com arcabuz, lutar, etc. Atribuí a algum recente desgosto a disposição de espírito dos meus hospedei-

ros e já queria me retirar, porém aproximou-se e tomou-me pela mão um homem de mais ou menos trinta anos, elevada estatura e aspecto imponente.

— Entre — disse ele — entre, forasteiro, e não se assuste com a nossa tristeza; vai compreender quando souber a causa.

E contou-me que o seu velho pai, chamado Gortcha, homem de caráter irrequieto e intratável, levantou-se certo dia da cama e pegou da parede o seu longo arcabuz turco.

— Meninos — disse aos dois filhos, um dos quais se chamava Jorge e o outro, Pedro — vou aos montes, quero junto com outros valentes caçar o cachorro Alibek (bandido turco que ultimamente assolava toda a região). Esperem-me por dez dias, e se eu não voltar no décimo mandem rezar missa pelo descanso da minha alma — quer dizer, me mataram. Mas se — acrescentou o velho Gortcha assumindo o ar mais severo — se, não permita Deus, eu voltar depois dos dez dias, pela sua salvação não me deixem entrar; ordeno-lhes, esqueçam que fui seu pai e cravem uma estaca de álamo no meu coração, faça eu o que fizer, diga o que disser: serei então um maldito vurdalak e vim para beber o seu sangue.

Aqui será necessário dizer-lhes, senhoras, que vurdalaks, ou os vampiros dos povos eslavos, não são outra coisa que mortos que saem das suas sepulturas para sugar o sangue dos vivos. Têm em geral os mesmos hábitos dos demais vampiros, mas há uma particularidade que os faz mais temíveis: os vurdalaks, senhoras, têm preferência pelo sangue de parentes mais próximos e de amigos mais íntimos, que quando morrem tornam-se por sua vez vampiros, tanto que se pretende ter visto na Bósnia e na Hungria aldeias inteiras cuja população se transformou em vurdalaks. Em curioso trabalho sobre espectros o abade Augustin Calmet traz disso exemplos pavorosos. Imperadores germânicos mais de uma vez designaram comissões para esclarecerem casos de vampirismo. Procedia-se a inquirições, desenterravam-se defuntos que eram encontrados cheios de sangue e queimavam-nos nas praças públicas, mas antes varavam-lhes o coração. Funcionários da justiça que presenciaram execuções asseveraram ter escutado gritar os cadáveres no instante em que o carrasco lhes cravava uma estaca no peito, do que prestaram depoimentos formais legitimados com juramento e assinatura.

Sabendo tudo isso ser-lhes-á fácil imaginar, senhoras, qual efeito produziram nos filhos as palavras do velho Gortcha. Ambos se jogaram aos seus pés e suplicaram que lhes permitisse ir no seu lugar, mas o pai, por toda resposta, virou as costas e partiu, trauteando o estribilho de velha balada.

O dia em que cheguei era exatamente aquele em que terminava o prazo dado por Gortcha, e não me foi difícil compreender a inquietude dos filhos.

Era uma família boa e honesta. Jorge, o filho mais velho, de feições viris e pronunciadas, aparentava ser pessoa austera e decidida. Era casado e tinha dois meninos. Seu irmão Pedro, bonito jovem de dezoito anos, tinha a expressão antes de ternura do que de audácia, e parecia o predileto de uma irmã mais nova,

Zdenka, que bem podia representar o tipo da beleza eslava. Nela, além da beleza, sob todos os aspectos incontestável, surpreendeu-me uma ligeira parecença com a duquesa de Gramont. Havia, sobre tudo, um vinco na fronte, que em toda a minha vida não encontrei senão nessas duas pessoas. Podia não agradar à primeira vista, mas bastava vê-lo algumas vezes para que atraísse com força invencível.

Fosse porque eu era então muito moço, ou porque de fato impressão irresistível produzira em mim a semelhança, junto com certo jeito peculiar e ingênuo de Zdenka, mas bastou-me falar com ela dois minutos e já experimentava tão viva simpatia, que se teria transformado em sentimento ainda mais terno se eu permanecesse mais tempo naquele lugar.

Estávamos diante da casa ao redor de uma mesa, na qual nos serviram queijo e leite em tigelas. Zdenka fiava; a cunhada preparava a ceia para os filhos, que brincavam ali perto, na areia. Pedro assobiava com despreocupação afetada, enquanto se ocupava em limpar um iatagã, comprido facão turco. Jorge, os cotovelos apoiados na mesa, a cabeça entre as mãos, apreensivo, não tirava os olhos da estrada e não dizia palavra.

Quanto a mim, vencido pela tristeza geral, contemplava melancolicamente as nuvens do crepúsculo, que emolduravam o fundo dourado do céu e os contornos de um mosteiro meio encoberto por escura floresta de pinheiros.

Esse mosteiro, como depois fiquei sabendo, era famoso por causa de um milagroso ícone de Nossa Senhora que, segundo a tradição, anjos haviam trazido e deixado nos ramos de um carvalho. No começo do século passado os turcos surgiram na região, degolaram os monges e saquearam o mosteiro; restaram somente as paredes e a capela, cuidada por uma espécie de ermitão. Este fazia aos curiosos as honras das ruínas e dava abrigo aos peregrinos que, passando de um santuário a outro, detinham-se de bom grado no mosteiro da Virgem do Carvalho. Tudo isso, conforme já mencionei, só mais tarde chegou ao meu conhecimento; naquela noite, porém, não me ocupava absolutamente a arqueologia da Sérvia. Como não raro sucede apenas damos liberdade à imaginação, pus-me a recordar o passado, os dias luminosos da infância, a minha França maravilhosa que eu havia deixado por um país longínquo e agreste. Pensava na duquesa de Gramont e — não vou esconder — pensava também em algumas contemporâneas das suas avós, senhoras, cujas imagens se insinuaram no meu coração sem eu querer, no rastro da sedutora duquesa.

Depressa esqueci meus anfitriões e o motivo do seu alarme.

De repente, Jorge quebrou o silêncio:

— Diga, mulher, a que hora o velho saiu?

— Às oito horas — respondeu ela — ouvi quando bateu o sino do mosteiro.

— Bem — disse Jorge — agora são sete e meia, não mais.

E calou-se, fixando novamente os olhos na estrada que desaparecia na floresta.

Esquecia-me de dizer, senhoras, que quando os sérvios suspeitam de que alguém é um vampiro evitam referir-se a ele pelo nome ou mencioná-lo diretamente, por julgarem que desse modo podem chamá-lo do túmulo. Também Jorge, quando falava a respeito do pai, não o nomeava senão como "o velho".

Passaram alguns minutos de silêncio. De repente um dos pequenos, puxando Zdenka pelo avental, perguntou:

— Tia, quando o vovô vem para casa?

Uma bofetada de Jorge foi a resposta a essa pergunta inoportuna. O menino pôs-se a chorar e o irmão menor, espantado e com medo, indagou:

— Por que nos proíbe de falarmos no vovô?

Outro tapa e ele se calou. Os dois garotos começaram a chorar e toda a família se persignou.

Então o relógio do mosteiro bateu lentamente as oito horas. Mal se extinguiu a primeira badalada quando avistamos uma figura humana que saía da floresta e se dirigia para o nosso lado.

— É ele! Deus seja louvado! — exclamaram a uma voz Zdenka, Pedro e a cunhada.

— Deus nos tenha em sua santa guarda — proferiu Jorge solenemente. — Como saber se passaram ou não dez dias?

Todos o fitaram com medo enquanto a forma humana avançava sempre. Era um velho alto, bigode branco, rosto pálido e severo; movia-se com dificuldade apoiando-se num bordão. À medida que se aproximava, Jorge ia ficando mais sombrio.

Chegando-se a nós o velho parou e percorreu a família com olhos que pareciam não ver, a tal ponto eram baços e afundados nas órbitas.

— Mas que é isso — falou com voz cava — ninguém se levanta, ninguém vem me receber? Por que estão calados? Não veem que estou ferido?

Aí notei que o seu lado esquerdo estava ensangüentado.²

— Ampare o seu pai — eu disse a Jorge — e você, Zdenka, dê-lhe algo para beber, pois está quase caindo de fraqueza.

— Meu pai — disse Jorge — deixe-me ver o ferimento, entendo disso, faço um curativo.

Apenas fez menção de abrir-lhe a roupa, Gortcha o repeliu rudemente e levou as duas mãos ao flanco.

— Deixe, desastrado, machucou-me!

— Mas está ferido no coração! — exclamou Jorge, e empalideceu. — Depressa, vamos, tire a roupa, é preciso, digo.

² Não adotamos na íntegra o inútil e incoerente "acordo" imposto à nossa ortografia.

O velho se aprumou, direito e rígido:

— Cuidado — disse surdamente — se me toca, o amaldiçoou.

Pedro se pôs entre Jorge e o pai.

— Deixe-o — disse — vê que ele sofre.

— Não o contrarie — interveio a mulher — sabe que ele nunca tolerou

isso.

Nesse momento vimos um rebanho que voltava do pasto numa nuvem de poeira. Ou porque o cão que guardava o gado não reconheceu o dono, ou por qualquer outro motivo, mal viu Gortcha de longe, parou, eriçou-se-lhe o pelo e se pôs a uivar como vendo alguma coisa sobrenatural.

— Que há com esse cachorro? — indagou o velho com crescente raiva — que quer dizer isso? Tornei-me estranho na minha própria casa? Dez dias que passei nos montes me mudaram a ponto de os meus cachorros não me reconhecerem?

— Ouve? — perguntou Jorge à mulher.

— O que?

— Ele mesmo diz que passou de dez dias.

— Mas não, voltou no prazo!

— Está bem, mas eu sei o que fazer.

Como o cão continuasse a uivar:

— Quero que o matem! — gritou Gortcha. — Então, obedeçam!

Jorge não se mexeu, porém Pedro, com lágrimas nos olhos, levantou-se, pegou o arcabuz do pai e atirou no animal, que rolou no pó.

— Era o meu preferido — murmurou Pedro. — Por que o pai mandou matá-lo?

— Porque ele mereceu — replicou Gortcha. — Vamos, faz frio, quero entrar.

Enquanto isso se passava lá fora, Zdenka preparara uma tisana para o velho, de aguardente fervida com pera, mel e passas de uva, mas ele a afastou com repugnância. Mostrou a mesma aversão por um prato de carneiro com arroz que Jorge lhe ofereceu; foi então sentar-se perto da lareira, resmungando entre dentes algo ininteligível.

Um fogo de achas de pinho crepitava, alumando com trêmulos revéberos a figura do velho, o rosto tão abatido e macilento que, não fosse aquela claridade, poderia tomar-se pela face de um morto. Zdenka sentou-se ao seu lado.

— Pai, o senhor não quer comer nem se vai deitar. Talvez possa contar suas aventuras nos montes.

Assim falando, a moça sabia que tocava numa corda sensível, porquanto ele gostava de conversar sobre guerras e combates. E efetivamente nos lábios exangues apareceu algo como um sorriso, sem que os olhos tomassem parte, e ele respondeu, acariciando os belíssimos cabelos louros da jovem:

— Sim, filha, sim, Zdenka, quero lhe contar o que aconteceu nos montes, mas outro dia, hoje estou cansado. Vou dizer por enquanto que Alibek já não existe e que foi pelas minhas mãos que morreu. E se alguém duvida — acrescentou ele, lançando um olhar à família em redor — a prova aqui está.

E abrindo um saco que trazia às costas tirou dele uma cabeça sangrenta, com a qual, aliás, a sua própria poderia rivalizar pelo aspecto cadavérico. Nós nos voltamos com horror, e Gortcha a entregou a Pedro, dizendo:

— Tome, pregue-a em cima da porta para que todos os que passarem saibam que Alibek foi morto e que os caminhos estão livres de bandidos, a não ser os janizáros do sultão.

Pedro obedeceu com repulsa.

— Agora entendo — disse — o pobre cachorro uivava porque farejou carne morta.

— Sim, farejou carne morta — repetiu Jorge sombrio; pouco antes saíra da sala e voltava nesse momento com certo objeto, que colocou num canto e que acreditei ser uma estaca.

— Jorge — falou a esposa em voz baixa — você não quer, espero...

— Irmão, que pretende fazer? — disse também Zdenka. — Mas não, não fará isso, não é?

Deixem-me — respondeu ele — sei o que devo fazer, e não farei nada que não seja preciso.

Enquanto isso, tendo caído a noite a família foi dormir na parte da casa que era separada do quarto onde eu ia ficar por um tabique muito fino.

Reconheço que tudo aquilo que presenciara havia impressionado minha imaginação. A vela estava no fim, a lua dava em cheio na pequena janela baixa perto da minha cama e lançava no assoalho e nas paredes uma luz baça como esta aqui no salão onde estamos, caras senhoras. Eu queria adormecer, mas não podia. Atribuí a falta de sono à claridade da lua e procurei alguma coisa que servisse de cortina, mas não encontrei. Então, de trás do tabique escutei vozes surdas, e prestei ouvidos.

— Deite-se, mulher — dizia Jorge — e também você, Pedro, e você, Zdenka. Não se preocupem com coisa alguma, vou ficar vigiando.

— Mas Jorge — disse a mulher — eu vigio, você trabalhou a noite passada, de certo está cansado. Além disso, preciso cuidar do menino mais velho, sabe que desde ontem está adoentado.

— Fique tranquila e deite-se — repetiu ele — eu o olho também.

— Escute, irmão — falou Zdenka com a voz mais meiga — acho que será inútil você ficar acordado. Papai já se deitou, e veja como dorme sereno.

— Vocês não entendem nada — retorquiu Jorge num tom que não permitia objeção. — Digo-lhes, vão se deitar, eu não vou dormir.

Fez-se completo silêncio. Logo senti que minhas pálpebras pesavam, e o sono venceu. De repente acreditei ver a porta se abrir devagar e na soleira aparecer Gortcha. Ou melhor, antes o supus, pois o lugar de onde ele saíra estava totalmente escuro. Seus olhos apagados, pareceu-me, diligenciavam adivinhar meus pensamentos e observavam os movimentos da minha respiração. Depois deu um passo, e mais um, com extraordinária precaução, caminhando para mim sem fazer ruído, e de súbito deu um salto e se achou junto da cama. Experimentei inenarrável angústia, mas uma força invisível me mantinha imóvel. Ele se debruçou sobre mim e tanto aproximou a face lívida da minha que acreditei sentir-lhe o hálito cadavérico. Fiz então um esforço sobre-humano e despertei, banhado em suor. Não havia ninguém no meu quarto, mas olhando para a janela enxerguei distintamente Gortcha, que do lado de fora colou o rosto na vidraça e fitava-me com olhos medonhos. Tive força para não gritar e a presença de espírito de permanecer deitado como se nada houvesse visto. Ele parecia, contudo, apenas querer verificar se eu dormia, porque não mostrou nenhuma intenção de entrar, e depois de ter-me examinado bem, afastou-se da janela e o escutei andar no cômodo ao lado. Jorge dormia e roncava de fazer tremer as paredes.

Nesse instante um dos meninos tossiu e eu distingui a voz de Gortcha.

— Não está dormindo, pequeno?

— Não, vovô — respondeu aquele — e eu gostaria muito de conversar com você.

— Ah, conversar comigo, e sobre que?

— Eu queria que me contasse como lutou com os turcos, porque eu também vou lutar contra eles!

— Pensei nisso, menino, e lhe trouxe um pequeno iatagã que amanhã darei.

— Ah, vovô, me dê agora, você não está dormindo.

— Mas por que você não falou comigo hoje?

— Porque o papai me proibiu.

— É prudente, o seu papai. Então quer agora o iatagã?

— Sim, quero muito, mas não aqui, papai pode acordar.

— Mas onde, então?

— Se formos lá fora prometo ter juízo e não fazer o menor barulho.

Julguei vislumbrar um sorriso sarcástico em Gortcha e ouvi que o menino se levantava. Eu não acreditava em vampiros, mas o pesadelo que tivera agiu sobre os meus nervos, e sem querer acusar-me de coisa alguma depois, saltei da cama e dei um murro no tabique, bastante para acordar os Sete Adormecidos de Éfeso,³ mas nada me indicou que tivesse sido ouvido. Atirei-me para a porta resolvido a salvar o menino, mas estava trancada por fora e os ferrolhos não cederam aos meus esforços. Enquanto tentava arrombá-la vi Gortcha passar diante da janela, carregando o pequeno.

³ Referência aos sete cristãos do século III, que, condenados, um milagre livrou do castigo adormecendo-os por dois séculos, até que cessassem as perseguições.

— Levantem-se, levantem-se! —bradei com todas as forças, abalando o tabique com os meus golpes. Jorge despertou.

— Onde está o velho? — perguntou.

— Depressa! ele levou o menino!

Com um pontapé Jorge fez saltar a porta, que como a minha havia sido fechada por fora, e se lançou a correr na direção da floresta.

Acordei Pedro, Zdenka e a cunhada. Juntamo-nos diante da casa e após algum tempo Jorge veio com o filho. Encontrara-o sem sentidos na estrada, mas logo voltou a si e não parecia mais doente do que antes. Carregaram-no de perguntas; ele disse que o avô não lhe fizera nenhum mal, que haviam saído para poderem conversar mais a vontade, porém havia perdido o conhecimento e não se lembrava. Quanto a Gortcha, desaparecera.

Pelo resto da noite não se dormiu, como é fácil supor.

De manhã eu soube que o Danúbio, que cortava a estrada principal a um quarto de légua da aldeia, estava começando a carregar blocos de gelo, como sempre acontece na região no fim do outono e no início da primavera. A passagem estaria impedida por alguns dias e eu não ia poder seguir viagem. Aliás, mesmo que pudesse, a curiosidade, junta a um atrativo mais poderoso, ter-me-ia retido. Quanto mais via Zdenka, mais me sentia levado a amá-la. Não sou, minhas senhoras, dos que creem em paixões súbitas e irresistíveis de que os romances nos oferecem exemplos, mas penso que há casos em que o amor surge mais rapidamente do que de costume. A beleza diferente de Zdenka, a singular semelhança com a duquesa de Gramont, da qual eu fugira em Paris e que tornava a encontrar aqui, em vestes pitorescas e falando uma harmoniosa língua estrangeira, aquele traço característico na fronte pelo qual, em França, eu me teria feito matar vinte vezes, tudo isso, junto à singularidade da minha situação e aos mistérios que me rodeavam, devia contribuir para um sentimento que crescia e que, em outras circunstâncias, não se teria talvez manifestado senão de modo vago e passageiro.

Durante o dia ouvi Zdenka conversar com o irmão mais moço.

— Que pensa de tudo isso — disse — também suspeita do nosso pai?

— Não ouse suspeitar dele — respondeu Pedro — tanto mais que o menino afirma que ele não lhe fez mal. E quanto à sua desapareição, você sabe que ele nunca prestou conta das suas ausências.

— Eu sei — disse Zdenka — mas então é preciso salvá-lo, pois você conhece Jorge.

— Sim, sim, conheço-o. Falar com ele seria inútil, mas nós vamos esconder a estaca e ele não vai achar outra porque deste lado dos montes não há um único álamo!

— Está bem, esconderemos a estaca, mas nada diremos aos meninos, pois podem tagarelar diante de Jorge.

— Evitaremos isso — disse Pedro. E se separaram.

Veio a noite sem que nada soubéssemos a respeito de Gortcha.

Eu estava, como na véspera, estendido no leito e a lua dava em cheio no quarto. Quando o sono começava a baralhar minhas ideias, senti, como por instinto, a proximidade do velho. Abri os olhos e vi a cara lívida colada no vidro da janela.

Dessa vez quis me levantar, mas foi-me impossível; parecia que todos os meus membros estavam paralisados. Depois de me olhar muito Gortcha se afastou. Ouvi-o contornar a casa e bater suavemente na vidraça de onde dormiam Jorge, a mulher e o menino. Este virou-se na cama e gemeu sonhando. Transcorreram alguns minutos de silêncio, depois ouvi Gortcha bater outra vez na janela; o menino gemeu de novo e acordou.

— É você, vovô?

— Sou eu — respondeu uma voz surda — e trouxe o seu iatagã.

— Mas não ouse sair, papai me proibiu.

— Não é preciso sair, apenas abra a janela e venha me abraçar.

O menino se levantou e o ouvi abrir a janela. Chamando então toda a minha energia, pulei da cama e fui bater no tabique. Num instante Jorge estava de pé; ouvi-o praguejar, a esposa soltou um grande grito e logo todos estavam em torno do garoto inanimado. Gortcha desapareceu como na véspera. Com muitos cuidados conseguimos fazer com que o menino recobrasse os sentidos; ele estava muito fraco e respirava com dificuldade. O pobre pequeno ignorava a causa do seu desmaio. A mãe e Zdenka o atribuíram ao susto por ter sido surpreendido a conversar com o avô. Eu nada disse. Entretanto, tendo sossegado o menino, todos, exceto Jorge, se deitaram de novo.

Ao amanhecer ele acordou a mulher; falaram em voz baixa. Zdenka se juntou a eles e a ouvi soluçar, assim como a cunhada.

O menino estava morto.

Calo-me sobre o desespero da família. Ninguém atribuía a causa ao velho Gortcha, ou pelo menos não falavam abertamente. Jorge nada dizia, mas sua expressão sempre sombria tinha agora alguma coisa de terrível. Durante dois dias Gortcha não apareceu. Na noite que sucedeu ao terceiro (em que o menino foi enterrado), julguei escutar passos ao redor da casa e uma voz que chamava o pequeno irmão do morto. Afigurou-se-me também por um momento ver o rosto de Gortcha na vidraça, mas não pude me dar conta se era realidade ou efeito da imaginação, porque nessa noite a lua estava encoberta. Todavia, acreditei ser meu dever avisar Jorge. Ele interrogou o menino, que disse ter ouvido chamá-lo o avô e o tinha olhado através da janela. Jorge ordenou seriamente ao filho despertá-lo se o velho voltasse a aparecer.

Todos esses acontecimentos não impediram que a minha ternura por Zdenka fosse crescendo sempre. Eu não pudera, de dia, falar-lhe sem testemunhas. Quando anoiteceu, o pensamento da minha partida próxima affligiu-me.

O quarto de Zdenka era separado do meu por um corredor que dava para a rua, de um lado, e do outro para o terreiro.

Os meus hospedeiros já se haviam recolhido quando tive a ideia de andar pelo campo para me distrair. Ao passar pelo corredor notei que a porta de Zdenka estava entreaberta. Parei involuntariamente. Um roçar de roupa, bem conhecido, fez bater-me o coração. Ouvi depois palavras cantadas a meia-voz: era o adeus de um rei sérvio à sua amada antes de partir para a guerra:

*Ó meu jovem-choupo, parto para a guerra
e tu me esquecerás!*

*As árvores que crescem no pé do monte
são elegantes e flexíveis,*

mas o teu talhe as supera!

*Rubros são os frutos da sorveira que o vento agita,
mas os teus lábios são ainda mais rubros!*

*E eu, eu sou como um velho carvalho sem folhas,
e minha barba é mais alva do que a espuma do Danúbio!*

*E tu me esquecerás, alma minha, e morrerei de tristeza,
porque o inimigo não ousará matar o velho rei!*

E ela respondeu:

Juro ser-te fiel e não te esquecer.

*Se eu não cumprir o juramento, possas tu depois de morto
vir beber todo o sangue do meu coração!*

E disse o velho rei: Assim seja!

E partiu para a guerra.

E ela logo o esqueceu!

Aqui Zdenka se deteve, como se tivesse medo de terminar a balada. Não me contive mais: aquela voz tão doce, tão expressiva era a voz da duquesa de Gramont... Sem mais refletir, empurrei a porta e entrei. Zdenka havia tirado uma espécie de casaquinho que usam as mulheres do seu país; a blusa bordada de ouro e de seda vermelha, apertada na cintura por uma simples saia quadriculada era tudo o que vestia. As belas tranças louras estavam soltas, a aparência descuidada realçava-lhe os atrativos. Sem se irritar com a minha entrada súbita ela pareceu confusa e corou ligeiramente.

— Oh — disse-me — por que veio, e que vão pensar de mim se nos surpreendem?

— Zdenka, minha alma, fique tranquila, tudo dorme à nossa volta e somente o grilo nas ervas e o besouro no ar podem ouvir o que tenho para lhe dizer.

— Oh, meu amigo, saia, saia! Se meu irmão nos vir estarei perdida.

— Zdenka, não vou enquanto não me prometer amar-me para sempre, como a jovem promete ao rei na balada. Logo vou partir, Zdenka, quem sabe quando nos veremos de novo? Zdenka, amo-a mais que a minha alma, mais que a minha salvação... minha vida e meu sangue são seus... não me concede uma hora em troca?

— Muitas coisas podem acontecer em uma hora — disse ela com ar pensativo, mas deixou sua mão na minha. — Não conhece meu irmão — continuou trêmula — tenho o pressentimento de que virá aqui.

— Acalme-se, minha Zdenka, seu irmão está fatigado pelas noites em claro, adormeceu embalado pelo vento que brinca nas árvores; seu sono é pesado e longa é a noite, e eu não lhe peço mais do que uma hora! E depois, adeus, talvez para sempre!

— Oh, não, não para sempre! — acudiu ela vivamente, e depois recuou como amedrontada da própria voz.

— Zdenka — exclamei — só vejo você, só ouço você, não sou dono de mim, obedeço a uma força superior, perdoe-me, Zdenka! — e como louco a apertei contra o coração.

— Ah, você não é meu amigo! — disse ela soltando-se dos meus braços, e se foi refugiar no fundo do quarto. Não sei o que lhe respondi, pois estava confuso pela minha audácia; não que em situações semelhantes esta não me tivesse algumas vezes favorecido, mas porque, malgrado a paixão, eu não podia evitar um sincero respeito pela pureza de Zdenka. Havia, é verdade, arriscado algumas frases galantes que não desagradavam às belas do meu tempo, mas logo me envergonhei e renunciei a elas, vendo que a simplicidade da moça a impedia de entender aquilo que, vejo pelo seu sorriso, as senhoras adivinharam por meias palavras.

Eu estava lá, diante dela, sem saber o que dizer, quando a vi sobressaltar-se e lançar à janela um olhar de terror. Segui a direção dos seus olhos e vi distintamente o rosto imóvel de Gortcha que nos observava do lado de fora. Ao mesmo tempo senti uma mão rude pousar-me no ombro. Voltei-me — era Jorge.

— Que faz aqui?

Desconcertado pela brusca interpelação mostrei-lhe o pai, que nos olhava da janela e desapareceu assim que Jorge o viu.

— Percebi que o velho estava aqui e vim prevenir sua irmã — respondi.

Jorge me fitou como se quisesse ler no fundo da minha alma, depois me tomou pelo braço, conduziu ao meu quarto e me deixou sem uma palavra.

No dia seguinte a família estava reunida à porta da casa, ao redor de uma mesa servida com laticínios.

— Onde está o menino? — indagou Jorge.

— No terreiro — disse a mulher — no seu brinquedo favorito: imagina estar combatendo os turcos.

Apenas pronunciou ela estas palavras, para nossa extrema surpresa vimos surgir do fundo da floresta o grande vulto de Gortcha, que avançou lentamente em nossa direção e se assentou à mesa, como fizera no dia da minha chegada.

— Meu pai, seja bem-vindo — murmurou a nora em voz apenas audível.

— Seja bem-vindo, meu pai — repetiram baixo Zdenka e Pedro.

— Pai — falou Jorge com voz firme mas mudando de cor — nós o estamos esperando para pronunciar a oração.

O velho se voltou, carregando os sobrolhos.

— A prece, agora! — vociferou Jorge — e faça o sinal da cruz ou eu juro por São Jorge...

Zdenka e a cunhada se inclinaram para Gortcha e lhe rogaram que rezasse.

— Não, não — disse ele — não tem o direito de me dar ordens, e se insiste eu o amaldiçoo.

Jorge se levantou e correu para dentro da casa; imediatamente voltou, a fúria nos olhos.

— A estaca! — gritou — onde a esconderam?

Zdenka e Pedro trocaram um olhar.

— Cadáver! — disse então Jorge a Gortcha — que fez do meu filho? Por que o matou? Devolva-me o meu filho, cadáver!

E falando assim ele ia ficando mais pálido e o olhar se incendiava. Gortcha o fitava com olhos maus e não se mexia.

— A estaca, a estaca — gritou Jorge — que quem a escondeu responda pelas desgraças que nos esperam.

Nesse instante escutamos o riso alegre do filho mais novo e o vimos a cavalo numa grande estaca que ele fazia caracolar, dando o grito de guerra dos sérvios quando atacam o inimigo. Ao ver isso o olhar de Jorge chamejou. Arrebatou a estaca das mãos do menino e se precipitou sobre o pai. Este soltou um urro e pôs-se a correr na direção da floresta com rapidez tão pouco conforme à sua idade que parecia sobrenatural. Jorge o perseguiu e logo os perdemos de vista.

O sol já se pusera quando Jorge voltou, pálido como a morte, os cabelos eriçados. Assentou-se perto do fogo e julguei ouvir baterem-lhe os dentes. Ninguém se atreveu a fazer perguntas.

À hora em que a família tinha por hábito recolher-se ele pareceu recobrar toda a energia, e tomando-me à parte disse com o modo mais natural:

— Meu caro hóspede, acabo de passar pela margem do rio. Não há mais blocos de gelo, a travessia está livre, nada se opõe à sua partida. É escusado — ajuntou, lançando um olhar a Zdenka — despedir-se da minha família. Ela lhe deseja, pela minha boca, toda a felicidade que se pode almejar e espera que leve de nós boa recordação. Ao amanhecer o senhor encontrará o seu cavalo selado e o guia pronto a acompanhá-lo. Adeus, lembre-se de vez em quando do seu hospedeiro e lhe perdoe se a sua estada aqui não tiver sido tão tranqüila como ele desejou.

Os traços duros de Jorge tinham naquele momento uma expressão quase cordial. Levou-me até o meu quarto e apertou minha mão pela última vez. Depois estremeceu e seus dentes bateram como se ele tiritasse de frio.

Ficando só, eu não tinha vontade de dormir, como as senhoras podem imaginar. Outras ideias me ocupavam. Eu havia amado muitas vezes na vida. Havia tido acessos de ternura, de despeito, de ciúmes, porém nunca, nem mesmo quando deixei a duquesa de Gramont, sentira tristeza igual à que me rasgava o coração naquele momento.

Antes que o sol aparecesse vesti minha roupa de viagem e quis ter um último encontro com Zdenka; mas Jorge me esperava no vestibulo. Toda possibilidade de revê-la estava perdida.

Saltei sobre o cavalo e o incitei com as duas esporas. Prometia-me, no retorno de Iassi, passar pela aldeia, e essa esperança, longínqua que fosse, expulsou aos poucos os meus cuidados. Pensava já com prazer na minha volta e imaginava os pormenores quando um brusco movimento do cavalo quase me fez cair. O animal parou subitamente, firmou as patas dianteiras e soltou pelas ventas essa voz de alarme que avisa aos semelhantes a proximidade do perigo. Olhei com atenção: a uma centena de passos um lobo escavava a terra. Ao rumor ele fugiu. Esporeei a montaria e consegui fazê-la avançar. Vi então no lugar onde estivera o lobo uma cova fresca. E acreditei também distinguir a ponta de uma estaca saindo da terra que ele acabara de revolver. Contudo, não o afirmo, pois passei muito depressa.

O marquês d'Urfé se calou e tomou uma pitada de rapé.

— É tudo? — perguntaram as damas.

— Ai de mim, não! — respondeu ele. — O que tenho para lhes contar ainda é para mim uma recordação bem mais penosa, e eu daria muito para livrar-me dela.

A missão que me conduzira a Iassi reteve-me por mais tempo do que esperava; não a concluí senão ao cabo de seis meses. E que lhes direi? É triste reconhecer, porém não é menos verdade que poucos são os sentimentos duráveis. O êxito das minhas negociações, o estímulo que recebia do gabinete de Versalhes, em uma palavra, a política, essa política torpe que nos tem enfadado nos últimos tempos não tardou a enfraquecer no meu espirito a lembrança de Zdenka. E depois, a mulher do governador, bem bonita e que sabia perfeitamente a nossa língua, fez-me desde a minha chegada a honra de me distinguir dentre alguns outros jovens estrangeiros que se encontravam em Iassi. Educado como fui nos princípios da galanteria francesa, meu sangue gaulês se teria revoltado à ideia de pagar com ingratidão a benevolência que me testemunhava a beldade, e assim retribuí cortesmente as gentilezas que me foram concedidas, e para fazer valer os interesses e direitos da França comecei por me identificar com os do governador.

Chamado de volta ao meu país, tomei o mesmo caminho que me havia levado a Iassi. Não pensava mais em Zdenka nem em sua família quando certa noite, cavalgando pelo campo, escutei um sino que batia as oito horas. O som não

me pareceu desconhecido, e disse-me o meu guia que vinha de um mosteiro pouco distante. Indaguei o nome, e soube que se tratava do convento da Virgem do Carvalho! Apressei o passo da minha montaria e em pouco batíamos à sua porta. O ermitão veio abrir e nos levou à ala dos estrangeiros. Estava, porém, tão cheia de peregrinos que perdi a vontade de passar ali a noite, e quis saber se poderia encontrar uma hospedaria na aldeia.

— Encontrará mais de uma — respondeu o ermitão com um suspiro fundo — graças ao ímpio Gortcha não faltam lá casas vazias.

— Que quer dizer? o velho Gortcha ainda vive?

— Oh, não, está bem e bêlamente enterrado com uma estaca no coração. Mas havia sugado o sangue do filho de Jorge. O menino veio uma noite, chorou à porta dizendo ter frio e pedindo para entrar. A tola da mãe, mesmo tendo-o enterrado ela própria, não teve coragem de mandá-lo de volta ao cemitério e abriu. Então ele se atirou sobre ela e bebeu-lhe o sangue até a morte. Enterrada, ela por sua vez sugou o sangue do segundo filho, depois o do marido, depois o do cunhado. Todos tiveram o mesmo fim.

— E Zdenka?

— Essa enlouqueceu de dor; pobre criança, nem me fale!

A resposta não fora clara mas não tive coragem de repetir a pergunta.

O vampirismo é contagioso — prosseguiu o ermitão, persignando-se. — Famílias foram atingidas, famílias foram exterminadas até o último. Se o senhor quiser me atender, fique esta noite aqui no convento, porque mesmo não sendo devorado pelos vurdalaks o pavor que lhe causarão bastará para embranquecer os seus cabelos antes que eu acabe de tocar as matinas. Sou apenas um pobre religioso — continuou

— mas a generosidade dos viajantes me permite meios de prover às suas necessidades. Tenho queijos deliciosos, passas que farão vir-lhe água à boca, e vinho de Tokay que em nada perde para aqueles que servem a Sua Santidade o Patriarca.

Quis-me parecer que nesse momento o ermitão voltava a ser taberneiro. Acreditei que me contava fantasias a fim de dar-me ocasião de ser agradável ao céu, imitando a generosidade dos viajantes que proporcionavam ao santo homem *meios de prover às necessidades deles*.⁴

E depois, a palavra medo fez-me sempre o efeito do clarim sobre um corcel de batalha. Teria sentido vergonha de mim mesmo se não partisse imediatamente. Meu guia, todo trêmulo, pediu permissão para ficar; dei-lha de boa vontade.

Gastei em torno de meia hora para chegar à aldeia. Encontrei-a deserta. Nem uma luz brilhava nas janelas, nem uma canção se ouvia. Passei em silêncio por todas aquelas casas, a maioria das quais era-me conhecida, e cheguei enfim

⁴ Em itálico no original.

à de Jorge. Fosse recordação sentimental, fosse temeridade de jovem, foi lá que resolvi passar a noite.

Apeei do cavalo e bati no portão; ninguém respondeu. Empurrei-o, abri-me rangendo nos gonzos e entrei no pátio. Prendi o cavalo selado debaixo de um telheiro, onde encontrei aveia suficiente para uma noite, e avancei resolutamente para a casa.

Nenhuma porta estava fechada, todos os aposentos pareciam desabitados. O de Zdenka dava a impressão de ter sido deixado na véspera. Alguns vestidos estavam estendidos sobre a cama. Joias, entre as quais uma cruz de esmalte que eu comprara em Pest, brilhavam sobre a mesa ao clarão da lua. Não pude evitar um aperto no coração apesar de meu amor ser já passado.

Envolvei-me na capa e me deitei no leito. Depressa dominou-me o sono. Não me recordo dos pormenores do sonho, mas sei que revi Zdenka, bela, simples e amorosa como antes. Censurei-me pelo meu egoísmo e inconstância. Como pude, perguntei-me, abandonar a pobre criança que me amava, como pude esquecê-la? Depois a sua imagem se misturou com a da duquesa de Gramont e não vi nelas senão uma única e mesma pessoa. Joguei-me aos pés de Zdenka e implorei o seu perdão. Todo o meu ser, toda a minha alma se confundiam num inefável sentimento de melancolia e felicidade.

Assim sonhava eu quando fui despertado por um som harmonioso, semelhante ao murmúrio de um trigal agitado por ligeira brisa; tinha a impressão de ouvir entrechocarem-se as espigas melodiosamente e o canto dos pássaros se unir ao de uma cascata e ao sussurro das árvores. Depois quis-me parecer que todos esses sons não eram senão o roçar de um vestido. Abri os olhos e vi Zdenka ao lado da cama. A lua tinha um brilho tão vivo que eu podia distinguir nas minúcias os traços adoráveis que me haviam sido tão queridos, e de que o sonho me fizera sentir toda a preciosidade. Achei-a mais bonita e mais desenvolvida. Vestia a mesma roupa da última vez que a vira: uma simples blusa bordada de ouro e seda e saia apertada abaixo da cintura.

— Zdenka! — exclamei levantando-me — é você, Zdenka?

— Sim, sou eu — respondeu-me com voz doce e triste — sou aquela Zdenka que você esqueceu. Ah, por que não voltou antes? Agora tudo acabou, é preciso que você parta; um instante mais e estará perdido. Adeus, meu amigo, adeus para sempre!

— Zdenka — eu disse — você tem tido muita infelicidade, contaram-me. Venha, vamos conversar e isso vai aliviá-la.

— Meu amigo, não é preciso acreditar em tudo o que dizem a nosso respeito. Mas vá, vá depressa, pois se ficar a sua perdição é certa.

— Mas Zdenka, que perigo me ameaça? Não pode conceder-me uma hora, nada mais que uma hora?

Ela estremeceu e estranha mudança operou-se em toda a sua pessoa.

— Sim, uma hora, uma hora, não é? como quando cantei a balada do velho rei e você entrou neste quarto? É isto que quer dizer? Está bem, seja, dou-lhe uma hora. Mas não, não — disse ela voltando atrás — vá, parta depressa, fuja! o mais depressa que puder!

Uma energia selvagem animava-lhe as feições. Eu não percebia o motivo que a fazia falar daquele modo, mas estava tão bela que resolvi ficar, mau grado seu. Cedendo enfim à minha insistência ela se assentou perto de mim, falou do tempo passado e confessou que gostara de mim desde o dia da minha chegada. Entretanto, pouco a pouco eu notava grande mudança nela. Sua reserva de outrora dera lugar a estranha volubilidade. O olhar, antes tão tímido, tinha qualquer coisa de atrevido. Enfim eu via com surpresa que os seus modos comigo estavam longe do recato que antes a distinguia.

“Será possível — dizia a mim mesmo — que Zdenka não é a moça pura e inocente que parecia há dois anos? ⁵ Fingiria por medo do irmão? Teria eu sido totalmente enganado pela sua virtude de improvisado? Mas então, para que insistir que eu vá embora? É acaso um requinte de coqueteria? E eu que julgava conhecê-la! Mas não importa. Se Zdenka não é uma Diana, como eu pensava, posso bem compará-la a outra divindade não menos amável e, por Deus! prefiro o papel de Adônis ao de Acteon!”

Se esta frase clássica que dirigi a mim mesmo lhes parece fora de moda, senhoras, queiram lembrar que o que tenho a honra de lhes contar se passou no ano da graça de 1758 ⁶. A mitologia estava então na ordem o dia e eu não tinha a pretensão de andar mais depressa do que o meu século. As coisas mudaram bastante depois, e não faz muito tempo que a Revolução, abolindo os remanescentes do paganismo, assim como a religião cristã, erigiu no seu lugar a deusa Razão. Esta divindade nunca foi minha protetora quando eu me encontrava na companhia de damas, e na época de que falo estava ainda menos disposto a oferecer-lhe sacrifícios. Entreguei-me sem reserva ao sentimento que me atraía para Zdenka e, feliz, fui ao encontro da sua sedução. Passara algum tempo em doce intimidade quando, divertindo-me a enfeitá-la com as suas joias, quis colocar-lhe no pescoço a pequena cruz de esmalte que estava sobre a mesa. Ao movimento que fiz Zdenka recuou assustada.

— Basta de infantilidades, meu amigo, deixe essas ninharias e falemos de você, dos seus projetos.

A sua perturbação deu-me que pensar. Examinando-a com atenção, notei que ela não trazia mais, como antes, algumas medalhas, pequenos relicários e sachês de incenso que os sérvios costumam usar desde a infância até a morte.

⁵ Seis meses, diz o autor anteriormente.

⁶ O personagem menciona no início da narrativa o ano de 1759.

— Zdenka — indaguei — e as medalhas que você usava?

— Perdi — respondeu com jeito impaciente, e logo mudou de assunto.

Não sei que vago pressentimento se apoderou de mim. Quis sair, mas Zdenka me reteve.

— Como — ela disse — você me pede uma hora e quer partir depois de alguns minutos!

— Zdenka, você tinha razão em insistir que eu fosse embora. Creio ter escutado um ruído e temo que nos surpreendam.

— Esteja tranquilo, meu amigo, tudo dorme à nossa volta e somente o grilo nas ervas e o besouro no ar podem ouvir o que tenho para lhe dizer.

— Não, é preciso que eu vá.

— Fique, fique, eu o amo mais que a minha alma, mais que a minha salvação, você jurou que a sua vida e o seu sangue são meus!

— Mas seu irmão, Zdenka, seu irmão, tenho o pressentimento de que ele virá!

— Acalme-se, minha alma, meu irmão está fatigado pelas noites em claro, adormeceu embalado pelo vento que brinca nas árvores; seu sono é pesado e longa é a noite, e eu não lhe peço mais do que uma hora!

Falando assim Zdenka estava tão bela que o vago terror que me inquietava começou a ceder ao desejo de ficar. Um misto de temor e volúpia, impossível de descrever, invadiu o meu ser inteiro. À medida que eu enlanguescia Zdenka se tornava mais terna, e cedi, prometendo-me embora ser cauteloso. Todavia, como já reconheci, eu só tinha juízo pela metade, e quando Zdenka, notando minha reserva, propôs afugentarmos o frio da noite com algumas taças de um vinho generoso que disse ter obtido do bom ermitão, aceitei com tal presteza que a fez sorrir. O vinho produziu o seu efeito: após a segunda taça a má impressão que ficara por causa das medalhas se apagou completamente; no desalinho das suas vestes, nos lindos cabelos meio trançados, nas joias iluminadas pela lua Zdenka me parecia irresistível. Não me contive mais e a tomei nos braços.

Então, minhas senhoras, ocorreu uma dessas misteriosas manifestações que eu jamais saberia explicar, mas em cuja existência os fatos me obrigam a crer, embora até então fosse pouco inclinado a admiti-las. O ímpeto com que abracei Zdenka fez com que uma das pontas da cruz que lhes mostrei, dada pela duquesa de Gramont, penetrasse em meu peito. A dor aguda que senti foi para mim um raio de luz que me atravessou. Olhei Zdenka e vi que as suas feições, apesar de belas, estavam contraídas pela morte, que seus olhos não viam e que o sorriso era a convulsão impressa pela agonia na face de um cadáver. Ao mesmo tempo senti no quarto esse odor nauseante que exala dos túmulos mal fechados. A pavorosa verdade surgiu diante de mim em toda a sua hediondez. Lembrei-me muito tarde da advertência do eremita. Compreendi a que ponto a minha situação era arriscada e senti que tudo dependia da minha coragem e sangue-frio. Virei o rosto para

esconder o horror que a minha fisionomia devia denotar. Então dei com os olhos na janela e vi o horroroso Gortcha com uma estaca ensangüentada fitando-me com olhar de hiena. Na outra janela estava Jorge, que nesse momento tinha medonha semelhança com o pai. Ambos observavam meus movimentos e não duvidei de que se lançariam sobre mim à menor tentativa de fuga. Não dei mostra de os ter visto, e com tremendo esforço sobre mim continuei, sim, senhoras, continuei a fazer a Zdenka as mesmas carícias que me davam prazer antes da terrível descoberta. Enquanto isso, imaginava angustiado um meio de escapar. Percebi que Gortcha e Jorge trocavam com Zdenka olhares de entendimento e que começavam a se impacientar. Também escutei vindos de fora uma voz de mulher e gritos de crianças, mas tão assustadores que poderia tê-los tomado por uivos de gatos selvagens.

“É tempo de fugir — falei comigo — e quanto antes, melhor”.

Disse então a Zdenka, em voz alta de modo que pudesse ser ouvida pelos seus sinistros parentes:

— Estou muito cansado, minha criança, gostaria de me deitar e dormir algumas horas, mas antes preciso ver se meu cavalo comeu. Peço-lhe que não vá e me espere aqui.

Pousei então os lábios nos frios e descorados lábios dela e saí. Encontrei o cavalo coberto de espuma e agitando-se sob o telheiro. Ele não havia tocado na aveia, e o relincho que soltou ao me ver deu-me arrepios, pois tive receio de que ele traísse as minhas intenções.

Entrementes, os vampiros, que provavelmente ouviram minha conversa com Zdenka, não estavam alarmados. Assegurei-me de que o portão se achava aberto e esporeei o cavalo. Ao sair do pátio tive tempo de ver que a turba que se juntara ao redor da casa, da qual a maior parte dos indivíduos tinha a cara colada às vidraças, era muito numerosa. Creio que a minha saída brusca os aturdiu, pois durante algum tempo só distingi no silêncio da noite o galope regular do cavalo. Acreditava poder já felicitar-me pelo meu ardil, quando de repente ouvi atrás de mim um barulho semelhante a um furacão desencadeado nas montanhas. Mil vozes misturadas gritavam, urravam e parecia disputarem entre si. Depois calaram-se como de comum acordo e escutei um tropel precipitado como se um bando de soldados se aproximasse correndo.

Esporeei a montaria a ponto de ferir-lhe os flancos. Uma febre ardente fazia bater-me as artérias, e enquanto me esgotava em esforços inauditos para conservar a lucidez ouvi às minhas costas uma voz que gritava:

— Pare, pare, meu amigo! Eu o amo mais que a minha vida, mais que a minha salvação! Parê, pare, seu sangue é meu!

A mesmo tempo um hálito frio roçou-me a orelha e percebi que Zdenka saltara na garupa.

— Meu coração, minha alma! — dizia ela — só quero você, só sinto você, não sou mais dona de mim, obedeço a uma força superior, perdoe-me, meu amigo, perdoe-me!

E enlaçando-me tentava me inclinar para trás a fim de morder minha garganta. Uma luta terrível se travou entre nós. Durante um tempo eu me defendi com dificuldade, e por fim consegui agarrar Zdenka pela cintura com uma das mãos e com a outra pelas tranças, e firmando-me nos estribos joguei-a no chão!

No mesmo instante as forças me abandonaram e o delírio se apossou de mim. Mil imagens loucas e terríveis me perseguiam com esgares horrendos. Jorge e seu irmão Pedro me ultrapassaram por fora da estrada e tentaram cortar-me o caminho. Não conseguiram, e eu já me felicitava quando, olhando para trás, vi o velho Gortcha que usava a sua estaca para dar saltos como os montanheseiros do Tirol quando transpõem abismos. Ele também ficara para trás. Então a nora, que arrastava os pequenos após si, jogou-lhe um deles, que Gortcha recebeu na ponta da estaca. Usando-a como uma funda, ele lançou com toda a força o menino na minha direção. Desviei-me, mas o pequeno, com verdadeiro instinto de buldogue, agarrou-se ao pescoço do cavalo, de onde o arranquei a custo. Jogaram do mesmo modo o outro, mas ele caiu justamente debaixo da patas do animal e foi esmagado.

Não sei o que se passou depois, mas quando voltei a mim já era dia claro e eu estava caído na estrada ao lado do meu cavalo que expirava.

Assim terminou, senhoras, uma aventura amorosa que deveria ter-me curado do ânimo de procurar outras. Algumas contemporâneas de suas vovós poderiam dizer se para o futuro tornei-me mais ajuizado. Como quer que seja, tremo ainda ao pensamento de que, se tivesse sucumbido aos meus inimigos, poderia ter-me transformado também em vampiro, mas o céu não permitiu chegassem as coisas a esse ponto, e longe de ter sede do seu sangue, gentis senhoras, nada peço melhor do que, embora idoso, derramar o meu para servi-las!



A VOZ DA FAVELA

*Paulo Paranhos**

As Minas Gerais sempre foram pródigas em personagens nos mais diversos segmentos da sociedade. Durante séculos, a gente mineira sempre esteve presente nos grandes momentos nacionais, escrevendo com letras versais o nome daquela que um dia foi conhecida como “Minas dos Cataguás”, onde foram descobertas grandes riquezas que, infelizmente, fizeram a fortuna de poucos e a miséria de muitos. Assim, nesse universo fantástico de personalidades mineiras, lembramos que há quase 100 anos nasceu Carolina Maria de Jesus, na cidade de Sacramento. Aos sete anos (1923) passou a frequentar a escola – o Colégio Allan Kardec, primeiro Colégio Espírita do Brasil – onde foi mantida graças à generosidade de uma benfeitora, a senhora Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhava como lavadeira. Ali estudou pouco mais de dois anos, conseguindo, no entanto, uma educação formal na leitura e na escrita.

Sua mãe morreu no ano de 1937, o que a obrigou a mudar-se para São Paulo. Ali construiu sua própria casa, usando madeira, lata e papelão: saía todas as noites para coletar papel, a fim de conseguir dinheiro para sustentar a si e aos filhos que logo nasceram. Quando encontrava revistas e cadernos usados, guardava-os para escrever em suas folhas. Assim começou a escrever sobre seu dia a dia, como era morar na favela.

Teve vários envolvimento amorosos quando jovem, mas permaneceu solteira. Cada um dos seus três filhos era de um pai diferente. Em seu diário detalhou o cotidiano dos moradores da favela e descreveu os fatos políticos e sociais que presenciava. Escreveu sobre como a pobreza e o desespero podem levar pessoas boas a trair seus princípios simplesmente para conseguir comida para si e suas famílias.

O diário de Carolina Maria de Jesus seria publicado em agosto de 1960, depois de descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que ficou entusiasmado com o discurso de Carolina junto a um bando de desocupados na cerimônia de abertura de um parque no centro de São Paulo. Disse que viu Carolina de pé na beira do local gritando: Saíam ou eu vou colocar vocês no meu livro! Indagada pelo

* Historiador, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e da Academia Caxambuense de Letras.

jornalista sobre o que ela queria dizer com aquilo, Carolina mostrou-se tímida no início, mas levou-o até o seu barraco e mostrou-lhe tudo e, por sua iniciativa, a história de Carolina foi publicada com o título de Quarto de Despejo, título este dado pelo próprio Dantas, a partir de uma frase de Carolina: A favela é o quarto de despejo da cidade.

A tiragem inicial de dez mil exemplares se esgotou em uma semana e, embora escrito em linguagem simples, o mesmo foi traduzido para treze idiomas e alcançou países como Dinamarca, Holanda, Argentina, França, Alemanha, Suécia, Itália, Tchecoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos, Rússia, Japão, Polônia, Hungria e Cuba.

Porém não foram somente fama e a publicidade que Carolina ganhou com essa publicação: despertou também o desprezo e a hostilidade de seus vizinhos, que a chamavam de prostituta negra, que havia se tornado rica por escrever sobre a favela, mas que se recusava a compartilhar o dinheiro com eles. A ira dos vizinhos também teria sido motivada pela mudança de endereço de Carolina, para uma casa de alvenaria no subúrbio de São Paulo, o que foi possível com os ganhos iniciais da publicação de seu diário.

A literatura de Carolina Maria de Jesus só foi redescoberta na década de 1990, graças ao empenho dos pesquisadores José Carlos Sebe Meihy e Robert Levine, que juntos publicaram o livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, e editariam duas coletâneas de inéditos da escritora. Nos Estados Unidos, o Quarto de Despejo, traduzido como *Child of the Dark*, é utilizado em várias escolas, diferentemente do que acontece no Brasil que, com raríssimas exceções, lembram do nome dessa notável escritora.

A professora Germana Henriques Pereira, autora de *O Estranho Diário de Uma Escritora Vira-Lata*, um dos poucos trabalhos que analisam a obra de Carolina do ponto de vista da crítica literária, disse que Carolina é uma escritora fundamental para entender a literatura brasileira, que é feita, em sua grande maioria, de autores brancos de classe média que dominam a língua formal. Ela mostra a outra face dessa história, que passa a ser vista do ponto de vista dela, de baixo.

De acordo com outros estudiosos da obra de Carolina, existem indícios, na prosa da escritora, de que ela teria tido acesso a obras de grandes escritores brasileiros, provavelmente nas casas em que trabalhou, o que explicaria as menções em suas obras a poetas como Casimiro de Abreu e Castro Alves. Em seus livros, Carolina alterna incorreções ortográficas, sintáticas e de pontuação – reflexos da linguagem oral e da alfabetização deficiente – com o emprego correto de termos específicos da linguagem escrita culta. A verdade é que Carolina não era alienada. Tinha consciência de sua condição e da injustiça que a fazia levar aquela vida. Em seu diário escreveu: Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói.

Outro traço particular da escrita de Carolina Maria de Jesus é sua consciência política e social. Passagens de seus livros mostram que a escritora estava sempre informada do que acontecia não só em São Paulo, mas também em outros estados, provavelmente por meio de notícias lidas em jornais que via nas bancas. Vejamos algumas passagens de seu Quarto de Despejo, com a grafia original, que reforçam a ideia de que em algumas passagens usava linguagem culta tirada de obras que havia lido:

...Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas côr de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh'alma dolorida. Ao Deus que me protege, envio os meus agradecimentos.

Carolina também publicou *Casa de Alvenaria* (1961), *Provérbios e Pedacos da Fome* (1963) e *Diário de Bitita* (publicação póstuma editada em 1982 pela editora francesa A. M. Métailié).

Carolina, um exemplo de mulher, de dedicação e perseverança, morreu pobre e praticamente esquecida, isolada num sítio, em 13 de fevereiro de 1977.

Referências:

KRAMER, Lloyd S. *Literatura crítica e imaginação histórica*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.



SAÚDE: UM ATO DE AMOR!

*Luiz Carlos Marzano**

Decorridos 15 anos da publicação do livro "Errar é humano" (KOHN, L. T.; CORRIGAN, J. M.; DONALDSON, M. S.), anos após a edição das "Diretrizes de Segurança do Paciente" pela OMS – Organização Mundial de Saúde – e passados 3 anos da edição da RDC 36 da Anvisa (que estabelece os critérios e diretrizes nacionais para melhoria da assistência com foco na segurança), os índices de ocorrência de eventos adversos continuam preocupantes.

Lembro que a RDC36 não foi criada para ser aplicada somente em hospitais particulares de excelência.

Uma das grandes dificuldades para o sucesso deste programa é a síndrome do esgotamento profissional. Médicos, enfermeiros, farmacêuticos e os demais profissionais de saúde estão sobrecarregados e isto pode impedir que pensem e ajam considerando fatores de segurança, qualidade e trabalho em equipe.

Tal questão está clara na hierarquia de Maslow: "Pessoas não são capazes de focar nas necessidades mais importantes até que suas necessidades básicas estejam seguras".

Precisamos focar em melhorias de resiliência, basicamente, auxiliando estes profissionais a restabelecer o prazer em seus trabalhos.

Sistemas da qualidade, muitas vezes erroneamente entendidos como burocracias, salários irrealistas e/ou atrasados, sistemas de TI não amistosos, carência de profissionais para atuar na área da saúde, as longas jornadas de trabalho, os riscos inerentes aos processos de assistência, a complexidade das atividades, as precárias condições de trabalho e a alta demanda de serviços, geram descontentamentos e também a chamada "Síndrome de Burnout" (esgotamento).

Este panorama retrata claramente o perfil dos contratemplos a que está sujeita a grande maioria dos profissionais da saúde no Brasil.

Assim, para aqueles que têm doado seus conhecimentos, coração e alma para gerar um sistema que funcione melhor para os pacientes, o resultado pode ser decepcionante.

* Farmacêutico, bioquímico, administrador de empresas e professor.

Será que o movimento de segurança do paciente demorará a se implementar definitivamente?

É fundamental inovar na prestação de serviços de saúde para garantir uma assistência segura, tendo o paciente como centro da atenção e cuidados.

Precisamos reinventar o modelo e a prática da assistência à saúde no Brasil. Acredito, fortemente, em mudança e inovação.

Programas de residências médicas referenciados e qualificados, a evolução, o aprimoramento e a abrangência dos processos relacionados à gestão de riscos assistenciais e de apoio, projetos de ações emergenciais, efetiva sistematização da assistência de enfermagem, uma estrutura segura de farmácia clínica podem ser as primeiras ações facilitadoras.

Creio na superação humana quando se tem propósitos definidos e determinados.

A segurança do paciente requer envolvimento das equipes multiprofissionais e multidisciplinares, aprendizado especializado e contínuo, comprometimento com protocolos clínicos e linhas de cuidados, registros precisos nos prontuários e obediência total aos preceitos da OMS e da Anvisa em relação aos procedimentos.

Trata-se de uma grande gama de atitudes e conhecimentos que, realmente, dificultam o sucesso de quaisquer programas de segurança do paciente.

E não basta que tudo isto esteja disponibilizado.

Não adianta que as diretrizes sejam definidas como texto de lei.

É preciso que os profissionais de saúde sejam melhor valorizados e remunerados, com jornadas de trabalho que não ultrapassem o que seja considerado razoável e factível, e tenham acesso aos conhecimentos inerentes e aos recursos necessários para garantir que seu exercício profissional seja realizado de forma segura.

Precisamos cuidar de quem cuida!

Urge que sejam criadas as condições ideais de trabalho, para que aí, sim, os profissionais tenham possibilidade de incorporar às suas atividades as atitudes necessárias numa prática de assistência dedicada à segurança do paciente.

Faz-se necessária a criação de novos modelos de negócios para a saúde: é essencial o reestabelecimento de uma relação saudável entre os principais atores do sistema de saúde.

Ainda hoje, existem relações conflituosas, não transparentes, que demandam inúmeros recursos para assegurar sua fidedignidade (entre quem compra e quem fornece serviços de saúde) e que envolvem custos muito elevados, que em outro modelo poderiam ser utilizados de forma mais proativa destinada a minimizar as dificuldades de financiamento acima relacionadas.

Esta relação se configura hoje em um perfil "perde - perde" que, em médio prazo, e num cenário macroeconômico como o que estamos vivenciando, se tornará insustentável

Passa a existir, então, a necessidade de criar um novo fator determinante para salvar o programa de segurança do paciente.

É necessário transcender, nos superarmos e entender que um novo fator, uma melhoria, pode vir com a adoção de uma forma inovadora de viver e de praticar a assistência.

Precisamos adotar e desenvolver a arte de amar.

Falo de amor! De uma das muitas formas de amor: o amor fraterno, a mais fundamental forma de amar, a que alicerça os demais tipos de amor.

Consiste em responsabilidade, cuidado, respeito por qualquer ser humano, desejo de aprimorar a vida. No amor fraterno há a experiência da união com todos os homens, da solidariedade e do sincronismo humano.

Precisamos conhecer e praticar a arte de amar, para amarmos nossos pacientes.

Falando de amor...

O amor é uma arte e, portanto, requer conhecimento e esforço. Amor não acontece por acaso, não é temporário... isso é paixão!

É como o processo de aprendizado de uma arte: será necessário o domínio da teoria e da prática, até que se unam numa só.

É difícil se a pessoa não busca ativamente desenvolver sua personalidade, desenvolver sua capacidade de amar o próximo, ter humildade, coragem, fé e disciplina.

É preciso que as pessoas não se tratem como objetos, mas se relacionem de forma produtiva. A capacidade de amar, como ato de dar, depende do desenvolvimento do caráter do indivíduo. A pessoa supera a dependência, a onipotência narcísica, a vontade de explorar os outros, ou de acumular bens, e adquire fé em seus poderes humanos e coragem para contar com eles na consecução de seus objetivos.

Faltando estas qualidades, o sujeito tem medo de se dar e, portanto, de amar. O amor envolve certos elementos básicos: cuidado, responsabilidade, respeito, conhecimento, dignidade e principalmente caráter.

O cuidado é a preocupação ativa com a vida e o crescimento de quem amamos. Onde não há essa preocupação não há amor... Amor é atitude!

A essência do amor é, pois, "trabalhar" para permitir que o amor floresça, e "fazer alguma coisa para que esse amor cresça", porque amor e trabalho são inseparáveis. Ama-se aquilo por que se trabalha e trabalha-se por aquilo que se ama.

Nosso artigo aborda este amor fraterno, que deve existir entre os profissionais de saúde e os seus pacientes.

Amor é, fundamentalmente, doação. Dar de si.

Quem não pode dar é impotente.

Quem é capaz de dar-se é rico.

O que uma pessoa pode dar à outra?

Dá o que tem de mais precioso, dá a sua alegria, o seu interesse, a sua

compreensão, o seu conhecimento, o seu humor e, fundamentalmente, a sua dedicação. Dar implica fazer da outra pessoa também um doador, e ambos compartilham a alegria de haver trazido algo à vida. No ato de doar, algo nasce, e ambas as pessoas envolvidas são gratas pela nova vida que para ambas nasceu.

Com relação, especificamente, ao amor isso significa: o amor é uma força que produz amor.

Se verdadeiramente amo alguém, então amo a todos, amo o mundo, amo a vida.

Só há uma prova da presença do amor: a profundidade da relação e a vivacidade e o vigor de cada pessoa envolvida. Este é o fruto pelo qual o amor é reconhecido.

“O amor é um ato de fé, e todo aquele que tem pouca fé também tem pouco amor”.

“O amor é a única resposta sã e satisfatória para o problema da existência humana”.

Assim, os profissionais da assistência devem atuar com cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento, atitudes que devem ser encontradas na pessoa madura. Uma pessoa madura desenvolve seus poderes de forma produtiva: quer apenas ter aquilo por que batalhou, renunciou aos seus sonhos narcisistas de onisciência e onipotência, adquiriu humildade baseada naquela força interior que somente a atividade produtiva pode proporcionar.

O amor é soberbo, como uma esfinge que guarda um segredo, “decifra-me ou devoro-te” — um enigma que temos que desvendar para fazer valer nossa existência, um trabalho para uma vida... ou várias.

A prática da arte de amar requer: sensibilidade, humildade, fé, produtividade, disciplina, concentração, paciência, coragem, atividade, superação do narcisismo.

O amor assim experimentado é um desafio constante: ele não é um lugar de descanso, mas um movimentar-se, crescer, trabalhar juntos.

Por que o conhecimento nos liberta?

À medida que temos informações e conhecimentos, podemos fazer reflexões, indagações, considerações, aumentando a noção preexistente, possibilitando-nos uma visão clara e mais amadurecida da realidade que nos cerca.

Voltando à publicação “Errar é humano”, quatro afirmações balizaram este relatório:

O problema dos danos causados por eventos adversos é grave;

O principal problema está em sistemas falhos e não em falhas de pessoas;

É necessário redesenhar os sistemas;

A segurança do paciente deve se tornar uma prioridade.

Concluindo, compete aos profissionais da saúde, além de dedicação e competência, praticar o amor fraterno nas suas relações com seus pacientes e com a equipe multiprofissional.

Assim, se “o amor é a única resposta sã e satisfatória para o problema da existência humana”, o amor fraterno é, neste cenário, a única resposta efetiva que pode promover o início de uma transformação na prática assistencial em favor da almejada segurança do paciente.



PLUS JAMAIS

Ubirajara B. Franco*

Aprendi na escola, e quantos anos já passaram a confundir-me a memória, que a expressão NUNCA MAIS é adjunto adverbial, ou complemento circunstancial, classificação esta que parece não ser mais contemplada pela nova gramática da língua portuguesa.

É estranho como as regras gramaticais mudam, como se alteram até os nomes dos elementos das orações, como mudam os significados das palavras. E esta mudança é de tal vulto, que o português falado pelos descobridores do Brasil, hoje seria simplesmente ininteligível para nós.

Mas os usos e costumes do povo, por mais extravagantes que nos pareçam e por mais força que tenham para determinar a alteração linguística dos povos, sempre esbarram em certas palavras ou mesmo expressões que são naturalmente imutáveis, até porque os seus significados extrapolam o nosso linguajar e tanger a própria eternidade.

E, entre elas, acham-se aquelas que se prestam para expressar os predicados da alma, como as palavras AMOR, ESPERANÇA, SAUDADE, LEMBRANÇA, PERDÃO, e tantas outras, dotadas de tal carisma e de tal magia, que são praticamente insubstituíveis, não encontrando sinônimos no vernáculo.

Mas, entre todas as expressões imutáveis no tempo e no espaço, particularmente, chama-me a atenção a expressão NUNCA MAIS que nem mais sei qual é a sua classificação sintáctica.

Só sei que é a mais triste, a mais cruel, a mais dura expressão que existe. Foi concebida, por certo, por desalmado gênio que, num só golpe, quis decapitar a palavra esperança.

Enquanto esta brilha qual tênue luz no fim do túnel, ou se assemelha a um galho ao qual o afogado se apegava, aquela é implacável e soa como surdo jogar de terra sobre o caixão de pessoa querida.

Enquanto a primeira traduz a continuidade da vida, a segunda nos dá a triste certeza da impossibilidade do reencontro.

* Escritor, advogado, membro da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, com sede em Uberaba - MG.

Nem mesmo a própria palavra *adeus* encerra tanta crueldade. É que, implícita nestas “cinco letras que choram”, na feliz colocação do poeta, acha-se o alento de vaga esperança, envolvida num gesto, camuflada num olhar, envolvida no aceno de um lenço que se perde na curva do tempo. Em última hipótese, Deus aparece no final da palavra, e ele é o vértice de todas encruzilhadas...

Já a expressão NUNCA MAIS é ímpia, é ateísta. Seria até romântica se não fosse tétrica. Soa qual fatal gongo na hora extrema, despido do ondulante ressonar de outros gongos, que rola alma adentro, espaço afora, numa simbólica demonstração da perpetuidade das coisas.

E, melancolicamente, dentro da solidão que me persegue, minha boca trêmula a repete:

Nunca mais o jogo de beto no largo da igreja. Nunca mais a pesca de lambaris lá no córrego do Lava-Pés. Nunca mais a emoção do primeiro beijo roubado no portão da casa dela. Nunca mais o seu perfume de água de colônia. Nunca mais a voz de minha mãe, chamando-me para tomar leite na caneca de alumínio, naquela tarde de setembro. Nunca mais escutá-la rezando baixinho na hora de dormir, e pedindo por todos da família. Nunca mais todos da família. Nunca mais eu...



CAMINHANTE

Olavo Romano

De caminhos não entendo,
Eu só sei do caminhar.
Sei que a estrada vai-se abrindo
Nas passadas que eu vou dar.
Minha força em cada gesto
Vem na decisão de andar.

Na boca da encruzilhada
Sem saber por onde ir,
procuro aviso no vento,
peço a brisa e então me exponho
lembrando o recado antigo
que um dia seguiu comigo
– memória do que era sonho.

Se às vezes tropeço e caio
É levantar e seguir.
No chão me deixo marcado,
Na sola do meu sapato,
E a sombra que então se estende
Testemunhando a passagem
Entre a terra e o sol, vai meu rastro.

Não pergunto qual o rumo,
Não interrogo o destino.
Meu caminho é ir andando
pelo faro, pelo instinto
lendo os traços já deixados
rumo ao longe que eu pressinto.

O hoje nasceu do ontem
E vai gerando o amanhã.
Cada dia é tempo novo
Hora e vez do viajante.
Enquanto houver mais estrada
Indo sempre mais adiante
Vou me entregando em meus passos
Sem pressa de onde chegar
De caminhos não entendo,
Eu só sei do caminhar.

CARRO DE BOI

Gérson Cunha

Quando, ali, na sala de estar, descanso,
Vejo, defronte, um Óleo sobre tela;
Na verdejante paisagem, aquela,
Encavalgam florais, que ao longe alcanço.

Na estrada, um carro de boi, em remanso,
Com duas parelhas preto-canela,
Inspira-me versos de pastorela,
Tão logo, na pintura, os olhos lanço.

Clássicos arvais, carreiro e candeeiro,
Heroicos, avivam, já, de sobejo,
O tempo meu de menino roceiro ...

E, no quadro, sobrevivendo, reelejo
Alguns valores de que hoje me abeiro:
A simpleza, a paz, o ermo benfazejo!

O ENGENHEIRO POETA

*Paulo Mattoso**

Natural de Cataguases, com raízes familiares em Lagoa Dourada, engenheiro pela Escola de Minas de Ouro Preto. Enrique de Resende (1899-1973) despontou nos anos 30 como uma das maiores expressões do movimento literário Verde, que eclodiu em Cataguases.

Versejando, conseguia conciliar ingredientes aparentemente incompatíveis, como números e poesia. Mas a incompatibilidade é apenas aparente, pois que ambos, o engenheiro e o poeta, se valem do metro.

Dedicou um soneto ao célebre teorema de Pitágoras sobre o triângulo-retângulo e explicou, em versos e com grande objetividade descritiva, a constituição do concreto armado, fazendo dialogar seus dois componentes, o concreto e a armadura, cada qual reivindicando para si a primazia das próprias qualidades, mas terminando por se convencerem da imprescindibilidade de sua união.

Foi membro da Academia Mineira de Letras e, na gestão de Otávio Bulhões, diretor do Departamento de Compras do Ministério da Fazenda, cargo que, em tempos recentes, teria feito a fortuna de muita gente. Pois Enrique de Resende aposentou-se sem ter sequer um teto próprio, legando a seus descendentes apenas o exemplo de uma vida honrada.

Poeta, requereu a aposentadoria em belo soneto – no fundo e na forma – que foi levado pelo Ministro da Fazenda ao presidente Castelo Branco, que a concedeu em cima dos 14 decassílabos pascalianos, a seguir:

*Ex-presidente da Alliance Française, em Belo Horizonte, "Diplôme Supérieur de Langue et Littérature Française" pela Université de Nancy, França; tradutor e intérprete de inglês e francês, reside em Belo Horizonte.

Com excesso de tempo, e grande excesso,
já cumprido o dever, e bem cumprido,
pretendo agora aposentar-me, peço
que defira Vossência o requerido.

Ao redigir a petição, confesso
que, em verdade, me sinto comovido.
Mas a emoção não consta do processo:
razões do coração não têm sentido.

Provo e comprovo o tempo de serviço.
Quanto aos bens – o tesouro acumulado
resume-se nos filhos, que eduquei.

É que, sempre fiel ao compromisso,
tendo entrado bem pobre para o Estado,
hoje saio tão pobre quanto entrei.

Viveu intensamente cada momento da existência, sonhando muito (...”pois quem vive a sonhar não tem idade...”) e inspirando-se nos temas mais díspares para sua fecunda criação poética: a fazenda avoenga, a cidade natal, a casa de João de Barro, o retrato da própria mãe e outros. E Pégasos estava sempre a postos para a cavalgada!

Um de seus últimos sonetos foi dedicado àquela que “as vidas ceifa num ceifar sem fim”: a morte. Sentindo prestes o encontro com ela, redigiu o próprio epitáfio, síntese de seu amor pela vida:

Contra sua vontade, bem se entende,
Sempre amando a vida, como outrora,
Aqui repousa Enrique de Resende.
Que preferia repousar lá fora

NA PEGADA DOS VERDES

Manoel Hygino*

Enrique de Resende é um dos poetas do Movimento Verde de Cataguases, que revelou a cidade da zona-da mata mineira para o Brasil. Foi um acontecimento, supostamente do interior, mas que ganhou dimensões nacionais. Em setembro de 1927, surgiu a Revista VERDE, editada por jovens mal saídos dos bancos ginasiais. O objeto era alinhar-se a outras publicações vanguardistas que apareciam nos grandes centros do país.

Nascido em 1899, na fazenda do Rochedo, seus antepassados se situavam entre os fundadores de Cataguases. Engenheiro, publicou em 1923 poemas simbolistas no volume *Turris Eburnea*, quando aderiu ao Grupo Verde, e foi diretor da Revista.

São de sua autoria também *Poemas Cronológicos*, em parceria com Ascânio Lopes; *Retrato de Alphonsus de Guimaraens* (1938); *Pequena História Sentimental de Cataguases* (1969); *Estória e Memórias* (1970) e *A Derradeira Colheita*.

No decorrer das próximas edições, publicaremos poemas de Resende e de outros Verdes. Faleceu em 1973.

O Autor

Altura: um metro e mais sessenta e sete.
Peso: guardando proporção com a altura.
É engenheiro civil, e se intromete,
sempre que pode, na literatura.

Muito embora os setenta já complete,
Ama a vida – e vivendo-a com doçura,
Faz do seu lar o espelho que a reflete,
Faz do seu mundo um mundo de ternura.

*Jornalista e escritor, ocupa a cadeira 23 da Academia Mineira de Letras. manoelhygino@santacasabh.org.br

Provinciano, e por ser dos mais bisonhos,
rosas não têm as musas fugidias
com que brindá-lo e coroar-lhe os sonhos.

Mas, pobre semeador, de mãos calosas,
ainda espera, no ocaso de seus dias,
possam seus sonhos transformar-se em rosas.

1 O CONCRETO

Mistura de brita e areia
com o fator água-cimento,
em dosagem racional,

não há neste mundo – creia –
quem aguente o que eu aguento.
Você sabe: eu sou o tal.

Em laje, nervura ou cinta,
sapata, pilar (que importa?),
não tenho receio, não.
Desafio-a a que me diga
quem melhor do que eu suporta
esforços de compressão.

Quando, impávido, mergulho
nos subsolos, e a terra
se amolda aos desejos meus,
domina-me o estranho orgulho
de que em meu corpo se encerra
a essência de um novo Deus.

2 A ARMADURA

Vaidoso e tolo... Reflita
no que diz, e não se iluda,
vendo as causas como vê.
A areia, o cimento, a brita,
que valem, sem minha ajuda?
– Sem mim, que vale você?

Sou mulher. E por amá-la,
vendo curvar-se-lhe o dorso,
a um excesso de tensão,
gostaria de livrá-la
desse tirânico esforço,
que é o seu algoz – a tração.

É mister que se convença:
tudo somos, quando unidos,
pouco somos, quando sós.
Deixemos de desavença,
e casemo-nos, querido:
o mundo espera por nós.

3 O CONCRETO ARMADO

Consoiciaram-se. O idílio
do Concreto e da Armadura
em paixão se transformou.
E, passados nove meses,
do consórcio nasce um filho:
Concreto Armado – aventura
da Armadura e do Concreto,
que o mundo transfigurou.

E é um fenômeno o rebento,
pois ao contrário dos homens,
à medida que envelhece,
mais enrijece... E porque
traz nas veias dois hormônios,
que nas veias não trazemos:
tem da mãe o sigma-efe,*
tem do pai o sigma-cê.

*Sigma-efe – tensão admissível do ferro; sigma-cê – tensão admissível do concreto.

OS OSSOS

I

Do fundo do sepulcro os ossos falam,
Com seu silêncio de osso, eles falam,
O verbo é a imagem das suas tibiezas:
Eis o pó a que tudo se resume,
O pó, a essência última das coisas,
A substância alquímica dos deuses,
O segredo visível mas não visto.
E falam mais da vida que da morte:
Eis os ossos de reis e de rainhas,
Os ossos de grão-duques e de servos,
Os ossos dos primeiros e dos últimos...
São ossos iguais a ossos, ossos são
Não mais que ossos-irmãos: foram cozidos
De um mesmo barro e pelas mesmas mãos.

*Daniel Mazza**

*Poeta, autor de A Cruz e a Força.

II

A eloquência dos ossos, silenciosa,
Traz muito mais verdades que provérbios
E salmos. Sábia é a voz dos ossos mudos.
O verbo é a imagem das suas tibiezas,
E a imagem pronuncia o branco ósseo.
Com seu silêncio de osso, eles falam,
E contam-nos segredos em parábolas:
“Quando ossos fecundam outros ossos,
Quando ossos enterram outros ossos,
E não vêem o seu sangue em outros ossos,
Quando ossos comem carne e deixam ossos
A outros ossos. Quando ossos matam ossos...
É tempo de cegar a carne, e ouvir
O silêncio dos vossos próprios ossos.

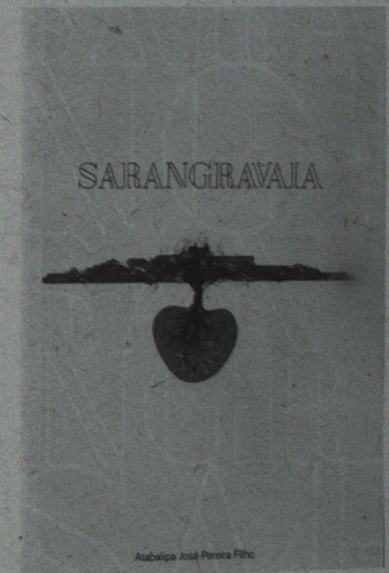
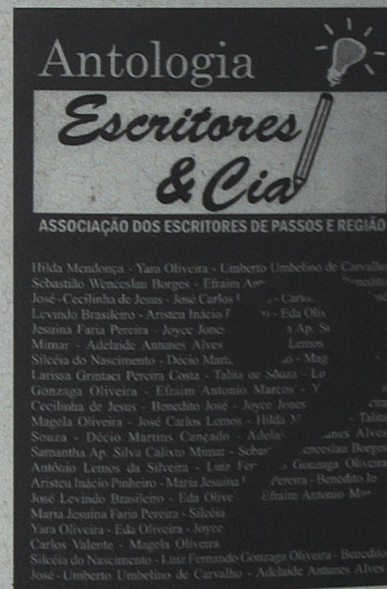
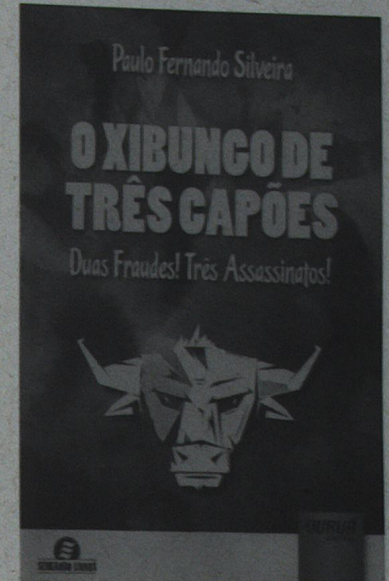
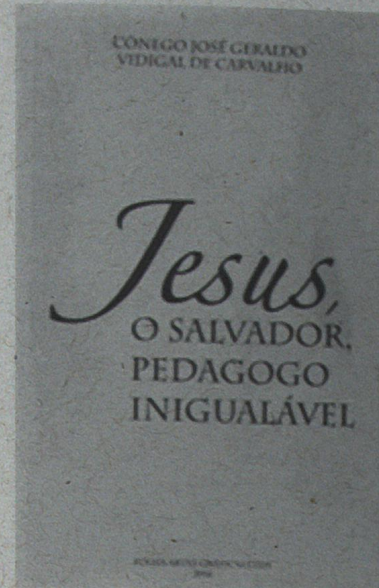
AMOR VERDADEIRO

*João Barbosa**

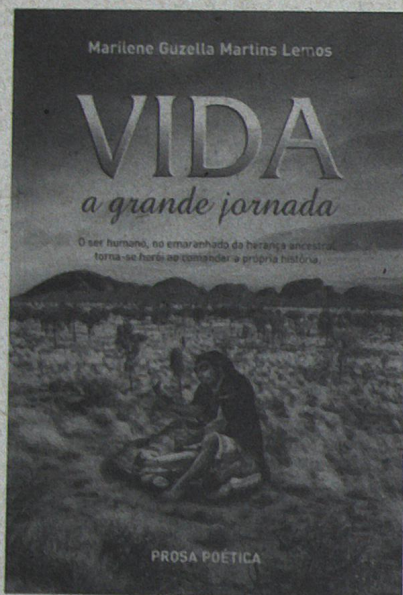
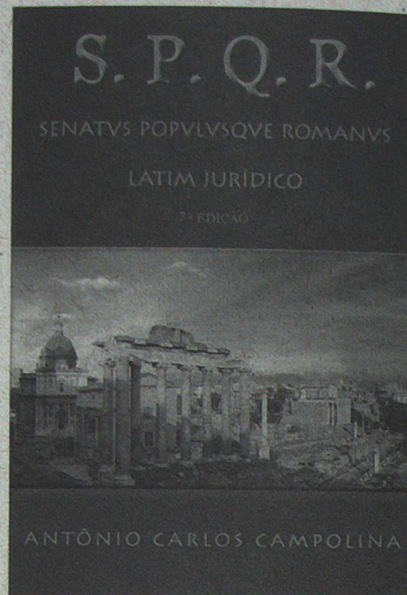
Procurei o amor verdadeiro,
Na terra e na vastidão do mar;
Nas nuvens e no espaço inteiro
De todo universo em pleno ar.
Procurei o amor verdadeiro
Em todas as formas de amar
De todo coração aventureiro
Que gente chegue a imaginar.
Procurei o amor verdadeiro
Em todo lugar e paradeiro,
E na verdade eu nem supus
Que esse amor verdadeiro
Não se acha no mundo inteiro,
Mas só em Cristo Jesus.

*Poeta, vários livros só de poesias publicados. Reside em Extrema-MG.

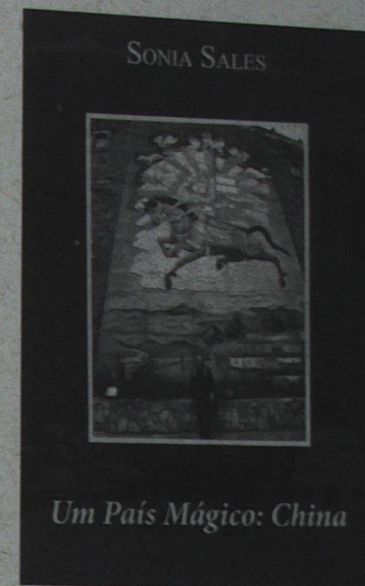
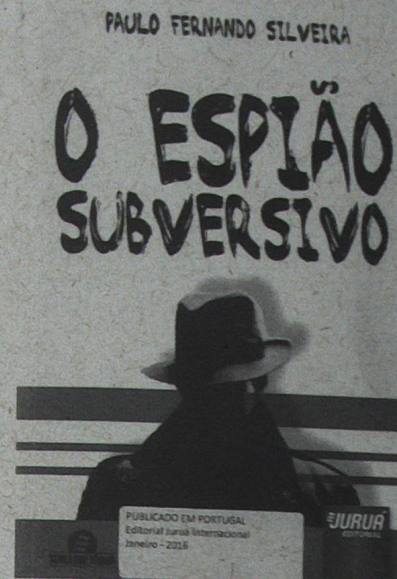
OBRAS RECEBIDAS



OBRAS RECEBIDAS



OBRAS RECEBIDAS



Academia Mineira
de Letras

QUADRO ACADÊMICO

Patronos, fundadores e ocupantes



** Em maiúsculas foram ou são nomes literários geralmente utilizados pelos acadêmicos.*

CADEIRA nº 1

Patrono: VISCONDE DE ARAXÁ – Domiciano Leite Ribeiro
Fundador – ALBINO de Oliveira ESTEVES CYRO Versiani DOS ANJOS; DANILO GOMES.

CADEIRA nº 2

Patrono: ARTHUR FRANÇA
Fundador – ALDO Luiz DELPHINO dos Santos Ferreira Lobo
JOSÉ OSWALDO de Araújo; Oswaldo SOARES DA CUNHA; BENITO BARRETO

CADEIRA nº 3

Patrono: AURELIANO José LESSA
Fundador – Affonso da Costa Guimarães (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)
MOACYR de Macedo CHAGAS;
AGRIPA Ulysses VASCONCELLOS;
OSCAR Dias CORRÊA;
ANGELO OSWALDO de Araújo Santos

CADEIRA nº 4

Patrono: FREI José Marianno da Conceição VÉLLOSO
Fundador – ÁLVARO Astolpho DA SILVEIRA);
ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO; AMÍLCAR Vianna MARTINS Filho.

CADEIRA nº 5

Patrono: José Maria Teixeira de AZEVEDO JÚNIOR
Fundador – AMANAJÓS de Alcântara Vilhena DE ARAÚJO
ZOROASTRO Vianna PASSOS; CRISTIANO MARTINS da Silva; FRANCISCO de Assis MAGALHÃES GOMES; MIGUEL AUGUSTO Gonçalves de Souza; CARMEN SCHNEIDER Guimarães

CADEIRA nº 6

Patrono: BERNARDO Pereira DE VASCONCELLOS
Fundador – ARDUINO Fontes BOLÍVAR

SALOMÃO DE VASCONCELLOS; Antônio Augusto de MELLO CANÇADO; JOSÉ CARLOS LISBOA; ALAIDE LISBOA de Oliveira; YEDA PRATES BERNIS

CADEIRA nº 7

Patrono: LUIZ CASSIANO Martins Pereira
Fundador – Antônio AVELINO FOSCOLO EDUARDO FRIEIRO; AUSTEN AMARO de Moura Drummond; WILSON de Lima BASTOS; JOÃO BOSCO MURTA LAGES; RICARDO Arnaldo Malheiros FIUZA.

CADEIRA nº 8

Patrono: João BAPTISTA MARTINS
Fundador – BELMIRO Belarmino de Barros BRAGA
WELLINGTON BRANDÃO; EDISON Chrysostomo MOREIRA; MILTON REIS; ROGÉRIO FARIA TAVARES.

CADEIRA nº 9

Patrono: JOSAPHAT BELLO
Fundador – BENTO ERNESTO Júnior – JOÃO ALPHONSUS Guimaraens; DJALMA ANDRADE; Francisco ILDEU da Fonseca BRANDÃO; MÁRCIO Manoel GARCIA Villela

CADEIRA nº 10

Patrono: CLÁUDIO MANOEL DA COSTA
Fundador – Francisco Eugênio BRANT HORTA
JOÃO ETIENNE Arreguy FILHO; FÁBIO Proença DOYLE

CADEIRA nº 11

Patrono: Frei José de SANTA RITA DURÃO
Fundador – CARLOS GÓES LÚCIO José DOS SANTOS; Cônego Francisco Maria BUENO DE SEQUEIRA; Dom JOÃO RESENDE COSTA; DOM WALMOR Oliveira de Azevedo.

CADEIRA nº 12

Patrono: Ignacio José de ALVARENGA (PEIXOTO)
Fundador – CARLINDO LELLIS
JOÃO DORNAS dos Santos FILHO; ALBERTO DEODATO Maia Barreto; TANCREDO de Almeida NEVES; OLAVO DRUMMOND; CONÊGO José Geraldo VIDIGAL de Carvalho.

CADEIRA nº 13

Patrono: José Pedro XAVIER DA VEIGA
Fundador – José Joaquim do CARMOGAMA José GODOFREDO de Moura RANGEL; Dom ANTONIO d'Almeida MORAES Júnior; JOÃO FRANZEN DE LIMA; PAULO TARSO FLECHA DE LIMA.

CADEIRA nº 14

Patrono: JOSÉ Cândido da Costa SENNA
Fundador – Joaquim Cândido da COSTA SENNA
Francisco Teive de ALMEIDA MAGALHÃES; JOÃO VALLE MAURÍCIO; ANTONENOR PIMENTA Madeira.

CADEIRA nº 15

Patrono: BERNARDO Joaquim da Silva GUIMARÃES
Fundador – DILERMANDO Martins da Costa CRUZ
MOACYR Assis ANDRADE; ODAIR DE OLIVEIRA; Hélio ARMOND WERNICK Cortes; BONIFÁCIO José Tamm de ANDRADA

CADEIRA nº 16

Patrono: Francisco de PAULA CÂNDIDO
Fundador – DIOGO Luiz de Almeida Pereira de VASCONCELLOS
MÁRIO Gonçalves de MATTOS; WALDEMAR Versiani DOS ANJOS;
FLAVIO NEVES; WILSON de Abreu CASTELLO BRANCO; JOSÉ AFRANIO MOREIRA DUARTE; RONALDO COSTA COUTO;

CADEIRA nº 17

Patrono: CONDE DE PRADOS (Dr. Camillo Maria Ferreira Armond)
Fundador – EDUARDO DE MENEZES JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA; ABGAR de Castro Araújo RENAULT; – ALUÍSIO PIMENTA; VAGA

CADEIRA nº 18

Patrono: Manoel Ignacio da SILVA ALVARENGA
Fundador – ESTEVAM José Cardoso de OLIVEIRA
ABÍLIO Velho BARRETO; ARTHUR VERSIANI VELLOSO; JOSÉ HENRIQUE SANTOS.

CADEIRA nº 19

Patrono: Padre-Mestre José Joaquim CORRÊA DE ALMEIDA
Fundador – FRANCISCO LINS MÁRIO MENDES CAMPOS; PADRE José Carlos BRANDI ALEIXO.

CADEIRA nº 20

Patrono: ARTHUR LOBO
Fundador – FRANKLIN DE Almeida MAGALHÃES
EMÍLIO Guimarães MOURA; WILSON MELLO da Silva; ARIOSVALDO DE CAMPOS PIRES; HINDENBURGO Chateaubriand Pereira-DINIZ ;

CADEIRA nº 21

Patrono: FERNANDO DE ALENCAR
Fundador – GILBERTO DE ALENCAR NELSON Soares DE FARIA; OSCAR NEGRÃO DE LIMA; HILTON Ribeiro da ROCHA; CAIO MÁRIO da Silva Pereira; ELIZABETH Fernandes RENNÓ de Castro Santos.

CADEIRA nº 22

Patrono: JÚLIO César RIBEIRO
Fundador – HEITOR GUIMARÃES

PAULO de Araújo REHFELD; FÁBIO LUCAS Gomes.

CADEIRA nº 23

Patrono: JOAQUIM FELICIO dos Santos
Fundador – Dom JOAQUIM SILVERIO de Souza
Cândido MARTINS DE OLIVEIRA Júnior; VICTOR NUNES LEAL; RAUL MACHADO HORTA; MANOEL HYGINO dos Santos.

CADEIRA nº 24

Patrona: BARBARA ELIODORA Guilhermina da Silveira
Fundador – JOÃO LÚCIO Brandão CLÁUDIO da Silva BRANDÃO; Henrique Vieira de Rezende (ENRIQUE DE RESENDE); SYLVIO MIRAGLIA; EDUARDO Brant ALMEIDA REIS.

CADEIRA nº 25

Patrono: AUGUSTO FRANCO
Fundador – JOÃO Augusto de MASSENA PAULO PINHEIRO CHAGAS; Antônio AURELIANO CHAVES de Mendonça; FRANCELINO PEREIRA dos Santos.

CADEIRA nº 26

Patrono: EVARISTO Ferreira DA VEIGA e Barros
Fundador – JOSÉ EDUARDO DA FONSECA MÁRIO CASASANTA; HENRIQUETA LISBOA; LACYR Annuziata SCHETTINO; Padre JOÃO BATISTA MEGALE; BARTOLOMEU Campos QUEIRÓS; ANGELO Barbosa Monteiro MACHADO.

CADEIRA nº 27

Patrono: Eduardo CORRÊA DE AZEVEDO
Fundador – JOSÉ Francisco da PAIXÃO Antônio AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR; CARDEAL Dom Carlos Carmello de VASCONCELLOS MOTTA; DOM OS-

CAR DE OLIVEIRA; Padre PASCHOAL RANGEL; AFONSO HENRIQUES Guimaraens Neto.

CADEIRA nº 28

Patrono: AMÉRICO LOBO Leite Pereira
Fundador – JOSÉ RANGEL GUILHERMINO CÉSAR da Silva; JOSÉ BENTO Teixeira de Salles; MÁRCIO SAMPAIO.

CADEIRA nº 29

Patrono: AURELIANO Pereira Corrêa PIMENTEL
Fundador – LINDOLPHO GOMES MILTON Soares CAMPOS; PEDRO ALEIXO; GUSTAVO CAPANEMA Filho; MURILO Paulino BADARÓ; AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO Filho.

CADEIRA nº 30

Patrono: OSCAR Nogueira DA GAMA
Fundador – LUÍZ Joaquim DE OLIVEIRA OILIAM JOSÉ

CADEIRA nº 31

Patrono: LUCINDO Pereira dos Passos FILHO
Fundador – Antônio Vieira de Araújo MACHADO SOBRINHO Francisco de SALLES OLIVEIRA; MANOEL CASASANTA; WALDEMAR Diniz Alves PEQUENO; LUÍS CARLOS DE PORTILHO; RUI MOURÃO.

CADEIRA nº 32

Patrono: MARQUÊS DE SAPUCAÍ (Cândido José de Araújo Vianna)
Fundador – MÁRIO Franzen DE LIMA HELI MENEGALE; ALMIR DE OLIVEIRA; CARLOS BRACHER.

CADEIRA nº 33

Patrono: EDGAR DA MATTA Machado
MÁRIO Antônio de MAGALHÃES Go-

mes; AIRES DA MATA MACHADO FILHO; NANSEN ARAÚJO; JOSÉ CRUX Rodrigues Vieira; VAGA

CADEIRA nº 34

Patrono: THOMAZ Antonio GONZAGA
Fundador – Joaquim MENDES DE OLIVEIRA NORALDINO LIMA; NILO APARECIDA Pinto; JUSCELINO KUBITSCHK de Oliveira; AFFONSO ARINOS de Mello Franco; GERSON de Britto BOSON; ORLANDO de Oliveira VAZ Filho

CADEIRA nº 35

Patrono: JOÃO PINHEIRO da Silva
Fundador – NAVANTINO SANTOS EUGÊNIO Alvares RUBIÃO; Affonso da SILVA GUIMARÃES; ORLANDO Magalhães CARVALHO; CARLOS MÁRIO da Silva VELOSO.

CADEIRA nº 36

Patrono: José ELOY OTTONI
Fundador – NELSON Coelho DE SENNA OSCAR MENDES Guimarães; WILTON CARDOSO de Souza; ALOÍSIO Teixeira GARCIA

CADEIRA nº 37

Patrono: Manoel BASILIO FURTADO

Fundador – OLYMPIO Rodrigues DE ARAÚJO ANÍBAL Pinto de MATTOS; EDGARD DE VASCONCELLOS Barros; OLAVO Celso ROMANO.

CADEIRA nº 38

Patrona: BEATRIZ Francisca de Assis BRANDÃO
Fundador – PAULO Emilio da Silva BRANDÃO HONORIO ARMOND; VIVALDI MOREIRA; PEDRO ROGÉRIO Couto MOREIRA

CADEIRA nº 39

Patrono: José BASILIO DA GAMA
Fundador – PLÍNIO Sérgio de Noronha MOTTA JOÃO CAMILLO de Oliveira Torres; EDGAR de Godói da MATA MACHADO; PATRUS ANANIAS de Souza.

CADEIRA nº 40

Patrono: VISCONDE DE CAETÉ (José Teixeira da Fonseca Vasconcellos)
Fundador – Francisco Augusto PINTO DE MOURA; AFFONSO PENNA JUNIOR; MARIA JOSÉ DE QUEIROZ.

Impresso em 2016 nas oficinas da
IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Av. Augusto de Lima, 270 – Centro – BH – Fone: (31) 3237-3400
www.imprensaoficial.mg.gov.br

Revisão de texto, projeto gráfico e diagramação de responsabilidade do encomendante